

AO EXM. SENR. SENADOR DOUTOR

*Benedicto Pereira Leite*

*Como testemunho do mais profundo respeito e  
da mais subida consideração e estima*

*Offerece esta "Segunda Parte"*

*O Auctor.*

## AO PUBLICO



O lisonjeiro e singular acolhimento que ao publico e á imprensa de todo o paiz mereceu a *Primeira Parte dos Apontamentos para a Historia da Revolução da Balaiada na provincia do Maranhão*, acolhimento tal que, se nos era licito ambicionar-o bem longe entretanto estavamos de esperal-o, deu-nos coragem para novos emprehendimentos, animando-nos a proseguir na publicação deste modesto trabalho.

A *Segunda Parte*, que ora vê a luz da publicidade, abrange a administração do presidente Manoel Felisardo de Souza e Mello, isto é, todo o agitado periodo que decorre de 3 de Março de 1839 a 6 de Fevereiro de 1840.

Por todos os titulos, parece-nos ser este o periodo mais importante da Balaiada.

Aos grandes e terriveis elementos, com que já então contava a revolução, novos, mais ricos e mais podêrosos talvez, vieram juntar-se-lhe durante todo o anno de 1839, originando-se d'ahi uma série de combates e ataques, resumidos ás vezes, é verdade, no numero dos combatentes, mas nem por isso menos renhidos e disputados, e em que, não raro, levavam os rebeldes a melhora.

Foi ainda durante esse anno que teve a provincia de assistir aos seus maiores desastres, a começar pela capitulação da mallograda expedição dos Angicos, que teve logo, como consequencias immediatas, as perdas do Brejo, Tutoya, Miritiba e Caxias.

Por todos estes motivos tive de dar a esta muito mais desenvolvimento que á *Primeira Parte*, pelo que tornou-se ella um tanto mais volumosa.

Agora quanto aos subsidios.

Aos que já tinhamos ao dar principio á elaboração deste trabalho, e de que já fizemos menção quando publicámos a *Primeira Parte*, temos a acrescentar mais o seguinte:

*Todo o archivo particular*, pertencente ao Coronel Augusto Cesar da Rocha, ha pouco fallecido, e que bondadosamente nos foi doado pelo seu illustre filho o senhor Doutor Augusto de Mello Rocha.

Como é geralmente sabido aqui no Estado, foi aquelle venerando cidadão um dos mais strennos defensores da legalidade.

Na villa do Rosario, onde residio sempre, e onde gozava de tradicional prestigio, levantou por aquelle tempo forças, assoldou-as á sua custa, e enquanto durou a rebelião, teve sempre elle o commando das tropas n'aquella villa e suas circumvisinhanças, illustrando o seu nome em diversos recontros com os rebeldes, e merecendo de todos os presidentes, nomeadamente do Coronel Luiz Alves de Lima (fallecido duque de Caxias) a mais plena e illimitada confiança.

Bem se pode ver d'ahi quam copioso e rico não deve de ser o archivo que lhe pertenceu.

Toda a correspondencia, particular e official, trocada entre elle e os diversos presidentes, bem como a que de outros pontos lhe era dirigida, toda, em original, pertence-nos hoje, e enriquece o nosso já não pequeno archivo.

Finalizando, cumprimos um dever, dando publico reconhecimento da nossa gratidão a todos quantos com suas assignaturas concorreram para a publicação deste trabalho.

Maranhão, 13 de Abril de 1900.

JOSÉ RIBEIRO DO AMARAL.

Assignala-se como principal causa da demissão de Camargo o facto de ter esse presidente proposto á assembléa legislativa da provincia, e em seguida sancionado, leis reconhecidamente superiores aos poderes legislativos dessas assembléas, leis usurpadoras, que offendiam a legislação geral do imperio, avultando, entre outras, a celebre—lei dos prefeitos—, e a da—reforma da guarda nacional—.

O «Cidadão», de 10 de Janeiro d'aquelle anno, referindo-se ao seu governo, assim se exprime: «Sua imbecil e estúpida administração conduzia a provincia a um estado ameaçador, que aquelles mesmos que por paga de caballas o mandáram para alli, se julgáram desobrigados por seus feitos de o conservar por mais tempo nesse logar de gratidão».

Quaesquer, porem, que fossem as causas, o certo é que foi esta mudança bem acolhida.

A «Aurora Fluminense», jornal da opposição, por ventura o mais bem escripto de quantos se publicavam então na côrte do imperio, e de que era redactor o grande Salles Torres Homem, censurando a marcha administrativa que no Ceará havia seguido o presidente Manoel Felisardo, declarava, nada menos, que eram excellentes as suas qualidades pessoaes, estimadas por quantos o conheciam. Esta declaração, insuspeita, attenta a posição politica de quem a fazia, e geralmente conhecida na capital da provincia; e mais o facto de confessarem todos os que tinham conhecimento da pessoa do novo presidente, ser elle dotado de grande probidade e inteireza, bem como isenção e independencia de character, attrahiram-lhe para logo as sympathias do povo e da opposição, tão cançados já das prepotencias e despotismos do seu antecessor.

Referindo-se ao novo presidente, dizia a «Chronica» :

«O sr. Manoel Felisardo vem encontrar o Maranhão dividid o em dois partidos: um, occupando todos os cargos, outro, quasi inteiramente excluido delles; um, que venceu nas ultimas eleições, ajudando-se despejadamente da violencia, da corrupção, e das trapaças; outro, que sendo victima desses criminosos manejos, nem por isso perturbou a ordem para vindicar os seus direitos surpados. O partido dominante tendô compromettido o seu an-

tecessor, e occasionado a sua demissão, nem por isso porá termo ás suas exigencias, e para as satisfazer pouco se importará de comprometter a tudo quanto ha; a opposição, porem, contenta-se com a fiel execução das leis, com uma administração imparcial e justiceira, sem exigir do governo provincial o menor sacrificio que o possa comprometter.

Tenha, embora, a opposição convicções erroneas, seja ella, embora, uma diminuta minoria como inculcam os seus inimigos com um cuidado que os atraíçoa, nem por isso tem ella menos direito á protecção das leis, nem o ser inimigo dos que dominam é o mesmo que ser inimigo das leis, da ordem, e da sociedade. A unanimidade é a tyrannia.

Governe pois o sr. Manoel Felisardo, e não se deixe governar; observe as cousas pelos seus proprios olhos, e não pela lente baça e enganadora de apaixonados intrigantes; julgue a opposição pelos factos, e não pelas calumnias de seus inimigos; tracte a todos com animo igual, e não converta a sua casa em club de faccionarios, que fará bom governo, e a provincia o ha de bemdizer.

Nós pelo menos conflamos que a sua administração não será a continuação da do sr. Camargo». (1)

Foi, pois, sob os melhores auspicios, que assumio o presidente Manoel Felisardo as redeas da administração da provincia.

Uma vez, porem, no governo, deixando-se levar por informações de seu antecessor, em vez de procurar conhecer por si mesmo o estado das cousas, officiou para a Córte, logo no dia immediato ao da sua posse, assegurando achar-se a provincia em paz, e a rebellião inteiramente abafada; mas, em breve, reconheceu o erro em que havia cabido, pois que, onze dias depois, a 25 de Março, teve de officiar de novo, desdizendo-se da parte que tão impensada e irreflectidamente dera dos negocios da provincia. (2)

(1) Chronica Maranhense—n. 116 de 12 de Março de 1839.

(2) Officios do presidente Manoel Felisardo.

E com effeito, batido na «Barra do Longã», e repellido pelo bravo tenente-coronel José Francisco de Miranda Ozorio para a margem esquerda do Parnahyba, isto é, lançado outra vez para o territorio desta provincia, acolheu-se Raymundo Gomes ás matas do Mocambo e Bella Agua, que lhe ficavam mais proximas, com aquelles de seus companheiros que haviam escapado á derrota, e procurando refazer-se ahí da repulsa que tinha soffrido, começou a despachar sequazes seus a Campo Maior e outros logares para alliciar gente, e a congregar elementos novos afim deprehenderem, juntos, a ingloria tarefa de devastarem e arruinarem a provincia.

Se nesta occasião o capitão Pedro Alexandrino, ou o prefeito do Brejo que dispunha de força numerosa e respeitavel, de cerca de 400 homens, entre os quaes 160 de 1ª linha, tivesse feito sahir, em direcções diversas, pequenas partidas exploradoras para baterem os pontos, onde se suppunha e se dizia mesmo estarem os fugitivos, certo que seriam elles collidos de surpresa e baldos de recursos de defeza, estaria deste modo aniquilada a revolta com a prisão ou morte dos facciosos.

Assim, porem, não aconteceu.

Deixou-se o prefeito ficar na mais completa inacção; e os rebeldes, que a principio só procuravam occultar-se ou esquivar-se ás forças legaes, começaram, d'ahi em diante, a apparecer em grupos mais numerosos, infestando os logares do Mocambo, Queimadas da Soledade, Espigão, Miritiba, Bella Agua, Chapadinha, Mariquitas e Caissara.

«Acabamos de receber cartas, dizia a «Chronica Maranhense», que nos dão noticia de que os logares de Mariquitas, Caissara e outros na beira do Parnahyba, todos pertencentes ao territorio desta provincia, se acham infestados de faccinorosos que commettem frequentes roubos, alguns assassinatos, e trazem a população honesta em continuos sustos. O tal João Cardoso que se revoltou no tempo de Raymundo Gomes, e começou por soltar alguns recrutas que estavam presos, acha-se hoje escondido nas matas com doze dos seus sequazes, e a alguns dos deste bando se attribue a morte do sub-prefeito da Tutoya. Acha-se igualmente

te n'aquelles logares um tal Chaves, genro do celebre José Pereira do Jacú, e tem outro bando igual cujos soldados se designam por nomes symbolicos, como sejam: Relampago, Trovão, Corisco, Raio, Caninana, Sete Estrellas, Tetêo, Andorinha, Tigre, etc. Estas reuniões podem facilmente engrossar, e seria bom que o nosso governo tratasse de atalhar o mal em quanto é tempo; não succeda algum desaguizado, e não venha depois o «Investigador» dizendo que foi promovido por hemtevis». (1)

Por aquelles mesmos tempos, e quasi sem que o governo o suspeitasse, novo elemento se preparava para dar mais força e vigor á revolução.

Então, como ainda hoje, era o Itapecurú o principal rio da provincia. Em toda a longa extensão de suas margens descobriam-se numerosas propriedades, bellissimas fazendas, e ricas e florescentes villas e povoações, attestado vivo da prosperidade e felicidade que fruiam os seus habitantes. Só a escravatura que animava aquelles diversos estabelecimentos agrarios computava-se em vinte mil africanos, o que não poucas vezes ameaçava o socego publico, subtrahindo-se parte della ao jugo do senhorio, e aqui lombando-se nas mattas, d'onde em sortidas iam roubar as fazendas circumvisinhas, sendo necessario força armada para captural-os. Isto que se dava em tempos normaes, que era um facto que estava a chamar constantemente a attenção e os cuidados de todos os governos, que chegou a reproduzir-se mesmo em nossos dias, havia dobrado de intensidade com o apparecimento da rebellião. Fugitivos das suas casas, deixavam os fazendeiros á mercê dos rebeldes seus casaes e escravos, e aproveitando-se estes do ensejo para fugir ao trabalho das lavouras devastadas, iam-se acoutando n'aquella parte da costa que fica entre as bandas da Tutoya e Priá. Foi ahí que appareceu o Cosme.

Evadido das cadeias da capital, tido e havido por feiticeiro, e gozando por isso de grande ascendente entre os de sua raça, poz-se este famigerado bandido á testa de tres mil escravos

(1) Chronica Maranhense—n. 130 de 2 de Maio de 1839.

sublevados, trazendo por esta forma novo e inesperado concurso á rebellião.

—Dom Cosme Bento das Chagas, tutor e imperador das liberdades bemtivis—, assignava-se elle; como tal proclamava á escravatura, dava titulos, conferia postos, tornando-se o terror das fazendas por onde passava !

Sahindo da Chapadinha, em fins de Fevereiro, uma diligencia de 18 soldados para o «Mocambo» affim de prender a Francisco Ferreira, um dos sequazes de Raymundo Gomes, que alli se achava com bastante gente reunida, aconteceu ser ella atacada por uma guerrilha um tanto numerosa do dicto Ferreira, dando em resultado a morte de um soldado de 1.<sup>a</sup> linha e quatro feridos, inclusive o commandante. Trinta homens desta guerrilha atacaram ainda, em seguida, a casa de um certo Calisto, resultando o ferimento deste, a morte de um seu rapaz e a de um dos da guerrilha. (1)

Constando ao prefeito do Brejo acharem-se os rebeldes na fazenda das «Lorangeiras», organizou uma pequena expedição para ir batel-os, confiando o commando da mesma a Antonio Pereira, que retirou-se, precipitadamente, no começo da acção, chegando áquella villa oito dias antes de seus commandados. O alferes Graça conseguiu manter o posto durante algum tempo, mas teve de ceder finalmente á força de numerosos reforços chegados aos rebeldes, e retirou-se para o Brejo, soffrendo a legalidade uma perda de 2 mortos e 10 feridos, sem que se colhesse a minima vantagem. (2)

Teve isto logar em principios de Março.

Como se vé, o resultado destes dois pequenos encontros de rebeldes com forças legaes foi de todo favoravel áquelles, que

---

(1) Officio n. 260 de 28 de Fevereiro de 1839, do sub-prefeito do Iguará José E. P. da Silva Coqueiro ao do Icatú João Gonçalves Barbosa.

(2) Officio, de 12 de Março de 1839, do capitão Pedro Alexandrino de Andrade ao presidente Manoel Felisardo de Souza e Mello.



ficáram senhores do campo, influindo isto não pouco para estimulal-os a novas empresas.

Foi ao receber semelhantes noticias, em meados de Março, poucos dias portanto depois de haver assumido o governo, que reconheceu o presidente Manoel Felisardo quão facil havia sido nas informações que prestára para a Córte sobre os negocios da provincia.

A revolta apparecia de novo, e desta vez, mais pujante, exigia o emprego de providencias promptas e energicas para suffocal-a.

Assim pois, apparelhou uma força de 40 homens, de que nomeou commandante, bem como de todas as outras que operassem no interior, ao major Feliciano Antonio Falcao, official que já então gozava de reputação invejavel pela sua honestidade, bravura, e grande experiencia dos negocios militares, e por isso geralmente apontado como o mais apto para semelhante commissão. Mandou ainda o presidente que, sob as ordens d'aquelle illustre official, passasse a servir o capitão Pedro Alexandrino; fez seguir para o Icatú, afim de obrarem como melhor lhes aprouvesse, o trate vinte e oito de Julho, e uma lancha armada com 60 homens de mar e 11 soldados de artilharia; e officiou ao coronel José Coelho de Souza, chefe de legião de guardas nacionaes da comarca da capital, determinando-lhe que ficavam suspensas todas as dispensas concedidas a funcionarios publicos, enquanto durasse a guerra, devendo serem as mesmas empregadas nas rondas nocturnas.

Ainda mais, desejando pôr a coberto de um golpe de mão a capital, e proteger as vidas e propriedades dos habitantes das diversas localidades do interior, já ameaçadas pelos rebeldes, e attendendo a que já havia feito partir grande parte da força policial para o interior da provincia, sendo a que ficava insufficiente para as rondas, determinou, outro sim, o presidente que as patrulhas do meio dia á meia noite fossem feitas pela reserva e guardas do serviço activo dos batalhões 2.º e 3.º, esperando (dizia o officio) que a briosa guarda nacional da capital, que tantas provas tinha dado de seu zelo pela tranquillidade e ordem publica, e de patrio-

tismo, se prestaria a esse, urgentissimo serviço, e não desmentiria o bom conceito que tanto lhe tinha custado a grangear. (1)

Tem a nomeação do major Falcão a data de 15 de Março.

A 5 de Abril, do lugar «Pau-Deitado», officiava o dicto major ao governo, participando-lhe que, mal saltára na Manga, pusera-se em marcha contra os sediciosos, mas que ainda lhe não fóra possível alcançal-os, porque iam elles sempre fugindo adiante, visto como estavam faltos de armamentos, e munições. O grupo perseguido pelo major Falcão, ao atravessar o riacho do Mel, perdera ainda quasi todo o armamento que tinha. Alem desse, composto de 72 paisanos, asseverava-o referido major haver na Chapadinha outro grupo de 150 homens; em Pedra Grande um outro de 40, sem contar 150 nas Larangeiras, 40 no Surrão, e diversos menores espalhados pela estrada e Mocambinho, ao todo, cousa de 500 homens, pouco mais ou menos. (2)

A 15 de Abril, um mez justamente depois de haver partido da capital, após as maiores fadigas supportadas pela tropa, atravessando caminhos invios e quasi desertos, com agoa sempre pelos joelhos, pois que corria então a estação invernososa, encontrou-se finalmente o major Falcão nos «Mutuns» com um grupo de facciosos commandados pelo pardo Manoel Rodrigues Cocque, (3) ex-cabo do extincto corpo de policia desta provincia.

Eram nove horas da manhã, e achayam-se elles enguerrihados em distancia de um quarto de legoa, em uma matta, no

---

(1) Officio do presidente Manoel Felisardo de Souza e Mello de 31 de Março de 1839.

Idem, idem, do mesmo presidente ao coronel José Coelho de Souza, e aos coroneis chefes da 1.ª e 2.ª legião da capital, de 3 de Abril de 1839.

(2) Officio do major Feliciano A. Falcão ao presidente Manoel F. de S. e Mello, de 5 de Abril de 1839.

(3) Nomeado posteriormente major da guarda nacional, patente que lhe foi cassada na presidencia do finado Dr. Eduardo Olympio Machado, que o perseguiu durante todo o curso de sua administração por crimes que commettera. Falleceu na sua fazenda Bacabal a 15 de Março de 1895, na avançada idade de cento e tantos annos.

centro da qual tinham os seus alojamentos construídos de folhas de palmeiras: deixaram a tropa passar até que se prolongasse com o centro da linha da guerrilha, e começaram o fogo.

Os primeiros tiros dos facciosos foram recebidos pela força com um grito de alegria, sendo o fogo briosamente correspondido, e conservando-se vivo por cinco horas, até que pelas 2 horas da tarde puseram-se os rebeldes em completa retirada.

Tiveram as forças legaes 13 feridos, a saber: 1 sargento e 12 soldados, sendo aquelle e 5 destes do corpo de policia, e 7 da 1.ª companhia de Ligeiros, mas só 3 gravemente; dos facciosos morreram 5, suppondo-se que ficaram muitos feridos, em razão do sangue que se observava pela matta, e mataram dois cavallos da bagagem, pois o maior empenho delles era tomar os cunhetes de munição. (1)

Uma circumstancia ha ainda, e que é muito para notar: Insolentes e altivos pelos successos anteriormente obtidos, e confiados no numero, pois que subiam a 160 homens, chegaram os rebeldes a dizer a um fazendeiro que, se o major Falcão por alli passasse, lhe indicasse o lugar para onde elles iam, que lá o esperariam. Bem caro, porém, tiveram de pagar tamanha audacia!

E entretanto as forças legaes não excediam de 80 homens.

Corriam as cousas por esta forma: o governo a tomar pequenas medidas, enviando minguados reforços para o interior, e a revolta por sua parte a estender-se e a minar a provincia, quando, a 18 de Abril teve logar, nos "Angicos", o mallogro da expedição confiada ao infeliz capitão Pedro Alexandrino, o que não pouco contribuiu para o retardamento das operações, e teve, como consequencia funesta, as perdas consecutivas do Brejo, Tutoya, Miritiba, e Caxias.

E' esta expedição uma das paginas mais tenebrosas da historia desta triste revolução, e, não só pelo concurso das circumstancias que a precederam, mas tambem pela maneira diversa

---

(1) Officio do major Feliciano Antonio Falcão ao presidente Manoel Felisardo de Souza e Mello, de 16 de Abril de 1839.

porque, não ha muito ainda, foi apreciada a conducta do seu desventurado chefe, merece ser mais detida e miudamente estudada.

O illustre auctor da obra—"Algumas Notas Genealogicas"—Livro de Familia (1), á pag. 203, nota—D. J. G. de Magalhães, Memoria Historica da Revolução da provincia do Maranhão desde 1838 até 1840, diz:

"Quem guiar-se por este escriptor, para conhecer a revolução da provincia do Maranhão, seria victima de muitos enganos. Pedro Alexandrino não foi morto pelos rebeldes, embora a primeira noticia fosse esta; trahio a causa legal, e entregou-lhes em Angicos o tenente-coronel João José Alves de Souza e suas forças milicianas. A força de linha bandeára-se com o seu commandante. O proprio Magalhães, mais adiante, pag. 79, menciona varias vezes Raymundo Gomes, acompanhado de Pedro Alexandrino, com referencia a successos de 1840. E até, depois, pag. 118, o faz morrer de uma apoplexia.

Com o respeito devido ao illustre auctor das "Notas Genealogicas", devemos entretanto observar-lhe que da sua parte ha não só manifesto engano e confusão de nomes, mas ainda grave injustiça á memoria do desditoso capitão Pedro Alexandrino.

—Nada ha de commum entre este e o chefe rebelde de que trata o Dr. Magalhães, citado pelo Dr. João Mendes, não ás pags. 79 e 118, como se lê na nota acima, mas sim ás pags 90, 93, 100 e 130 de sua Memoria Histórica. O primeiro, chamava-se Pedro Alexandrino de Andrade; o segundo, Pedro Alexandrino dos Santos.

A "Chronica Maranhense", cujo juizo a semelhante respeito está acima de toda a excepção, pois que verberou constantemente ao commandante das forças da legalidade pela sua fraqueza, incapacidade, e morosidade nas operações de guerra, rende-lhe, não obstante, justiça á sua bravura, ao seu comportamento digno, na expedição dos "Angicos".

---

(1) Dr. João Mendes de Almeida—Algumas Notas Genealogicas—Livro de Familia—São Paulo—1883.

Não ha um só documento do tempo, donde se possa inferir a traição do capitão Pedro Alexandrino. Antes pelo contrario, em todos elles lê-se, mais ou menos, o seguinte:

"E' necessario mesmo confessar que os rebeldes, em geral, não têm praticado crueldades, *feita a grande e terrivel excepção do infeliz capitão Pedro Alexandrino e mais officiaes seus companheiros.*"

(Chronica Maranhense n. 196 de 19 de Dezembro de 1839).

—

"Sabe-se geralmente que até a epocha do desastre do *fallecido Pedro Alexandrino* nenhum habitante do interior abandonou sua casa".

.....

(Correspondencia de Manoel Gonçalves Ferreira Nina, inserta na "Chronica Maranhense" n. 253 de 31 de Julho de 1840).

—

"Cumpre aqui todavia declarar que, se entre os presos que foram soltos, comprehende-se o chamado Mulunguêta, como assevera a "Revista", é nossa opinião que a amnistia não lhe pode aproveitar, *pois esse miseravel passa por auctor do assassinato do capitão Pedro Alexandrino*, o que não é crime politico (de rebelião e sedição) como não o são igualmente os roubos e incendios pelos quaes devem responder os seus auctores.

(Chronica Maranhense n. 274 de 14 de Setembro de 1849).

Ainda mais, na mesma occasião em que o capitão Pedro Alexandrino, na então villa do Brejo, se punha á testa da expedição, denunciavam os jornaes ao governo a junção de grandes grupos rebeldes na Chapadinha, tendo por commandante em chefe o facinoroso Pedro Alexandrino dos Santos.

Mas, para que accumular mais provas?

Como devia saber o illustre Dr. João Mendes de Almeida, era o desventurado Pedro Alexandrino, capitão do corpo de polícia, e teve sua morte logar aos 18 de Abril de 1839. Pois bem, assumindo o governo da provincia o coronel Luiz Alves de Lima, e tratando então, entre outras cousas, de reorganisar o dicto corpo que se achava já bastante desfalcado, baixou a Ordem do dia n. 31 de 22 de Abril de 1840, na qual se lia o seguinte: Para capitão da 4<sup>a</sup> companhia, *vago por fallecimento de Pedro Alexandrino de Andrade.....* Justino Alves da Silva Cutrim, tenente adido ao Estado Maior do Exercito.

Quando isto se deu, tinha-se decorrido mais de anno da data d'aquelle grande desastre, tempo, portanto, mais que sufficiente para se apurar a verdade a semelhante respeito. Por outro lado, é geralmente sabido quanto era severo, crú mesmo, em materia de disciplina, o coronel Alves de Lima, de que sobejas provas deu em todo o correr de sua administração nesta provincia, como em toda a sua extensa e gloriosissima vida publica, militar e politica. Assim pois, não se serviria elle de uma palavra que não fôsse a expressão da verdade; diria, por exemplo, *por deserção*, e nunca por fallecimento do capitão Pedro Alexandrino.

E se d'aqui passarmos á tradicção, se consultarmos os poucos sobreviventes da *balaiada*, de todos ouviremos, a uma voz, a terrível realidade de que o capitão Pedro Alexandrino com os demais officiaes da sua columna foi massacrado peios rebeldes.

## LIVRO II

**SUMMARIO** :— A verdade sobre a expedição dos Angicos, e narração circumstanciada de tudo o que nella occorreu desde a sua partida do Brejo até a sua capitulação.—Panico na capital, e grandes providencias tomadas pelo presidente.—Chegada de forças das provincias do Ceará e Pará.—Abertura da Assembléa Legislativa Provincial.—O Relatorio do presidente e a "Chronica Maranhense".

A verdade sobre a expedição dos "Angicos" é a seguinte:

No dia 1º de Abril o prefeito do Brejo dispondo as cousas para a marcha das forças, referio que um tal Fidelis, morador nas "Areias" (a um quarto de legoa da villa) havia conseguido escapar-se do poder dos rebeldes na Chapadinha, e dava noticia que estes andavam por pouco mais de 30, e em geral mal armados; que por consequencia não havia tempo a perder, que a expedição devia sahir para ir fazer junção com a força do major Falcão.

Em vão lhe representáram o infeliz Pedro Alexandrino, e outros cidadãos, que era imprudencia arriscar a força em tal tempo, e por taes caminhos, sem haver mais exactas informações sobre o estado, numero, e posição do inimigo; que não havia que fiar em dictos de gente pouco conhecida; que era mesmo necessario saber-se a direcção do major Falcão.

Retorquio o prefeito que o encontrariam sem falta na Chapadinha, e fez effectivamente partir no dia 5 a força composta de 140 praças de 1ª linha, e 60 paisanos, ditos guardas nacionaes

quasi sem munições de guerra e de bocca; cada soldado levava na patrona apenas uma meia duzia de cartuchos, e o tenente-coronel João José Alves de Souza conduzia de sobrecellentes duzentos maços de dez cartuchos cada um! Os mantimentos limitavam-se a alguns paneiros de farinha, e a cinco ou seis rezes pequenas, que logo se extramalharam no segundo dia de viagem; mas a este respeito assegurava-lhes o prefeito que o alferes Valentim de Torres, homem de bem, não só os proveria do necessario, mas lhes daria guias, e amplas informações acerca dos rebeldes, com quem se communicava não só para observal-os, como para escapar ás suas violencias. De resto, como para tudo prevenir-se, o tenente-coronel João José Alves de Souza ia auctorisado para comprar mantimentos, *onde os houvesse*, passando os valles e clarezas que fossem precisas!

Quando nos lembramos, exclamava então João Lisboa, que a provincia deve a sua perda á incurias deste genero, não podemos assás admirar o despejo com que aquelles, que são culpados dellas, accusam seus adversarios das desgraças que elles não preveniram!

A expedição chegou no dia 9, ás 4 horas da tarde, á casa do *homem de confiança*, Valentim de Torres, que era morador no lugar denominado—"Burity do Estevão"—, a 12 legoas de distancia do Brejo.

Em logar das promettidas abundancias acháram esse malvado, que depois se collocou á frente dos rebeldes, reservado e ambiguo; tudo ignorava, por mais que o instassem para que desse algumas noticias.

No dia 10 marchou a expedição para a Chapadiuha que ainda distava tres legoas; a 500 braças de distancia do sitio começa uma estreita vereda que se prolonga por espaço de meia legoa, e mal que a nossa força entranhou-se n'ella, foi a guarda avançada acommettida, e depois toda a linha restante, durando o fogo, que foi vivo, até sabir-se ao campo descoberto. Neste avançou-se perto de duas legoas, e como estivessem exaustas as patronas, foi necessario distribuir pelos soldados os poucos cartuchos que tinham vindo de sobrecellente.



Foi ainda necessario metterem-se por outra vereda, se bem que menos extensa que a primeira; forão novamente atacados, e soffreram fogo até sahirem de novo a um campo, donde se avistava a povoação da Chapadinha.

Fez alto a força enquanto o commandante expedia um officio aos rebeldes com o fim ostensivo de ordenar-lhes a evacuação da povoação, e que resguardassem as mulheres das consequencias do combate que ia ter logar, mas verdadeiramente para observal-os.

Voltando, porém, o portador com a noticia de que não encontrára viva alma, avançou a força, e entrou ás quatro e meia da tarde na povoação, tendo nos dois combates soffrido a sensivel perda de 3 soldados mortos, 2 officiaes, 2 cabos, e 19 soldados feridos. Tal era a vantagem das posições do inimigo que combatia sempre coberto pelas mattas.

Acampada a nossa tropa na Chapadinha, exploraram-se minuciosamente todas as casas, encontrando-se apenas um homem mentecapto, e na que servira de quartel aos chefes rebeldes, umas tres libras de polvora e chumbo correspondente; e tal era já então a penuria de munições que se aproveitou avidamente esta pequena porção, bem como a que havia derramado nas patronas, e os cartuchos arruinados, para se fazerem outros de menor dimensão, os quaes juntos aos que restavam dos sobrecellentes apenas deram para distribuir-se cinco e seis a cada praça.

Fez-se depois conselho para assentar-se se convinha avançar ou recuar para o Brejo; o capitão, a quem não faltou coragem nos differentes ataques em que se achou, arrastou os votos, e decidiu que se avançasse; mas por fatalidade, ou por inconvenientes que ignoramos, ou por falta de tino para conhecer que só a rapidez das marchas os poderia salvar, demorou-se inutilmente alli por tres dias, e só a 14 pelas dez horas de manhã é que continuou a marcha para os Angicos.

Ao entrarem na primeira matta, por estreitas veredas, foram incontinente salteados, e soffreram fogo por espaço de tres quartos de legoa.

Nestas criticas circumstancias foi admiravel o valor e dis-

ciplina dos nossos bravos; extenuados de fadigas, quasi sem munições, atalhados a cada passo pelas aguas e lamas, barrancos profundos, arvores derribadas pelo inverno, ou mui de industria pelos rebeldes; vendo cahir mortos dois dos seus companheiros, e embaraçados com o grande numero de feridos, que então chegaram a trinta e tantos, avançavam elles resolutos e com uma intrepidez digna de melhor sorte.

A's 4 horas da tarde chegaram aos Angicos, restando a poucos soldados um a dois cartuchos, e a outros apenas a arma carregada.

Em taes apuros, fosse fadiga, fosse descoroçoamento, o capitão Pedro Alexandrino, alcançado aquelle ponto, não quiz passar adiante, não obstante a opinião contraria de alguns officiaes que lhe fizeram ver que sem meios de fazer uma retirada em ordem, por terra ou em balsas para passar o Munim, nesse tempo extraordinariamente cheio, toda a demora só teria em resultado fazel-os acabar á mingoa.

Na manhã seguinte aventuraram-se dois soldados a ir ter com o major Falcão, e pedir-lhe soccorro, mas consta que foram surprehendidos e mortos pouco alem do acampamento.

Foram terriveis os dias 15, 16 e 17!

Os nossos incommodados pelos continuos ataques dos rebeldes, tendo gasto os seus ultimos cartuchos, passaram todo esse tempo sem comer e quasi sem beber; que os soldados que se approximavam á fonte eram levados a tiro, e até as crianças e mulheres da situação que a principio conseguiam tirar alguma agua, foram a final ameaçadas pelos rebeldes com o mesmo tratamento, se continuassem.

No dia 18, ao amanhecer, reconhecida a impossibilidade de prolongar-se a resistencia, só no interesse de uma vã e dolorosa esperanza de soccorro, mandou o capitão Pedro Alexandrino fazer proposições aos rebeldes, que as acceitaram promptamente, e depois de algumas conferencias com o chefe Antonio José do Couto Pinheiro (o Mulunguêta) e apparencias de uma capitulação, formou-se a nossa brava mas infeliz tropa, entregou as armas, e rendeu-se prisioneira.

A's 5 horas da tarde, sahindo o capitão Pedro Alexandrino da casa onde se achava para ir ao aquartelamento dos chefes rebeldes, foi assassinado com tiros; o tenente-coronel João José Alves, que jazia molesto e quebrantado n'uma rede, foi cosido a facadas, e os tres officiaes restantes, dois, alferes de policia, e um, ajudante de segunda linha, teriam a mesma sorte, se lhes não valessem os seus proprios rogos, os pareceres contrarios dos rebeldes em disputa, e por ventura o seu capricho sanguinario já satisfeito por então com duas victimas.

Foi este o desfecho da melfadada expedição do Brejo.

Causou a noticia deste doloroso successo a mais triste e profunda impressão em toda a provincia e, como sõe acontecer em occasiões taes, o terror fez crescer o perigo, e d'ahi derramaram-se vagos rumores de que os rebeldes, já mui numerosos, avançavam para tomar de assalto a capital.

Nesta angustiosa situação desenvolveu o presidente uma serie de providencias, que hem mostram o panico de que elle proprio se achava dominado.

Assim é que desejando por a capital a coberto de qualquer golpe de mão, ordenou immediatamente ao capitão de engenheiros, Fernando Luiz Ferreira, que levantasse trincheiras no lugar ainda hoje conhecido por "Alto da Carneira"; mandou reforçar o destacamento da Estiva; e fez seguir, incontinenti, para o interior uma força de 270 praças, composta de 200 homens de guarda nacional, e todo o resto do corpo de policia, ao mando do capitão Joaquim Serapião da Serra, a quem mandou entregar tambem a quantia de quatro contos de reis para as despezas mais urgentes da marcha, devendo fazer entrega do restante ao major Falcão. (1)

Outras providencias tomou ainda que igualmente merecem ser aqui mencionadas.

Prohibiu o embarque de mantimentos e munições de guerra para o interior da provincia; (2) fez seguir para o Iguará

---

(1) Officio do presidente Manoel F. de S. e Mello ao inspector da thesouraria, de 29 de Abril de 1839.

(2) Idem, idem, idem, ao inspector da alfandega, de 29 de Abril de 1839.

uma força de 68 praças do batalhão de guardas nacionaes da villa do Paço (1); e temendo que os sediciosos por marchas forçadas, illudindo as forças leaes que operavam no interior tentassem surpreheader a capital, ordenou que, ao toque de rebate, que seria dado por dois tiros simultaneos do baluarte, as guardas nacionaes se reunissem nos lugares de parada dos respectivos batalhões; os officiaes de primeira linha não empregados, de qualquer qualidade que fossem, os de segunda linha e de guardas nacionaes, não pertencentes á guarnição da cidade, no largo do Carmo; e todos os demais habitantes, que quizessem concorrer para a defeza de suas vidas e propriedades, tambem se achassem armados no mesmo largo.

Dispoz ainda, que todas as casas se conservassem fechadas, e as pessoas que se encontrassem em qualquer direcção, que não fosse ter aos logares acima indicados, seriam tratadas como suspeitas.

Os escravos não poderiam sahir á rua, sob a mesma pena, e se o rebate se verificasse de noite todas as janellas deveriam ser illuminadas. (2)

Encarregou o commandante do brigue "Tres de Maio" do commando de todas as embarcações de guerra surtas no porto. (3)

Appellando finalmente para o patriotismo e brio de todos os habitantes da capital, que ja não pertencessem á guarda civica, convidou-os para uma reunião em palacio afim de darem os seus nomes para que, competentemente inscriptos, lhes fosse detalhado o serviço das rondas nocturnas de seis horas da tarde á meia noite, visto ser insufficiente a pequena força de guarda nacional da comarca para, a um tempo, policiar e guarnecer a cidade. (4)

---

(1) Officio do presidente Manoel F. de S. e Mello ao inspector da thesorraria, de 2 de Maio de 1839.

(2) Proclamação do presidente Manoel F. de S. e Mello de 7 de Maio de 1839.

(3) Officio do mesmo presidente, de 8 de Maio de 1839, ao commandante de brigue "Tres de Maio."

(4) Proclamação do presidente, de 14 de Maio de 1839.

Por aquelles mesmos dias chegaram, a 17, pela manhã, 102 praças do Ceará, e a 22, á tarde, 250 do Pará, todas de 1.<sup>a</sup> linha, anteriormente requisitadas pelo governo, parte das quaes fez elle seguir immediatamente para o interior.

Foi em meio de tantos embaraços que, a 3 de Maio d'aquelle anno, teve lugar, pelo presidente, a abertura da assemblea legislativa da provincia. O seu *Relatorio*, attribuido, sem a menor duvida, á penna do Dr. Anselmo F. Peretti, que igualmente desempenhára, durante a administração de Camargo, as funcções de secretario do governo, começou desde logo a soffrer a mais vehemente e rigorosa analyse do redactor da "Chronica".

E com effeito neste documento de 77 paginas em quarto, qualificado pela opposição de—*longo, cansado, e esteril*—, o *estyllo*, as ideias, o pensamento politico que presidira á sua confecção, em tudo iguaes ao do anno anterior, e que ahí era citado frequentes vezes como um thesouro de sciencia administrativa, tudo induzia crer ser elle do secretario Peretti. Não o poupou Lisboa; sobre elle fez desabar todo o peso da sua critica, ao mesmo tempo mordaz e judiciosa.

"A Falla, dizia a "Chonica", em resposta ao "Investigador", seja de quem fôr, contem grosseiras falsidades moraes, e propõe medidas contrarias ao interesse da provincia. Apresentaremos no emtanto um só exemplo, mas bem notavel, para mostrar que não foi sem fundamento que attribuimos ao sr. Peretti a maior parte no discurso deste anno. Tanto nelle como no do anno passado, depois de se irrogarem algumas grossas e pesadas injurias ao Jury, conclue-se com as mesmas expressões: O criminoso opulento está certo de encontrar absolvição; só o escravo é quem esgota todo o rigor da lei. Ou: O patronato escandaloso, a vergonhosa venalidade tem ousado desarmar o braço da justiça em beneficio do criminoso potente; e só o traco e desvalido é quem esgota todo o rigor de juizes covardes e prevaricadores. Vá mais este: *Está aberta a sessão!* se disse no fim do discurso do sr. Camargo: *Está aberta a sessão!* se disse no fim do discurso do sr. M. Felisardo".

Ora pelo art. 8º da lei das reformas, continuava a "Chronica", aos presidentes compete assistir á installação das assembléas, e não o installal-as ou abril-as, como faz o imperador com a assembléa geral: quer-nos por isso parecer que essa frase *inusitada* de ambos os discursos é parto da cabeça vaporosa do sr. Peretti, porque é quasi impossivel que logo dois presidentes, um atraz do outro, se lembrassem de arvorar-se em imperadores provinciaes".

Os artigos sobre *Tranquillidade Publica, Guarda Nacional, e Policia*, continham noticias muito atrasadas ou resentiam-se de grande numero de inexactidões.

"Finalmente, o estylo, concluia a "Chronica", é *pedantesco, de máo gosto, deturpado por não poucos barbarismos, e em geral languido e empeçado; concorrendo para dar ao todo do discurso uma phisionomia burlesca e certas puerilidades e distracções que parecem incriveis em um documento de sua natureza grave, e que devêra ser feito com todo o esmero e cuidado.* (1)

Tal era então o estado dos negocios publicos na capital; vejamos agora como caminhavam as cousas pelo interior.

---

(1) Chronica Maranhense—ns. 141, 146 e 158, de 8, 24 e 30 de Junho de 1839.

sem providencia, abandonava ao inimigo, já que não procurára organizar a resistencia, dispondo, como effectivamente dispunha ainda, de grandes provisões de bocca, e de 200 homens, destes 50 de 1ª linha, sem contar os que lhe seria facil chamar ás armas, os quaes, todos, poderiam perfeitamente fazer face e entreter o mesmo inimigo por alguns dias n'aquelle ponto, até que lhes viessem soccorros da Parnahyba e do Itapecurú-merim.

O exemplo dado pelo prefeito não podia deixar de ser imitado. Ninguem mais se julgou seguro, tudo fugio em desordem, começando pelos 150 guardas nacionaes que dissolveram-se quasi completamente !

Deu-se então a dolorosa transmigração das familias do Brejo !

Levando comsigo, ou pondo a bom recato o que de mais precioso tinham, foi-se cada qual procurando escapar como pode durante o dia, sendo dos ultimos a abandonar a villa, já ás 6 horas da tarde, o cidadão Domingos José Gonçalves e o venerando padre vigario Proença Ribeiro.

Não contavam os rebeldes, de certo, com a posse tam facil e tam prompta da villa do Brejo.

No dia 19, um dia portanto depois da capitulação dos Angicos e do barbaro e horroroso assassinato de seus chefes, reunindo o Mulungueta a sua gente, fez sahir uma partida para as Larangeiras, commandada por um desertor de artilheria, afim de impedir a passagem de qualquer força legal, que por ventura viesse em auxilio da expedição, tanto contava elle que fosse esta soccorrida; e com o resto da sua força marchou para a Chapadinha a encontrar-se com o commandante em chefe Pedro Alexandrino dos Santos. No dia 20 partio de novo para a povoação de Sant'Anna do Burity a fazer junção com o feroz Getirana.

Ahi demoráram-se quatro dias, consumidos em officiar a diversos chefes rebeldes, taes como: Balaio, Ruivo, Poderosa, e outros, para de combinação investirem todos a villa do Brejo, no mesmo dia, e por diversos pontos, tam persuadidos estavam de que o prefeito lhes opporia resistencia.

Antes, porem, de fazel-o, e por precaução, mandáram espías reconhecerem o numero e a disposição das forças legaes, e como tivessem noticia de que a villa havia sido abandonada puzeram-se então em marcha, e vieram occupal-a no dia 26, ás cinco e meia horas da tarde.

Aqui treme a mão, e vacilla a penna transmittir ao papel as atrocidades perpetradas por essa horda de assassinos contra pessoas inermes, que não tinham podido fugir, durante os poucos dias em que estiveram elles de posse do Brejo, atrocidades taes de que não ha memoria na historia, e que excedem a tudo o que a humana comprehensão pode crear e excogitar de mais negro e mais hediondo !

Sexo, posição, idade, nada respeitáram; nada lhes mereceu compaixão !

Saqueáram, roubáram, e a muitos estabelecimentos agrarios incendiáram ! O que não puderam levar comsigo, ou não lhes prestava para seu uso, inutilisáram; arrancáram portas e janellas ás casas, despedaçando-as; mancháram-se emfim com toda a sorte de crimes !

Entre tantas victimas d'aquelles dias de terror guardou a historia, entre outros, os seguintes nomes : o professor de primeiras lettras, Antonio José de Castro—Guilherme Rodrigues Barbosa, genro de Jeronymo do Rego—um filho deste—José Pereira de Carvalho—(todos estes estavam occultos na roça do mesmo Jeronymo)—o cego José Marques—Manoel José Soares, genro deste—Domingos Alves de Souza, filho do tenente-coronel João José Alves de Souza, e genro de Caldas—Joaquim de tal, portuguez (foi aberto vivo)—Leandro Telles, vaqueiro de José Alves Pereira—Justino Rodrigues de Souza—Leonardo José de Lima, irmão de Raymundo de Lima—o capitão José Marques dos Santos, da matriz de São Bernardo—um tal Fernandão, da mesma matriz—o Busca, feitor de Domingos Gonçalves Machado—um genro deste—José Miguel (foi sangrado como porco)—D. Euzebia Maria da Conceição, mãe do capitão-mór Valerio Alves de Souza, e sogra do coronel Severino Alves de Carvalho.



Esta infeliz e veneranda senhora, maior de oitenta annos, e que possuia para mais de cento e cincoenta descendentes, respeitavel por todos os titulos, não poude, apesar d'isso, escapar á sanha d'quelles canibaes !

Sabedora da approximação dos rebeldes, procurou occultar-se nas mattas, onde sendo afinal descoberta cortáram-lhe uma orelha e uma das mãos que, por escárneo, foram levar a seu filho, o mesmo capitão-mór !!

Emquanto a rica e florescente villa do Brejo debatia-se no meio destes horrores, dois outros bandos de salteadores, um a 3, outro a 19 de Maio, ambos mui numerosos, capitaneados pelos celebres Francisco do Riachinho, José Gomes, e D. Antonio de Castello Branco, tomavam de assalto e saqueavam a villa da Tutoya, repetindo-se ahi as mesmas scenas de vandalismo, já commettidas no Brejo. A um certo Camiranga, depois de o matarem, cortaram-lhe as partes genitae, e foram dependural-as, como trophéo, á porta de Ignacio Portugal de Almeida; o padre vigario foi não só roubado, mas baionetado e mal ferido, ficando como semi-morto a deitar sangue pela bocca. As fazendas de gado da maior parte dos habitantes foram destruidas e consumidas, emfim os rebeldes arrasáram tudo.

Em seguida, dirigiram-se tambem a Miritiba que occupáram, praticando ahi as costumadas atrocidades, e como houvesse receio de que fizesem o mesmo ao Icatú, fez o governo marchar no dia 13 de Junho, á noite, para aquelle logar nma força de 80 homens de primeira linha, commandada pelo alferes Antonio de Sampaio, (1) do Ceará, tendo isto lugar quasi á mesma hora em que chegavam estas noticias ao conhecimento do governo.

---

(1) Falleceu este brioso e valente militar, no elevado posto de brigadeiro, a 6 de Julho de 1866. Na sempre memoravel batalha de 24 de Maio, onde se houve com raro valor, commandava, na nossa extrema esquerda, a 3.<sup>a</sup> divisão de infantaria, á qual prestou assignalados serviços, tornando-se uma barreira invencivel aos paraguayos que procuravam flanquear-nos por aquelle lado.

Ahi recebeu tres ferimentos consecutivos que o puseram fóra de combate.

Nem se limitavam já somente a isso os rebeldes.

Ensoberbecidos com a sorte das armas que, dia a dia lhes ia sendo mais e mais favoravel, e dando em resultado a occupação de logares importantes do interior, lembraram-se de officiar ao governo, fazendo-lhe requisições sediciosas e, como se isto não fosse bastante, lançaram mão ainda de um ardil dos mais engenhosos.

Assim é que Raymundo Gomes, no Penteado, a algumas leguas do Itapecurú-merim, fez apprehender a varios lavradores de reconhecida importancia, e obrigou-os a assignarem circulares, convidando os moradores de todas aquellas circumvisinhanças para uma reunião que se realisaria no acampamento rebelde, querendo dest'arte fazer crer ao resto da provincia que prestavam-lhe aquelles o seu concurso à revolução.

---

Foi tratar-se em Corrientes. Sentindo, porem, aggravarem-se-lhe os seus incommodos no hospital d'aquella cidade, quiz experimentar a influencia de melhor clima; para este fim embarcou no vapor *Eponina*, com destino a Buenos-Ayres, expirando a bordo d'aquelle vapor, já perto desta cidade.

O seu enterro foi feito em Buenos-Ayres com a devida pompa, concorrendo a elle todas as principaes auctoridades militares e civis da Republica, e fazendo-lhe as honras do estylo os batalhões argentinos que se achavam n'aquella capital.

O Dr. Rufino Elizalde, ministro dos negocios estrangeiros da Republica Argentina, por occasião de dar-se sepultura aos restos mortaes deste distincto official brasileiro, pronunciou o seguinte discurso:

“Senhores.

A civilisação e o progresso do mundo exigem como condição de sua existencia a fraternidade e harmonia de todos os povos.

Os do Prata e do Brazil, elevando-se acima dos erros e velhos preconceitos que não tinham razão de ser, uniram-se intimamente para cumprir sua missão providencial; a perda de um sangue precioso tornava-se sacrificio fatalmente necessario; o general Sampaio derramou heroicamente o seu, a Republica Argentina recebe seus restos mortaes como um deposito sagrado, para restituil-o mais tarde á sua patria como uma de suas lembranças mais gloriosas.

As requisições eram assim concebidas: (1)

Num. 1

Illm.<sup>o</sup> Exm.<sup>o</sup> Senr.

Achando-me na qualidade de Comandante em Chefe de todas as tropas presentemente reunidas, e estacionadas nesta villa, e nos differentes pontos de toda a Provincia, tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exc. que achando-nos com as armas na mão protestamos não largarmos emquanto não forem derogadas as Leis Provinciaes numeros 61, de 8 de Junho, e 79 de 26 de Julho do anno passado de 1838, sendo aquella da criação dos officiaes das Guardas Nacionaes e estas dos Perfeitos, ficando a primeira em vigor somente pelas Leis Geraes, e a segunda de nenhum effeito combinando-se em tudo com os artigos datados em

---

O general Sampaio fica em mãos amigas, no meio dos admiradores de suas gloriosas acções e de suas virtudes, os quaes dirigem suas mais fervorosas preces ao Todo Poderoso, para que lhe conceda as recompensas eternas, devidas aos seres privilegiados que se sacrificam em holocausto pelos grandes interesses da humanidade.

Que o general Sampaio goze das recompensas que mereceu, succumbindo ao serviço de uma causa santa, a de libertar um povo irmão do mais cruel captiveiro."

Tendo vindo para a côrte os restos mortaes do brigadeiro Sampaio, ficáram depositados no Arsenal de guerra; no dia 20 de Dezembro de 1869 teve lugar a sua trasladação para o Asylo de Invalidos; no seu embarque na Côrte fizeram-lhe as honras militares dois batalhões de infantaria e o de artilharia da guarda nacional; no Asylo de Invalidos esperava-o S. M. o Imperador, o ministro da guerra e muitos officiaes superiores e generaes, ficando a urna depositada na Capella do Asylo.

Por muito tempo em divida para com um dos mais illustres de seus filhos, libertou-se finalmente o Ceará deste grande e solemne compromisso de honra, erigindo n'uma das praças da sua formosa capital uma estatua ao bravo general Sampaio.

Perdõe-se-nos esta longa digressão em attenção a quem tanto mereceu da Patria.

---

(1) Julgamos acertado conservar a estes documentos a mesma orthographia com que se encontram nos originaes.

o 1.º de Novembro do mesmo anno de 1838, remettidos a V. Exc. pelo commandante Pedro José Getirama, e porque se ache a assemblea provincial reunida, levar ao conhecimento della afim da mesma Decretar sobre os objectos expendidos.—Deus Guarde a V. Exc.—Quartel do Commando da força Armada na vila de Sam Bernardo, 7 de Maio de 1839.—Illmo. e Exmo. Senr. Manoel Felizardo do Souza e Mello Presidente do Mr.<sup>m</sup>.—*Pedro Alex. dos Stos.*, Comd.<sup>o</sup>

## Num. 2

Authorizedo pelo Povo reunido com as armas na mão Commandante em chefe, cumpre-me levar ao Conhecimedto de V. Exc., os incluzos.

Artigos afim de V. Exc. os fazer efectivos por axar-se de prezente reunida a Assembleia Provincial não fazendo menção do artigo 4.º por já se axar remediado pela rezolução do Governo Supremo.—Deos Guarde a V. Exc.—Villa do Brejo, 5 de Maio de 1839.—Illm. Ex. Sr. Manoel Felizardo de Souza e Mello Prezidente da Provincia.—O Alfr. Commandante da Força Armada *Pedro José Gitirama*.

## Requisições

—Os habitantes deste Municipio vem em marcha reunida representar á Illustre Camara da Assembleia Gerat.

### Art. 1.º

Da vontade dos povos para socego e bem estar da Provincia inteira.

### Art. 2.º

Que seja sustentada a Constituição do Brasil garante dos direitos do Cidadão Brasileiro que lhe conseguem a sua liberdade. }

### Art. 3.º

Que sejam despedidos os Perfeitos e Sub-Perfeitos e Commissarios de Policia, pois tem aquebrantados todas as Leis do Brazil, e tem sofrido o Brazil todo o despotismo a respeito

desta Lei; ficando somente em vigor as Leis Geraes e Provinciaes que não forem de encontro a Constituição do Imperio.

Art. 4.º

Que sejam já demetidos o Presidente da Provincia, e entregue o Governo ao Vice-Presidente.

Que sejam expulços os portuguezes dos Empregos politicos, e despejarem a Provincia dentro em quinze dias, com a excepção dos que jurarão a independencia e os que casarão com familias Brasileira e os velhos de 60 annos para cima; e protestamos não largarmos as armas das mãos sem primeiro vermos tomadas estas medidas assima expendidas ao Governo, certificando que seguramos as vidas dos cidadãos sem ser debaixo do fogo, e seguramos todos os seus cabedaes na tranquillidade do Paiz. — Maranhão 1.º de Novembro de 1839.

---

Sendo de absoluta necessidade criar-se quanto antes neste acampamento uma commissão composta de cidadãos de reconhecida intelligencia, probidade e patriotismo, para com prudencia e acerto dirigirem as operações e ordens, que devem sair deste ponto não só para obstar as hostilidades, que infelizmente já iam deslumbrando a gloria que privativamente deve caber a este partido regenerador como mesmo para com a maxima brevidade conseguirmos os honrosos fins a que nos propomos, e tendo o *meritissimo commandante em chefe* deste acampamento convidado os cidadãos abaixo assignados para a designação do dia em que se deve eleger a mesma commissão, convidamos a V. S.ª como um dos cidadãos acima caracterisados para que compareça neste acampamento no dia 22 do corrente aprasado para a referida eleição, e do character de V. S.ª esperamos não falte a semelhante serviço, na certeza de que não se lhe admittie desculpa alguma.

Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> por muitos annos. Quartel da Força Bemtevi no Penteado 15 de Junho de 1839. Assigna lo, *Raimundo Gomes Vieira Jutahy.*

Assignados

*Manoel Alves de Abreu.*

*Alexandre Ferreira Lisboa Parga.*

*Luiz José de Almeida.*

*Luiz Antonio do Lago.*

*Raimundo Marcellino do Lago.*

No Urubú e Codó usáram ainda os rebeldes do mesmo expediente, capturando os cidadãos Joaquim Cantanhed, João Henrique Gaioso, e José Tavares da Silva; e como se vé das ultimas palavras do officio acima, não admittiam elles, absolutamente, excusa de especie alguma. Era o dominio do terror!

Entretanto, não descansava o major Falcão. No dia 23 de Maio, pelas quatro e meia horas da tarde, poz-se da villa do Itapicurú-merim este valente official, á testa da Brigada Pacificadora, forte de 497 praças, em direcção ao Penteado, onde constava achar-se acampado um grupo de facciosos, de cerca de 300 homens, capitaneados pelo proprio Raymundo Gomes.

Depois de tres dias de marcha, acampando successivamente no Taboleirão, no Mirinzal, e no Rodeador, chegou, a 26, o major Falcão ao Leite, onde convencendo-se da impossibilidade de pôr cerco ao logar occupado pelos rebeldes, em vista de existirem em todos os caminhos guerrilhas com fortes trincheiras, obliquou á direita, em razão de ser, a mais vantajosa, a posição que elles occupavam na estrada real.

A 27, acampou a brigada; a 28, ao romper do dia pôz-se a caminho, encontrando pelas 8 horas da manhã a guerrilha que, alem de occupar a extensão de 100 braças dentro da matta, tinha, em uma fazenda abandonada, denominada São Nicoláo, duas fortes trincheiras construidas de grossas madeiras, para as quaes se recolhiam á proporção que iam sendo desalojados da matta.

Não lhes valeram, porem, tantas precauções. Em 15 minutos a guarda avançada e a 1.<sup>a</sup> companhia do 1.<sup>o</sup> batalhão os faziam retirar, sem mais outro prejuizo para as forças legaes que

tres soldados levissimamente feridos. Acampada a brigada nas immedições do Angical e do Penteado, por não chegar a este ultimo lugar a tempo de dar combate, a 29 marchou para o Penteado, que tinha sido abandonado pelos facciosos com o fim de se irem enguerrilhar na passagem do riacho—Paulica—.

Seguindo a brigada essa direcção, ás 9 horas da manhã, ao transpor o dicto riacho, começou um vivo tiroteio que, com pequenas interrupções, durou até ás 4 e 30 minutos da tarde quando, derrotados em todos os pontos da vanguarda, fugiram os rebeldes, tomando a direcção da Vargem-Grande, e d'ahi a estrada de Caxias, mas iam amedrontados que voavam diante de um piquete de cinco cavalheiros commandados pelo alferes de 2ª linha Joaquim Pereira Chaves, que procurava captural-os.

Tiveram as forças leaes, em toda esta jornada, apenas sete soldados feridos, ao passo que dos rebeldes morreram sete, afóra os que sem duvida deveriam estar pelo matto.

Não se achava ahi Raymundo Gomes, por haver no dia 26 partido para Caxias afim de accomodar desintelligencias, que haviam surgido entre os rebeldes que sitiavam aquellá cidade.

Commandava o grupo que fôra batido, Valentim de Torres, o mesmissimo a quem o prefeito do Brejo recommendara em tempo a expedição do capitão Pedro Alexandrino. (1)

Occorreu, entretanto, por esse mesmo tempo um facto bastante desagradavel que, accrescentando aos rebeldes mais um triumpho, veio a contribuir para o enfraquecimento da força moral do governo, já então muito abalada;—queremo-nos referir á capitulação do presidio do Coroatá.

Oitenta e tantos lavradores d'aquella localidade (entre os quaes o cidadão Fabio Gomes Belfort, alem de muitas familias) que tiveram a coragem de resistir á torrente da sublevação, e não quizeram abandonar aos fuçores do inimigo as suas fazendas e

---

(1) Officio do major Feliciano A. Falcão, dirigido da Vargem Grande ao presidente Manoel F. de S. e Mello.

haveres, viram-se, em um momento, sitiados por cerca de 200 rebeldes, capitaneados pelo celebre Cocque.

Sós, amparados apenas pela propria coragem, e repellido condições humilhantes, renderam-se finalmente n'um dos primeiros cinco dias de Maio, mediante uma proposta que, aceita, foi fielmente cumprida pelo chefe rebelde— a de, entregues armas e munições, poder cada qual retirar-se livremente—.



## LIVRO IV

**SUMMARIO** :—Marcha dos rebeldes sobre Caxias.—Estado de defesa em que se achava aquella cidade.—Primeiras providencias tomadas pelo prefeito, coronel João Paulo Dias Carneiro.—Assedio da cidade pelos chefes rebeldes Getirana, I. J. Teixeira, Ruivo, Balaio, Mulungueta, Silveira, Violeta, Moura e Cocque.—Apparecimento de Livio Lopes Castello Branco e Silva.—Divisão entre os legalistas, suas causas.—Os Drs. Francisco de Mello Coutinho de Vilhena e Antonio Manoel Fernandes Junior, e tenente-coronel Hermenegildo da Costa Nunes, commissiionados pelo prefeito vão ter com os rebeldes.—Regeição, por parte destes, de todas as proposições de paz.—Capitulação da cidade a 1º de Julho, horrores praticados pelos rebeldes.—Pânico na capital, proclamação do presidente, e outras providencias tomadas pelo governo.—Creação do Batalhão Provisorio Auxiliador, composto de portuguezes e nacionaes.—Podia Caxias ser soccorrida a tempo? A quem attribuir-se a sua perda?

Obedecendo á ordem chronologica dos factos, isto é, á marcha que la tendo a rebellião, toca-nos agora a vez de lançar as vistas para a infeliz cidade de Caxias.

Situada no centro da antiga provincia, ora Estado do Maranhão, de cuja capital está apenas a umas 80 leguas ou cerca de 480 kilometros, reclinada á margem direita do Itapecurú, principal emporio do commercio do alto sertão e das provincias do Piahy e Goyaz, rica, populosa, e então muitissimo florescente

devia Caxias naturalmente attrahir as vistas, e desafiar a cobiça d'aquelles bandos de salteadores, ávidos de sangue e de riquezas.

Senhores de quasi todo o territorio léste, centro, e sul da provincia, comprehendido entre os rios Parnahyba e Itapecurú, onde livremente exerciam suas correrias e devastações; conhecedores da fraqueza do governo que quasi se limitava a medidas de pura defensiva; enriquecidos de todos os elementos com que se faz a guerra; depois de haverem feito junção de todas as suas forças na villa do Brejo, puseram-se finalmente em marcha os rebeldes, a 7 de Março, com direcção a Caxias, a cujas portas se apresentáram a 24 do mesmo mez.

A despeito de todos os avisos da imprensa, que não cessava de chamar a attenção e as vistas do governo para o estado d'aquella cidade, achava-se ella no mais completo abandono quanto a meios de defesa, e entregué unicamente aos seus proprios recursos.

Em meados de Abril, quando foi do destroço da expedição do capitão Pedro Alexandrino, havia apenas n'aquella cidade uns 49 paisanos armados. Depois, com a noticia deste doloroso successo que echoára tristemente até lá, foi que se começou a reunir mais alguma força, de sorte que descendo o tenente-coronel Severino Dias Carneiro com cerca de 300 homens para bater os revoltosos do Coroatá, ou outros quaesquer que por ventura encontrasse em caminho, teve ordem de contramarchar, a menos de meia viagem, e de vir postar-se no "Limoeiro", para garantir a cidade, á vista das noticias alarmantes recebidas pelo prefeito e por outras pessoas de importancia, visto que eram estas as unicas forças com que contavam para sua defesa.

Foi só em principios de Maio, depois de instantes e positivas ordens da capital, que dechidio-se o coronel João Paulo Dias Carneiro a requisitar soccorros ao prefeito de Pastos Bons e ao presidente do Piauhy, soccorros estes que, como é de ver, só bem tarde poderiam chegar.

Postada a força no Limoeiro, lá foram ter Raimundo da Cruz e Silva, e outros, e resolveram o coronel Severino a abandonar aquella posição, e recolher-se á cidade, desobedecendo assim as ordens do prefeito.

Ordenou-lhe este ainda que fosse occupar o ponto denominado "Burity do Meio", mas foi novamente desobedecido.

Marchavam as cousas por esta forma, no meio da maior balburdia e confusão, o prefeito a ser desobedecido ou contrariado em todos os planos que dava para a defesa da cidade, quando no dia 22 de Maio soube-se da approximação do inimigo.

No dia 23 sahindo uma forte partida, commandada pelo tenente João Paulo de Miranda, para reconhecê-lo, e dando no lugar denominado "Raiz" com um piquete rebelde, que fugio logo aos primeiros tiros sem fazer resistencia, voltou para a cidade, dando vivas, e dizendo que tinha morto o Getirana.

Entretanto, no dia 24, ás 10 horas da noite, e sem que as forças da cidade o presentissem, foi ella effectivamente cercada por todos os lados, occupando:—Getirana, o ponto da Olaria; I. J. Teixeira e o Ruivo, o do Atoleiro; Balaio, o do Pau d'Agoa; Mulunguêta, o da Pedreira; e Silveira, o da Barra de São José.

Foram os rebeldes encontrar a cidade totalmente indefesa, sem que tivessem os seus habitantes sequer o cuidado de levantar trincheiras ou quaesquer outras fortificações; por sua parte o governo nem dinheiro mandava para pagamento da tropa, vendose o prefeito, coronel João Paulo, forçado a obter algum por emprestimo, á vista de auctorisações que lhe foram da capital.

No dia 25, foi o Getirana batido e desalojado do ponto que occupava; mas nem tratáram de perseguir o inimigo que fugia em completa debandada, nem procuráram fortificar o ponto abandonado, o que deu logar a que viesse elle occupar de novo a mesma posição no dia 26.

No dia 27, chegaram ainda Violete, que occupou o ponto da Tresidélla; Moura, que foi unir-se aos do Atoleiro, e Cocque que occupou o de São José, e que foi o primeiro chefe que officiou nesse mesmo dia ao prefeito para que entregasse a cidade.

E como se não bastassem tantos e tão copiosos auxilios que, quasi diariamente, recebiam os rebeldes, e que mais e mais lhes vinham engrossar as fileiras, e augmentar a audacia, appareceu-lhes ainda Livio Lopes Castello Branco e Silva á testa de uma força de 600 homens, e Milhomí que trouxe uns 300 a 400 de Pastos Bons.

Era Livio Lopes natural de Campo-Maior na provincia do Piauhy. Homem abastado, intelligente, activo, e bastante popular, mas de um espirito irrequieto, dizem que fóra impellido para a revolta por um fim nobre e justo—o de retirar de Caxias, que sabia achar-se já ameaçada pelos rebeldes, uma irmã e duas cunhadas suas que lá residiam.

Chegando, porem, ás portas da cidade, e encontrando-a sitiada por tropas mui numerosas, julgou de bom aviso não recuar; fez causa commum com os rebeldes, conseguindo d'ess'arte assumir o commando geral de todas as forças.

Enquanto soccorros tam repetidos e tam poderosos affluam aos rebeldes de todas as partes, Caxias apenas recebia o do prefeito de Pastos-Bons que, sahindo de sua comarca com cerca de 300 homens, vio-se abandonado de quasi todos durante a viagem, e só conseguiu entrar na cidade com uns 50 ou 60 que se lhe conserváram fieis.

Uma columna expedicionarie, que ao mando do tenente coronel João Raimundo Carneiro Junqueira e do bravo major Falcão se organizára e sahira em direcção a Caxias, teve de retroceder em poucos dias, por ordem do governo, para Itapecurú-merim donde havia partido.

Abandonada por esta forma a segunda capital da provincia, cansada de esperar por soccorros, que nunca lhe chegavam, reduzida finalmente aos seus proprios recursos, ainda assim sustentaram-se os seus bravos habitantes durante o não pequeno periodo de trinta e oito dias, empenhando-se em uma serie de combates parciaes, em que colheram alguns momentaneos triumphos, quasi sem resultado.

“A divisão entre os legalistas, disse-o um escriptor contemporaneo, começou logo nos primeiros dias.

Ali, como em toda a parte, em iguaes circumstancias, os *ultras* entendiam que fóra de sua lei não havia salvação, e não contentes com isso pretendiam que fossem presos, e não sabemos se mais, todos os que lhes aprazia chamar suspeitos, e entre os quaes havia alguns que, com as armas na mão, repelliam o inimigo.

O prefeito, coronel João Paulo oppoz-lhes, porem, tam firme e constante resistencia que por fim mereceu tambem as honras da suspeição.

Os animos se foram exacerbando de dia em dia.

Estas divisões, a fome, a pouca esperanza de soccorros, foram, a pouco e pouco, desalentando os mais resolutos.

O numero dos defensores da legalidade ia mingando.

Em muitos combates contudo os nossos levavam a melhoria."

Nestas condições, impossivel tornava-se aos sitiados sustentarem-se por mais tempo.

Nos ultimos dias, a 24 de Junho, quando reconheceram todos que, sem esperanza de soccorro algum, não havia vantagem em se prolongar por mais tempo a resistencia, offleiou aos chefes rebeldes o prefeito, coronel João Paulo, pedindo-lhes um salvo-conducto para uma deputação que com elles iria ter, e entraria em negociações sobre a entrega da cidade.

Desta ardua e espinhosa missão foram incumbidos, entre outros, os Dr.<sup>s</sup> Francisco de Mello Coutinho de Vilhena (1) e Antonio Manoel Fernandes Junior, e o tenente coronel Hermenegildo da Costa Nunes, que, atravessando para a Tresidella, no dia immediato voltáram sem poder jamais chegar a um accordo.

---

(1) Falleceu a 11 de Janeiro de 1880.

Noticiando o passamento deste illustre brasileiro, em sua edição de 19 de Janeiro d'aquelle anno, dizia o "O Tempo," orgão do partido conservador que tinha na provincia por chefe o Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro:

"No dia 11 deste mez baixou á sepultura o cadaver do Dr. Francisco de Mello Coutinho de Vilhena, e é tão sentida, tão irreparavel a perda deste homem eminente que cobre-se de pesado luto a provincia inteira.

Era o Dr. Vilhena o mais antigo e o mais celebre advogado do nosso fóro. Conhecido em todo o paiz, suas opiniões erão profundamente acatadas, porque trazião impresso o cunho de um estado consciencioso, de um saber não vulgar.

Formado pela academia de Olinda no anno de 1837, dedicou-se logo á vida da advocacia fazendo da profissão um sacerdocio que illustrava, e distinguiu-se na imprensa como um do

No dia 26 foi ainda á Tresidella a mesma commissão, sem que obtivesse melhor resultado; no dia 27 não a deixáram mais voltar.

No dia 28, officiáram os chefes rebeldes ao prefeito, propondo-lhe o que, chamavam elles, uma—capitulação—, mas tam vergonhosa e dura, que foi regêitada:—Uma finta de 80% sobre o capital nos bens dos adoptivos, e a entrega de 8 individuos que elles depois designariam.

A 30, pela manhã, apresentou o prefeito algumas modificações a estas condições, modificações estas de que foi portador, entre outros, o tenente coronel Costa Nunes; mas não só não mereceram ellas as honras de uma resposta, como ficáram os seus portadores desde logo retidos como prisioneiros.

A' vista da attitude arrogante dos rebeldes, reconhecendo que nada mais havia a esperar de quem assim procedia, dissolveu-se n'aquella mesma noite a força legal, procurando cada qual, na fuga, a segurança de sua vida, pessoas e bens.

No dia seguinte, 1.º de Julho pela manhã, entráram os rebeldes na cidade, sem a menor resistencia.

Impossivel é descrever o que se passou n'aquella desolada cidade, sobretudo nos primeiros dias, isto é, nos que immediatamente seguiram-se á sua capitulação.

---

seus mais nobres lidadores militando nas fileiras do partido liberal.

Exerceu varios cargos, tanto de eleição popular, como de nomeação do governo, e os desempenhou sempre com aquella severidade de principios, com a honradez e illustração que lhe distinguiam o character.

Ainda ha poucos mezes, na qualidade de vice-presidente, esteve dirigindo os destinos desta provincia, e em quatro dias de governo, foi-lhe absolutamente impossivel prestar os serviços que esperavamos do seu talento e patriotismo.

Escreveu muitos artigos importantes que forão publicados no *Paiz*, e em todos os seus trabalhos vinha o estudo profundo da sciencia do direito a par de uma logica segura.

Deixa o Dr. Vilhena um nome brilhante, que jamais será esquecido no fóro brasileiro, e fiquem estas palavras do *Tempo*, gravadas sobre o seu tumulo, como uma recordação eterna do respeito devido ao grande jurisconsulto maranhense."

Cerca de duzentos dos seus habitantes, dos mais importantes por sua posição e haveres, presos, tiveram que conquistar a sua liberdade a peso de ouro; outros, conduzidos como prisioneiros para o Coroatá, só mais tarde conseguiram escapar-se, e isto mesmo mediante a corrupção, ou illudindo a vigilância d'aquelles que os guardavam.

Ao coronel Severino Dias Carneiro deram um tratamento ignominioso.

Balaio presidia ás sessões do supremo conselho de hacamarte ao lado ou sobre a mesa; e Ruivo, o feroz Ruivo, percorria as ruas, todo coberto de sangue, e alardeando as mortes que havia commettido durante o dia!

A cidade foi geralmente saqueada, computando-se em cerca de quatro mil contos o seu prejuizo em dinheiro e mercadorias, pois que, só armazens de fazendas, contavam-se ali, por aquelle tempo, em numero superior a duzentos. Então, mais talvez do que hoje, era aquelle ponto verdadeiramente o entreposto do commercio do alto sertão desta e da provincia do Piahy. E assim devia ser, visto que não sendo tam faceis e tam promptas as suas communicações com a capital, como ora acontece, eram os negociantes, de necessidade, obrigados a disporem sempre de grossos e avultados cabedaes.

O dinheiro que ali corria era a prata e o ouro, que outro não conheciam nem admittiam os sertanejos nas suas multiplas e variadas transacções. Pois bem, tudo isto desapareceu na voragem do saque; e quando algum tempo depois restaurou-se a bella cidade, de toda a sua passada grandeza nada mais restava que a desolação, o lucto, a dor, e ruinas ensanguentadas!

No meio dos maiores desastres e mais fundas desditas com que, ha seis mezes, era quasi que quotidianamente flagelada a provincia, nenhum, pode-se dizer, emocionou tam vivamente o espirito publico como o da perda d'aquella cidade, e do massacre de seus habitantes.

Emquanto estas noticias produziam uma especie de torpôr e assombro que parecia invadir todos os animos, começaram a derramar-se outras, não menos alarmantes, de que uma columna,

forte de mil rebeldes, vindos da Parnahyba, intentavam dar desembarque na ilha, e apoderar-se de improviso da capital da provincia.

Não podiam ser mais desoladoras semelhantes noticias, e tal foi o panico dos habitantes de São Luiz que alguns houve que, não se julgando já bastante seguros em suas proprias casas, mudaram-se do centro da cidade, onde residiam, para as proximidades do embarque.

Foi em occasião tam solemne, na hora suprema do grande perigo que João Francisco Lisboa, que até então se tinha conservado em respeitosa distancia do governo, apresentou-se em palacio a offerecer os seus serviços ao presidente, e em nome da opposição, de que era o seu mais digno e illustre representante, fez sahir na "Chronica Maranhense" diversos artigos sendo que um delles, que é um primor de estylo e de patriotismo, não pouco contribuiu para erguer o espirito publico, sensivelmente abatido.

Por sua parte o presidente, passado o primeiro momento, fez publicar e distribuir pela cidade a—Proclamação—que abaixo se lê, concitando e levantando os brios da população, aconselhando-lhe a união e o esquecimento de antigas rivalidades e dissensões politicas, e tomando ainda outras medidas, proprias a livrar ou defender a capital de qualquer aggressão ou surpresa por parte dos rebeldes.

A Proclamação era a seguinte:

**Bravos Maranhenses.**

A horda de salteadores, que hasteou o pendão do roubo e assassinato no interior, prosegue desenfreiada e ameaçadora na carreira dos crimes que encetou; e a despeito das energicas providencias que o Governo não tem cessado de dar, a rebelião achou novo theatro para os seus horriveis attentados: Caxias está em poder dos facciosos!!

Não desanimeis porem com este acontecimento inesperado; grandes recursos ainda nos restão, novos auxilios foram pedidos aos nossos irmãos do Norte e Sul; todas as medidas estão tomadas para preservar a capital, para suffocar a anarchia nos pontos que ella infesta.



Dignos habitantes do Maranhão, é pois chegado o momento de ostentar o patriotismo que vos anima; vinde unir-vos em torno do vosso presidente, e pressurosos acudi aos reclamos que vos dirigir para a defesa de vossas vidas e propriedades.

Cidadãos Brasileiros de quaesquer opiniões politicas, abdicae neste solemne momento as opiniões que vos retalhão, e unidos em um so interesse, conspirai todos para a salvação da Provincia.

Eia, valerosos Maranhenses, depois de tantos sacrificios, ainda alguns esforços, e a Legalidade vae triumphar.

Viva a Religião.

A Integridade do Imperio  
O Senhor Dom Pedro 2.<sup>o</sup>  
E Os Bravos Maranhenses.

Palacio do Governo do Maranhão em 13 de Julho de 1839

—*Manoel Felisardo de Souza e Mello.*

Outras providencias tomou ainda o presidente que bem mostram o panico de que se achava elle possuido, taes como a de fazer desmontar e encravar a artilharia das fortalezas de Santo Antonio da Barra e do Baluarte.

Foi tambem nesta occasião que, acudindo ao appello do governo, sob o titulo de—“Batalhão Provisorio Auxiliador”—, teve logar nesta cidade a creação de um batalhão de estrangeiros, composto na sua quasi totalidade de portuguezes, e de que era commandante o major Antonio José de Carvalho, que mais tarde aqui falleceo, já no posto de brigadeiro.

Com relação á creação deste batalhão encontramos no “Consulado Portuguez” os seguintes officios, trocados entre o Consul desta nação e o presidente da provincia;

*Illm.<sup>o</sup> e Exm.<sup>o</sup> Senr.*

Rogo a V. Exc. se digne declarar-me o motivo porque nesta capital se organisou hum corpo de Portuguezes com o

titulo de Batalhão Provisorio Auxiliador; se este Corpo é ou não considerado como tropa do Brasil; se recebe soldo ou pensão; e finalmente se os individuos que nelle figurão de Officiaes sob a designação de primeiros, segundos, e terceiros Commandantes de Companhia têm alguma patente passada pelas autoridades do Imperio, ou receberão condecoração por virtude de seus postos, e quem lhes conferio estes.

Deus Guarde a V. Exc.—Vice-Consulado de Portugal no Maranhão em 3 de Dezembro de 1839. Illm.º Exm.º Senr. Manoel Felisardo de Souza e Mello, D. Presidente da Provincia. José Gonçalves Franco.

Illm.º Senr.

Em resposta ao seu officio de 3 do corrente tenho a comunicar-lhe que o Batalhão Provisorio Auxiliador, composto de Estrangeiros e Nacionaes é uma reunião voluntaria de homens que receberão certa organização para defenderem suas vidas e propriedades, se desgraçadamente forem postas em perigo pela invasão da horda barbara que assola o interior desta provincia.

Deus Guarde a V. S.—Palacio do Governo do Maranhão em 4 de Dezembro de 1839.—Manoel Felisardo de Souza e Mello.—Senr. José Gonçalves Franco, Vice-Consul interino de Portugal.

Ainda sobre Caxias, e responsabilidade de sua perda, deparámos com o seguinte curioso documento:—Podia aquella cidade ser soccorrida a tempo? Aquem attribuir-se a sua perda?—

Apparecendo por aquelle tempo no "Investigador Constitucional" um artigo em que se lia o seguinte:

"Verdade é que Caxias podia ser soccorrida a tempo se houvesse mais celeridade nas operações; e consta-nos que o presidente dera para isso ordens mui positivas, mas um concurso de circumstancias imprevistas retardou esse soccorro, e parece-nos que se não pode com justiça attribuir ao Senr. Manoel Felisardo a demora das operações no interior;" acudio, immediatamente, á imprensa o major Falcão, e, militar brioso, de uma reputação já então invejavel, exacto cumpridor dos seus deveres, vendo nestas

palavras uma censura irrogada a elle, que tivéra o commando em chefe de todas as forças que operavam no interior da provincia, não se pode conter, e desejando afastar de si a responsabilidade de semelhante desastre, respondeu na "Chronica Maranhense," nos seguintes termos:

"Tendo Caxias succumbido no 1.º de Julho, para que pudesse ser soccorrida a tempo era mister que o soccorro partisse da villa do Itapecurú-merim (ponto de reunião das forças em operações) a 15 de Junho, (qualquer pessoa que tenha feito a viagem de um a outro ponto está habilitada para julgar que, em menos tempo, e com tropa ella não se faz) e sendo eu nessa data o commandante das forças em operações, segue-se que apesar das positivas ordens, por falta de celeridade, deixei cahir aquella cidade, em poder dos lacciosos, embora aquelle redactor, para attenuar a gravidade desta falsa imputação, allegue as circumstancias imprevistas.

A perda de Caxias, por qualquer lado que se encare, é importantissima; e por essa razão cumpre tratar com muita minuciosidade, e não envolver na ambiguidade tudo quanto lhe disser respeito.

Tratemos, portanto, de averiguar:

- 1.º Que meios havia para que eu a pudesse soccorrer.
- 2.º Quaes eram as circumstancias em que me achava ao tempo em que isso devia ter logar.
- 3.º Que ordens tinha a cumprir.

Quanto a 1.ª pelo quadro abaixo transcripto, provo que em 15 de Junho tinha reunido 273 praças disponiveis.

Quanto a 2.ª, as circumstancias em que se achava a esse tempo a villa do Itapecurú-merim são quasi as mesmas em que se achava a cidade de Caxias; á excepção da communicação pelo rio, e pelo caminho dos campos de Anajatuba, todos os mais já estavam cortados pelos lacciosos, e Raymundo Gomes a ameaçar-me com os seus 2.000 homens, como fiz saber ao governo pelo meu officio numero 67 de 13 do mesmo Junho.

Quanto a 3.ª, se as ordens que tinha, eram mui positivas, e as não cumpri, incorri em um crime gravissimo, e devo ser

demora responder no tribunal do Conselho de Guerra; e não haja receio de que invoque a benevolencia dos meus juizes: não, desfechem sem dó o golpe da espada da lei.

A' vista pois desta franca exposição, firmada na correspondencia official que deve existir na Secretaria do Governo, os homeus sensatos que julguem se com 273 combatentes podia tirar-me da apertada posição, em que me achava collocado, e ir acudir Caxias, e se a perda desta cidade foi devida á falta de celeridade nas operações: impugnando este raciocinio do redactor, concordo com elle em que ao Exmo. Senr. Presidente da Provincia se não podem attribuir os revezes porque as armas da legalidade têm passado. S. Exc. achou-se só com os meus 273 commandados; e se isto não é verdade, aponte o redactor uma só das notabilidades do interior que cooperaram para serem sopeadas as desordens passadas, e que na presente se pudesse sustentar contra a lava revolucionaria.

Finalmente, impugno tambem o que o redactor diz a respeito do desanimo em que ficou a tropa, pelas vantagens ganhadas pelos facciosos; quanto a que eu commandava, mesmo na crise em que estava a 19 de Maio, não só nunca deixou de ostentar o brio e valor inherentes á sua classe (como fiz constar ao governo em meu officio numero 42 d'aquella data) como tambem foi a unica que, nesta infausta lucta (com orgulho o digo) soube sustentar o decoro e o nome das armas brasileiras.

Rogando ao Senr. redactor a inserção da presente correspondencia em um dos proximos numeros do seu jornal, não tenho outro fim mais do que patentear á officialidade maranhense, que a não deshonrei com os meus actos, durante essa commissão a que fui chamado na falta de grandes capacidades; pois se o negocio de que trata o redactor do "Investigador" fosse peculiarmente meu, não occuparia a attenção publica com o seu debate, visto que este e outros actos commigo praticados têm arrefecido

certo ardor de que era animado, de sorte que hoje só me resta a obediencia militar.

Fico sendo com a devida consideração

De V. S.\*

Amigo obrigado

*Feliciano Antonio Falcão.*

S. C. em Maranhão 24 de Setembro de 1839.

**QUADRO demonstrativo das forças em operações desde 11 de Maio até 23 de Junho de 1839**

	<u>Combatentes</u>
Entraram na villa do Itapecurú-merim a 14 de Maio.....	82
Fracções reunidas de 14 de Maio até 19 de Junho.....	191
Reuniram-se a 20 do mesmo sob o commando do Capitão Simão A. Alves.....	72
Idem a 22 do mesmo mez sob o commando do Capitão Joaquim Serapião da Serra.....	52
	<hr/>
Total.....	397

Maranhão, 24 de Setembro de 1839.

*Feliciano Antonio Falcão.*

## LIVRO V

**SUMMARIO** :—Os rebeldes constituem a sua primeira *Junta Provisoria* em Caxias, e enviam uma deputação ao presidente.—Chegada da deputação á capital, requisições dos rebeldes, e da maneira porque foi aquella recebida pelo presidente.—Refuta-se o auctor da *Memoria Historica*—A Revolução da Provincia do Maranhão—quando diz que os membros desta deputação eram Bemtevis.—Celebre conferencia em Palacio entre o Dr. Joaquim Franco de Sá e o professor Francisco Sotero dos Reis; e narração circumstanciada de tudo o que na mesma se passou.—Bellissima carta de João Francisco Lisboa ao chefe rebelde José Joaquim da Silveira, escripta a pedidó do presidente Manoel Felisardo.

De posse da segunda capital da provincia, saciados, por então, da sede de sangue e do ardor de vinganças que os abraçava; senhores, finalmente, das riquezas, com que se ensoberbecia por aquelle tempo a princeza do sertão, e de grande copia de munições de guerra alli accumuladas (1), tratáram desde logo os rebeldes de dar á revolução uma apparencia mais ou menos regular de governo, instituindo para esse fim uma intitulada—*Junta Provisoria*—, da qual faziam parte o Dr. Francisco de Mello Coutinho de Vilhena, o tenente-coronel Hermenegildo da Costa Nunes, e os cidadãos Severino de Oliveira e Costa, Domingos Antonio de Mesquita e João Baptista Vianna, os quaes, todos, uns

---

(1) Havia na igreja de N. S. dos Remedios que servia de armazem ou deposito de artigos bellicos aos legalistas—300 barris de polvora, 40.000 cartuchos embalados, e muito armamento.

por coacção, outros a instancias de infelizes amigos seus, retidos como prisioneiros, acceitáram esse arriscadissimo e penoso encargo, no qual, entretanto, bem pouco se demoráram os dois primeiros por se opporem abertamente, em proclamação que fizeram, a todos os projectos de sangue e de rapina do Balaio e de outros ferozes caudihos.

Constituida a Junta, foi um dos primeiros cuidados do tenente-coronel Costa Nunes, que della fazia parte, lembrar ao *Conselho Militar*, reunião informe de todos os chefes rebeldes, mas que era quem em verdade de tudo punha e dispunha, a necessidade de enviar deputações aos presidentes do Piauhy e Maranhão para pessoalmente lhes entregarem as requisições que o mesmo Conselho tencionava fazer; e nessa indicação levava elle em mira não só procurar meios de evasão para si e amigos seus, mas ainda, e principalmente, poder chegar até a presença do presidente desta provincia, e melhor lhe dar uma exacta informação das pretensões dos rebeldes, do estado das cousas, e dos infelizes prisioneiros, em favor de quem desejava requerer tudo quanto os pudesse furtar aos golpes dos assassinos. (1)

Organizada a deputação que devia ser portadora das requisições dos rebeldes perante o presidente desta provincia, della logrou fazer parte o mesmo tenente-coronel Costa Nunes, bem como os cidadãos João Fernandes de Moraes, João da Cruz, Feliciano José Martins e o padre Raymundo de Almeida Sampaio, partindo todos sem demora em demanda da capital, não sem primeiro haverem desembolsado grandes quantias, não só para lhes ser permittida a sahida, como para lhes fazerem os rebeldes a promessa de que respeitariam os prisioneiros até que recebessem do governo resposta ás suas requisições.

“Chegados que fomos a esta cidade, (capital) diz o acima referido tenente-coronel Costa Nunes que, ao que parece, era o relator da deputação, apresentamo-nos a S. Exc., (o presidente Manoel Felisardo) e eu, em vez de lhe dirigir um discurso escripto, que os rebeldes nos haviam dado, fiz-lhe ver os motivos que

(1) Carta do tenente-coronel Hermenegildo da C. Nunes estampada na "Chronica Maranhense", n. 183 de Novembro de 1839.

nos impelliram a acceitar semelhante commissão, e que eram principalmente entretel-os com esperanças até ver os meios de libertar os presos. Releva dizer que entregamos ao Exm.º Presidente um documento, que sem duvida nos poria para com elle fóra de qualquer suspeita de connivencia com os rebeldes”.

O officio do Conselho Militar, dirigido ao presidente, bem como as instrucções que o acompanhavam, e o discurso de que era portadora a deputação, diziam o seguinte :

—O officio—

*Illm.º e Exm.º Senr.*

O Conselho Militar reunido na cidade de Caxias, e composto dos commandantes das forças do partido Bemtevi, que conta seis mil-homens bem armados e municiados, tomou por medida salutar e mui conveniente ao socego da provincia mandar perante V. Exc. uma commissão composta dos Senrs. João Fernandes de Moraes, Hermenegildo da Costa Nunes, João da Cruz, Feliciano José Martins e padre Raymundo de Almeida Sampaio, brasileiros probos e dignos de toda a consideração, para apresentar a V. Exc. os desejos e votos do partido Bemtevi, os recursos com que conta, e a firme determinação em que se acha para fazer respeitar as leis, a constituição e o throno augusto de S. M. o Imperador; e muito confia que V. Exc. convocando immediatamente a assembléa provincial haja de adoptar as medidas que se propõe, porque são ellas sem duvida a declaração da vontade da provincia. Caxias 10 de Julho de 1839. Illm.º Exm.º Senr. Manoel Felisardo de Souza e Mello.

As instrucções eram assim concebidas :

Art. 1.º O Conselho Militar e tropa reconhece e respeita o governo de S. M. o Imperador, as leis e constituição do Imperio.

Art. 2.º O Conselho Militar declara que o povo e tropa, que se acha reunido e se conserva com as armas nas mãos, não tem outras vistas mais que pedir ao Exm. Senr. presidente da provincia abrogação das leis provinciaes que creáram as prefeituras, e offenderam a lei geral sobre a organização de uma guarda nacional, alem dos artigos seguintes.



Art. 3.º Que o Exm. Senr. presidente da provincia, reunindo extraordinariamente a assembléa provincial, conceda uma amnistia aquellas pessoas que de qualquer modo se acham comprometidas na presente lucta, por quanto ella só tem por fim lançar por terra aquellas leis, que ameaçam as liberdades provinciaes.

Art. 4.º Pede ao Exm. Senr. presidente da provincia oitenta contos de réis em dinheiro, para indemnisação da tropa, porquanto a contribuição imposta aos habitantes desta cidade (Caxias), que lhe fizeram a mais decidida opposição, não é sufficiente para supprir o deficit dos respectivos prets.

Art. 5.º Que os presos d'Estado que se achavam em custodia, sendo processados legalmente, respeitando-se o fóro de cada individuo; conforme a constituição do imperio e leis existentes, sejam obrigados a cumprir suas sentenças, havendo recursos dellas na forma do código do processo.

Art. 6.º Que saíam da provincia os portuguezes, propriamente fallando, ficando somente os adoptivos, a quem não será permittido os empregos publicos, a venda de armas de qualquer natureza, munição ou quaesquer outros generos *combustiveis*, sob pena de serem tomadas pela fazenda publica, com denuncia ou sem ella, e por isso inhabilitados de pegar em armas em qualquer occasião.

Art. 7.º Que d'entre as forças Bemtevis sejam considerados em seus respectivos postos aquelles officiaes de melhor conducta, e que mereçam a opinião, assim do governo como do publico, para serem empregados nos corpos da provincia.

Art. 8.º Que o Conselho Militar obriga-se a fazer depor as armas, logo que estas requisições sejam adoptadas pelo Exm.º Senr. presidente da provincia e assembléa provincial, podendo admittir-se aquellas modificações que a deputação entender fazer, em cumprimento dos interesses e dignidade do partido Bemtevi.

O discurso era o seguinte:

*Illm.º e Exm.º Senr.:*

O partido denominado Bemtevi, que parecia fraco, mas que tem adquirido forças e muitos elementos de resistencia a outro

qualquer que o pretenda supplantar, havendo á custa de esforços e trabalhos conseguido apoderar-se e tornar sua toda a provincia maranhense, respeitando sempre as leis e o throno augusto de S. M. o Imperador, nos manda em deputação perante V. Exc. a representar a V. Exc. o estado de engrandecimento em que se acha, e as medidas que julga convenientes ao bem da provincia, a fim de que V. Exc., tomando-as na devida consideração, as adopte para salvar a provincia das immensidades de males que a ameaçam, si ellas não forem approvadas.

Não ha duvida, Exm.º Senr., que alguns excessos praticou este partido no seu começo; hoje porem que elle acaba de tomar Caxias, onde se municia de oitenta mil cartuchos embaldados, mil armas, peças de artilharia, e mais de tresentos barris de polvora, apoiado em seis mil homens, apresenta uma barreira irresistivel, e manifesta a vontade da provincia. Assim, Senr. o partido Bemtevi, querendo sustentar os objectos mais caros aos bons Brasileiros, nos manda perante V. Exc. offerecer-lhe as instrucções juntas que nos deu, e muito confia que V. Exc., como muito interessado no socego da provincia, haja de lhe dar uma resposta satisfactoria, ou as condições que julgar convenientes, porque a deputação está auctorizada a recebê-las ou modificá-las.

“Que os membros desta deputação eram Bemtevis, diz ainda o Dr. Magalhães (1), este discurso o prova, e mais ainda a confiança nelles depositada, posto que deste labéo se defendessem.”

Antes de tudo, convem não confundir os representantes de um partido politico que reunia então o que a provincia tinha de mais selecto em talentos, posição e fortuna, com um bando de salteadores: aquelles, faziam opposição ao governo pelos meios constitucionaes—na imprensa e na tribuna; estes, com as armas na mão, levando a devastação, a ruina, a deshonra, e a morte a populações inteiras, pacificas e inermes.

Se dos primeiros, alguns, mal inspirados, deixáram-se arrastar pela voragem da revolução; do partido então dominante, não poucos foram os que a ella tambem adheriram.

---

(1) Domingos J. G. de Magalhães—A Revolução da Provincia do Maranhão—1839—1840. Pag. 39.

O que havia pois de commum entre uns e outros, entre rebeldes e Bemtevis? Seria pelo facto de se terem prestado estes a commissarios da revolução? Mas, em condições tão criticas, quaes as em que se achavam elles, sem garantias, e abandonados, por assim dizer, do resto da provincia, quem se acharia com a coragem precisa para recusar-se a semelhante mensagem, tanto mais vendo que ia nella a sua propria segurança, a dos seus, e a de amigos, que lá ficavam (em Caxias) retidos como prisioneiros?

Quando nos primeiros dias de Julho tratou o Conselho Militar de organizar a primeira Junta Provisoria em Caxias, officiou a diversos cidadãos, entre os quaes o tenente-coronel Costa Nunes, convidando-os a aceitar em semelhante encargo. Recusando-se este, apresentou-se-lhe Livio Lopes, em pessoa, e arremessando bruscamente sobre uma mesa o officio de sua recusa, disse-lhe, em um tom aspero: *“Isto não é resposta que o Senr. dê, aprompte-se e vá tomar conta de seu lugar, assim terá mais segurança, porque já está bem desacreditado como Cabano.”*

Este facto, que se passou em presença dos cidadãos Domingos da Silva Porto, Joaquim José Teixeira, Manoel Antonio do Rego, Francisco de Souza Vaz, Antonio de Moraes Rego, Antonio José Gaspar Ribeiro e José da Cunha Machado, que chegou a vir ao dominio da imprensa, e que nunca foi contestado, não será mais que sufficiente para dar uma idéa do perigo a que se expunha todo aquelle que procurava eximir-se a requisições dos rebeldes?

Se, como diz o Dr. Magalhães, eram os membros desta deputação pessoas de confiança dos rebeldes, como se explica ainda que só tivessem elles podido seguir para a capital depois de haverem desembolsado não pequenas quantias, e não mais quizessem voltar, enquanto esteve Caxias em poder dos mesmos rebeldes?

A verdade é que não faziam estes selecção, quando tratavam de commissões taes, e—Bemtevis ou Cabanos—, quaesquer que a sorte lhes deparasse, ou que tivessem a infelicidade de cair-lhes nas mãos, sujeitavam-se a tam dura e penosa missão, porque o terror, e mais que tudo—o amor á propria existencia, os forcava a assim proceder.

Mas voltemos ao ponto principal.

De posse dos documentos em que se achavam exaradas as pretensões dos rebeldes, procurou, em tam difficil conjunctura, ao que parece, aconselhar-se o presidente ou, pelo menos, ouvir a membros importantes dos dois partidos então militantes, e caso este seu alvitre surtisse o desejado effeito, ir, talvez, mais alem,—ver se era possivel alcançar o congraçamento desses mesmos partidos, ou se tanto não conseguisse, obter o esquecimento temporario de suas antigas rivalidades e dissensões intestinas, no interesse unico da salvação da provincia.

Mas... Baldado esforço, tentativa vã!

Com esses intuitos provocou uma conferencia, que teve lugar em Palacio, a qual tornou-se larga e demorada, entre o Dr. Joaquim Franco de Sá, juiz de direito de Alcantara, e o professor do Lyceo Maranhense, Francisco Sotero dos Reis, redactor do "Investigador Constitucional;" o primeiro, indicado como opposcionista liberal; o segundo, como muito aferrado ás ideas conservadoras.

Do encontro destes dois homens, tam notaveis já, pôr todos os titulos, e, posteriormente, ainda mais, pela figura conspiciua que desempenbáram na historia politica desta provincia, encontro imprevisto, como elles proprios ao depois confessáram em publicações que pela imprensa fizeram, resultou longo e animado debate, sem que infelizmente podessem chegar a um accordo.

O presidente que assistira a toda esta conferencia, dizem, tivera a coragem de não proferir palavra, e de em silencio ouvil-os sem descobrir o seu pensamento.

"Primeiro lembrei, diz o Dr. Franco de Sá, que o governo podia convocar extraordinariamente a assembléa provincial pelo motivo da lei do orçamento, não concluida na sessão ordinaria; que então um deputado se encarregaria de propor a derogação em questão (referia-se á Lei dos Prefeitos) sem que a favor da proposta jamais se allegasse concessão aos rebeldes, senão a illegalidade da lei, já posta fora de duvida pela interpretação do acto addicional, e pelo nenhum apoio que tal lei merecia das influencias da Côte.

E porque desejava eu esta derogação em semelhante actua-

lidade? Diz o Senr. Sotero—para que o partido dominante fizesse uma concessão á opposição constitucional, e ganhar-se assim defensores á legalidade—mas isto carece de correccão.

Desejava-o eu como um meio de salvar a vida a mais de duzentos cidadãos em poder dos rebeldes, e a segurança de todas as familias existentes em Caxias; e porque *parecendo* este acto uma concessão á opposição, ao passo que desarmava a rebeldia do maior pretexto, com que os seus caudilhos subleváram as ultimas classes, concorreria talvez para ganhar alguns animos, que de cegos e vingativos, ainda na crise actual se não achassem dispostos a empregar todos os seus esforços contra o inimigo commum, por consideral-o mais directamente offensivo á actual dominação.

Muitas vezes porem declarei a S. S. que não lembrava e menos pederia essa medida como uma verdadeira concessão á opposição constitucional, não só por conhêcer a importunidade, se outros motivos de interesse geral não houvesse; como por entender que, se era isso uma vantagem, já a deviamos considerar obtida, quer pelo estado de descredito em que tinham cahido as prefeituras, quer pela interpretação do acto adicional. (1)

Parecendo accetar esta indicação propoz, por sua vez, o professor Sotéro—a suspensão de garantias e a decretação de um credito de oitenta contos de reis, que outros dizem de quarenta, para medidas extraordinarias—, no que não concordou o Dr. Franco de Sá por considerar taes propostas desnecessarias e altamente perigosas.

Fazendo-as, dizem, tinha o professor Sotéro em mira a substituição do presidente Manoel Felisardo pelo marechal Andréa, homem duro, de character violento e despotico, e que acabava de administrar o Pará, onde desenvolvera a maxima energia na sufocação da revolta ali conhecida por *vinagrada*.

Tal é a exposição verdadeira do que se passou nessa celebre conferencia que, em vez de adoçar, pareceu azedar ainda

---

(1) Carta do Dr. Joaquim Franco de Sá. Vide Chronica Maranhense n.º 182—de 2 de Novembro de 1839.

mais a linguagem com que se reciprocavam na imprensa os dois partidos políticos.

Foi por essa mesma occasião, na primeira entrevista com o presidente, que communicou este ao redactor da "Chronica," que, falto de forças como se via, estava disposto a fazer algumas concessões para congraçar os partidos; e mesmo á rebellião, para desarmal-a e contel-a; e foi ainda em consequencia do plano que elle tinha adoptado que, o redactor da "Chronica," o desembargador José Mariani, o doutor Antonio Borges de Leal Castello Branco e o tenente-coronel Raimundo Pereira da Silva, um dos mais opulentos capitalistas do Piauhy, dirigiram cartas a alguns rebeldes com quem, em outros tempos, tinham tido relações.

Essas cartas tinham por fim principal persuadir aos rebeldes a deporem as armas, e a respeitarem as vidas e as fortunas que tinham a sua disposição.

Promessas de perdão, e premios, ameaças de castigo, exaggeração das forças da legalidade, declaração explicita de que a opposição via com horror as desordens, nada foi esquecido para fazel-os volver ao caminho da lei.

Uma dessas cartas, a dirigida pelo nosso Lisboa a José Joaquim da Silveira, a unica que passou ao dominio da imprensa, produzindo tal sensação, que della, confessava o proprio Sotéro, nada haver que não respirasse os mais puros sentimentos de nobresa e generosidade, essa, merece para aqui ser trasladada. Eil-a:

*Illm.º Senr. José Joaquim da Silveira*

Maranhão, 19 de Julho de 1839.

Meu amigo e patricio.

Porque quiz Deus permitir que, não as relações de amizade, mas as tristes circumstancias da nossa Provincia fossem as que me obrigassem a lançar mão da penna n'este momento? Grandes por certo são as nossas desgraças; mas ainda é tempo de atalhal-as, e pôr remedio aos males que nos affligem.

V. S. estará bem certo que sempre que lhe escrevia, desde a

*fatal epocha de Novembro de 37, lhe recomendava que usasse de toda a sua influencia para manter a paz e a ordem, porque, sem desconhecer as injustiças que sofriamos em geral, e de que eu fui particularmente participante, já previa desde entam que as desordens havião de gerar outros males maiores. E em verdade, o que temos visto nós desde que começaram as actuaes guerras? muito sangue brasileiro derramado, muitas fortunas destruidas, um futuro medonho e tenebroso, o susto e o terror derramado por toda a parte, e em lugar dos esperados melhoramentos, um estado insofrivel, com esperança de ir cada vez a peor.*

Aqui não posso deixar de recordar as scenas do Pará. Naquella Provincia, depois de muitas intrigas, o povo pegou em armas, e assassinou as authoridades; mas depois, os que havião feito a revolução se revoltarão uns contra os outros, matarão-se e prenderão-se de modo que quando ali chegou o Andréa, quasi não teve difficuldade alguma em submetel-os, e então os que havião escapado da guerra civil, forão metidos nos purões, onde á fome e pancada, morrião 6 e mais por dia, que erão lançados ao már, e note que assim forão tratados não só os que pegarão em armas, mas até muitos outros que sempre se opposerão a isso.

Tratemos pois de evitar semelhantes horrores, tratemos de sufocar quanto antes a anarchia e a desordem, para que depois não venhamos a soffrer muitos despotismos, e muitas perseguições, que é o que mais tarde ou mais cedo terá de acontecer, a não haver desde já muita prudencia, e moderação.

Quem assim falla a V. S., quem desejaria fallar de modo que todos os Maranhenses o ouvissem, é um antigo patriota, é o redactor da Chronica Maranhense, o constante defensor dos direitos do povo, aquelle que por tal motivo tem sido perseguido, e calumniado, mas que apesar d'isso sempre firme tem clamado contra os que nos conduzirão, a pouco e pouco, a tal estado. Se tenho pois sido tal como digo e se assim ninguem podê suspeitar de mim, julgo-me com direito a declarar que tenho visto com magoa as desordens que nada remedeião, e muito principalmente os terribes excessos de que tem sido acompanhadas essas desordens. Torno ainda a repetir, é preciso pôr termo a tudo para a salvação de todos.

As requisições que d'ahi vierão, forão presentes ao Governo, algumas d'ellas inteiramente não podem ter lugar, e ainda áquellas mais rasoaveis o Governo como Governo, não pode acceder, porque o presidente seria criminoso, e castigado como tal pelos Ministros de S. M. o Imperador, se tendo 1:300 homens de linha, e mais de 4:000 habitantes em armas n'esta Capital, accettesse requisições feitas com armas na mão e em tom ameaçador; n'isso não quer elle convir, nem se pode, nem é justo exigir. Mas dou-lhe a minha palavra de honra que elle é bem intencionado, e deseja sinceramente tudo concluido em paz; eu que combati o Camargo com todas as forças não pouparia a este se visse que elle merecia. O Presidente pois prometeo-me solememente, a mim e a todos os Bemtevis meus amigos que a lei dos prefeitos iria abaixo, e que serão amnistiados todos os que houvessem pegado em armas, *uma vez que as forças reunidas começassem a mostrar por suas acções e procedimento as boas intenções de que se achão animadas.*

O Presidente quer, e todos igualmente desejão, para ver renascer a paz, que as tropas ahi reunidas se opponhão a que os mal intencionados pratiquem roubos, mortes, e outros desacatos, *e que se respeitem os presos que ahi se achão, e até se trate de facultar-lhes a liberdade, o que eu tambem peço, mormente a respeito d'aquelles que forão meus inimigos, pois não reputo mais por taes, desde que cahirão na desgraça e abatimento em que se estão vendo:* o que o presidente finalmente quer, e querem todos, é que as tropas, ou deponhão todas as armas ou em parte passem a faser serviços em favor da legalidade. —As felises consequencias de um tal procedimento serão a cessação do derramamento de sangue brasileiro, a queda dos prefeitos, a amnistia para todos os que se portarem como homens de bem. E os que prestarêm serviços activos á legalidade, não só serão amnistiados, como até premiados por benemeritos, alem da grande recompensa das benções e amor de seus patricios.

Exponha pois meu amigo e patricio aos differentes chefes das forças ahi reunidas, quanto acabo de diser-lhes; *eu não lhes escrevo particularmente, porque não tenho a honra de os conhecer,*



use de toda a sua influencia, para que elles acceitem o que lhes proponho, e que será fielmente cumprido pelo Governo, pois que n'isso empenho uma e outra vez a minha palavra de honra. Nosso patricio Hermenegildoahi vai, e com elle se deverão os chefes entender acerca do melhor meio de se pôr por obra o que pretendemos.

Alcançando-se o que desejamos, tudo irá bem, a paz renascerá, a liberdade do povo ficará segura, e os chefes honrados, hemquistos, e estimados.

Mas se acontecer o contrario, se forem tenases em requisições que o Governo não pode admitir, se não poserem um termo a essas terriveis desordens, o que esperão? não olhão para o futuro?

O presidente, como já disse, tem ainda 1.300 homens de 1ª linha, estando sob as ordens do Falcão 800 e os mais em pontos que se podem ajuntar, logo que elle queira; aqui na Capital entre Guardas Nacionaes, e paisanos, achão-se 3 para 4 mil homens em armas e 4 embarcações de guerra nacionaes no porto (são o brigue 3 de Maio, e as escunas Victoria, Fidelidade, e Legalidade) um brigue de guerra Francez que promete coadjuvar, alem do hyate 28 de Julho, e varias canhoneiras. Espera-se mais com brevidade 400 homens do Pará, e 300 e tantos de Pernambuco, e do Rio de Janeiro é provavel que venhão bastantes forças de mar, e terra, logo que os Ministros saibão do que por cá vai. Bem vê já que esta Cidade, com tanta gente, com fortificações formidaveis, tanto pela posição, como pela numerosa artilheria, não pode absolutamente ser invadida, e quanto sangue não irá correr pelo interior, logo que o Governo sem esperanças de paz faça mover as tropas de 1ª linha, tanto as que já tem aqui, como as que espera todos os dias? que choques terriveis não haverá? poderá isso aturar assim eternamente? não poderá vir por ahi algum presidente despotico, e mal intencionado, que persiga, prenda, e atropelle os bemtevis que ahi se achão? Aproveito a occasião para dizer que o presidente actual, Manoel Felisardo, é imparcial, e deseja acertar, não tem consentido em perseguir os bemtevis que estão socegados, e tratou muito bem os emissarios, tanto d'ahi,

cômo do Brejo, sem os prender, apesar de alguma gritaria que por isso houve, e finalmente está animado de intenções tão pacificas que logo que soube que vinhão d'ahi requisições mandou retroceder o Falcão até se ultimarem as negociações de que estamos tratando.

Meu amigo e patricio, medite bem no que tenho exposto, e meditem igualmente os chefes, a quem pôde mostrar esta, e escolha entre a ruina sua, dos senhores, dos bemtevis daqui, e da provincia inteira em geral, e entre uma paz honrosa, e as benções de todos os que lhes deverem o socego.

O nosso patricio Hermenegildo pode receber todas as communicações que tiverem de fazer-lhe, e si os Snrs. *Raymundo Gomes, Livio e Manoel Rodrigues* me quizerem escrever, receberei nisso muita mercê, sendo para fins licitos como espero. Uma graça particularissima tenho de pedir tanto a V. S. como a todos esses senhores. Em geral já lhes fiz vêr que uma das requisições do presidente era serem os presos garantidos de todo o máu tratamento, e postos em liberdade logo que seja possivel. Eu julgo isso summa justiça e necessidade, porem faço especial menção a favor do coronel *João Paulo*,

A fortuna é varia, cumpre por tanto beneficiar a homens que nos possam soccorrer na adversidade; de mais não sabemos todos quanto o coronel valeu aos bemtevis durante o cerco, e quantas desgraças evitou desde a chegada do Camargo? Se eu o vejo aqui salvo antes mesmo da conclusam das pases terei de mostrar-me eternamente reconhecido, e pode ser que meu limitado prestimo não lhe seja de todo inutil em algum tempo.

Para se certificarem mais que a lei dos prefeitos ainda quando o presidente não a fizesse abolir, havia infalivelmente cahir no Rio de Janeiro, ahi lhe remetto esses numeros da "Chronica" e "Sete de Setembro", que fará a mercê de ler, e distribuir.

N'elles vão discursos do nosso Senador Costa Ferreira, e de deputados de ambos os partidos que todos a uma voz clamão contra os prefeitos e seus despotismos. Como não posso escrever a todos, rogo-lhe mostre esta aos Snrs. seus filhos e aos nossos

patricios—Geraldo—Carvalho Lima, e Croá que a tomem por sua porque a todos peço igualmente o mesmo que a V. S.

A Deus, e elle os inspire. Desculpe o desalinho em que isto vai, que a pressa, a fadiga, e a agitação não consentem cousa melhor.—De V. S. P. obrigado e criado.—Assignado.—*João Francisco Lisboa.*

N. B.—Depois de haver escripto a presente, occorre que o Hermenegildo não pode ir pelas razões seguintes—O Munim, foi cercado pelas tropas da revolução em numero de 600, havendo da legalidade dentro da villa 190 homens, baterão-se por mais de 8 dias com grande estrago de parte a parte, mas a perda foi maior nos de fóra, porque soffrião o fogo da artilheria. Vendo porém o presidente que não havia interesse algum na conservação do Munim, por ser uma terra miseravel, e pobre, já abandonada dos habitantes, e mesmo por causa das negociações que entabulamos, mandou abandonal-o pela tropa tambem, que se acha na ilha, prompta a seguir o destino que o presidente lhe quizer dar. Ora as tropas de fora que entrarão no Munim naturalmente se hão de dirigir a villa do Rosario; e como o Falcão pode ser que venha postar-se n'ella, naturalmente ha de atacal-as e fazer-lhe grande estrago, se lhe quizerem impedir a passagem, pois a tropa que elle levava para Caxias, reunida a que ficou em Itapecurú-merim anda por 1.100 homens, e elle como ahi se ha de saber, é um official valente e habil. Os Snrs. fizeram muito mal logo que se resolverão a fazer requisições, em não mandarem ordem immediatamente a todos os pontos, para suspenderem as hostilidades para evitar-se o derramamento inutil d'um sangue precioso. Ora podendo haver esse choque entre o Falcão e a tropa do Munim, ignorando-se mesmo se o Falcão chegou a receber as ordens do Governo para voltar, e não sabendo os differentes grupos das negociações em que estamos, recela o Hermenegildo ser impedido e até maltratado, por isso não vai já e manda-se um proprio. Apesar d'isso, quanto digo e prometto, fica da mesma forma valioso. Expeção d'ahi ordem a todas as tropas suas para deixarem transitar livremente quaesquer emissarios de parte a parte, escrevão-me com brevidade, e exponhão-me os seus sentimentos, ficando certos que os seus propios serão bem tratados. Cedo hirão alguns dos emissarios. A Deus, etc.—Assignado.—*João Francisco Lisboa.*

## LIVRO VI

**SUMMARIO** :—Chegada do tenente-coronel Francisco Sergio de Oliveira, nomeado commandante das forças expedicionarias do Maranhão.—Outras providencias tomadas pelo governo geral para reduzir a rebelião.—Desastre no Icatú.—Partida do presidente e do commandante das forças para o Icatú.—Ataque das Areias, e brilhante comportamento do major Falcão.

Nomeado pelo regente em nome do Imperador, por decreto de 5 de junho de 1839, para commandar as forças expedicionarias do Maranhão, aqui chegou no dia 29 de julho desse anno, na escuna de guerra "Legalidade", vindo do Pará, o tenente-coronel Francisco Sergio de Oliveira, que commandava o 8º batalhão de caçadores de linha, estacionado n'aquella provincia, trazendo em sua companhia o capitão Francisco Joaquim Ferreira de Carvalho, já conhecido por sua bravura, e 70 praças de primeira linha.

Por essa mesma occasião, (1) ao presidente da provincia do Maranhão expediram-se as convenientes ordens para reduzir os bandos de facinorosos que infestavam o interior da mesma provincia, prevenindo-o de que aos presidentes da Bahia, Pernambuco, Parahyba do Norte, Alagoas, Ceará e Piauhy haviam sido dadas egualmente ordens para lhe prestarem os auxilios que por ventura houvesse elle de requisitar.

---

(1) Aviso de 5 de Junho de 1839.

Não vinham fóra de tempo essas e outras providencias tomadas pelo governo geral, pois que já eptão lavrava a rebellião de um modo assustador na provincia.

Sem fallar de outros municipios, o do Icatú, sobretudo a villa do mesmo nome, achava-se em principios de julho sitiada, por terra, por não pequeno numero de rebeldes que se computavam de quinhentos a seiscentos homens.

No dia 10 desse mez, ao amanhecer, sahindo o alferes de commissão, Antonio de Sampaio, com 50 praças de linha e 27 paisanos a reconhecer um grupo, que segundo as informações calculava elle ser de 100 facciosos, encontrou-se a quatro legoas da villa com cerca de 300 rebeldes, aos quaes com denodo e valor fez recuar por grande espaço, encerrando-os no curral do—Burity do Meio—, onde de certo seriam todos prisioneiros, se novo grupo de mais de 100, que acabavam de chegar, não atacasse ao bravo alferes por um dos flancos. Nestas circumstancias preciso foi retirar, fugindo logo em começo os paisanos.

Os rebeldes picaram a retirada das forças da legalidade por espaço de tres legoas, o que deu logar a cahirem 9<sup>o</sup> feridos, os quaes entretanto não foram abandonados devido em grande parte a firmeza da retaguarda, composta de 12 praças, commandadas em pessoa pelo destemido alferes Sampaio. (1)

Após o insuccesso desta sortida deu-se o abandono do Icatú pelas forças leaes, que se não puderam mais alli ter, por penuria de mantimentos e agoa, alem de cançados por combates incessantes nos ultimos dias, apoderando-se os rebeldes de casanuas, e tropeçando em cadaveres já corruptos, quasi todos do gente que fóra sua, e passando-se a nossa brava tropa para a ponta do Guarapiranga.

Foi ao receber semelhantes noticias que viu o presidente o risco imminente que corria a capital, se elle por um golpe de mão não procurasse desaffrontal-a, ou pelo menos conter a audacia dos rebeldes que já tam de perto a ameaçavam.

---

(1) Ordem do dia do presidente Manoel Felisardo, de 11 de Julho de 1839.

Assim, fez marchar no dia 27 de julho, às 4 horas da tarde, uma expedição de 350 homens de 1ª linha e guardas nacionaes, sob o commando do capitão Ernesto Emilião de Medeiros, que desembarcando á meia legoa do Icatú, depois de uma hora de vivissimo fogo, em que soffreram os rebeldes grandes perdas, foi entrincheirar-se no lugar denominado—Villa-Velha—; e mandou que se lhe fosse reunir grande parte da força postada no Itapecurú-merim.

Tomadas estas primeiras providencias, poz-se o proprio presidente a caminho para aquella villa, partindo da capital por terra até o Guarapiranga, no dia 6 de agosto ás 4 horas da manhã, levando comsigo o tenente-coronel Francisco Sergio de Oliveira, commandante das forças em operações; o 2º batalhão de guardas nacionaes da capital, commandado pelo tenente-coronel Isidoro Jansem Pereira; um troço de tropa de 1ª linha sob o commando do tenente-ajudante João Paulo de Miranda; e um corpo de paisanos voluntarios, dito batalhão de Pedro Segundo, montando um todo de 400 homens; e tal foi a presteza e celeridade com que se dispuzeram todas as cousas que no dia seguinte (7) desembarcava a expedição em Villa Velha, achando já alli os batalhões, 1º da brigada pacificadora, do commando do major Feliciano Antonio Falcão, e 3º expedicionario commandado pelo capitão Ernesto Emiliano de Medeiros, ambos sob as ordens do tenente-coronel João Raymundo Carneiro Junqueira.

Ao amanhecer do dia seguinte (8), foi investido no commando geral de todas as forças o tenente-coronel Francisco Sergio de Oliveira; e debandados os corpos que para esse fim tiveram de formar-se, mandou elle que o alferes Sampaio com um troço de tropa do 3º batalhão fosse explorar o caminho que do acampamento guiava ao lugar da "Ribeira". Não se havia decorrido muito tempo quando ouviu-se um tiroteio, tendo logo em seguida o regresso da partida exploradora, com o simples resultado da tomada de uma arma, e de ser ferido com um bago de chumbo em a articulação do braço direito o vaqueiro de Antonio Pinto Ferreira Vianna, de nome José Valerio de Oliveira, vulgarisan-

do-se no acampamento a noticia de que os facciosos tinham sido desalojados.

Pouco depois marchou o 3º batalhão e d'ahi a alguns momentos eis que inesperadamente entra no acampamento o capitão Ernesto, que, entretendo-se pouco tempo no quartel general a falar com o commandante Sergio, desapareceu.

Correu que tinha vindo arranjar rações para o batalhão do seu commando, mas d'ahi a pouco regressou este ao acampamento, ficando tudo como d'antes.

Não se divulgou o motivo da marcha e contramarcha deste batalhão; depois da sabida delle o commandante Sergio, que desde a vespera se occupava na organização do mappa topographico da villa do Munim, mudou a sua residencia para a que tinha sido do capitão Ernesto afim de não ser distrahido com o estrepito do quartel general, e alli concluiu o seu trabalho.

Isto feito, mandou chamar incontinenti ao major Falcão, a quem ordenou, á vista do mappa, que ás 4 horas da tarde embarcasse com o batalhão de seu commando nas lanchas que para esse fim lhe seriam prestadas pelo capitão-tenente Martinus Anibal Boldts; que fosse desembarcar no logar—"Jacarehy"—occupando em seguida as posições do outeiro dos—"Tojos"—e sitio de Luiz Maria Ferreira, que elle commandante iria com os outros dois batalhões tomar outras duas posições, devendo as canhoneiras collocarem-se em frente da villa e que depois disto teria logar o ataque geral.

A hora marcada não se tendo concluido a distribuição da ração ao batalhão que devia marchar, por se terem abatido um tanto tarde as rezes para isso destinadas, achando-se não obstante o batalhão já sob as armas á espera de carne, veio ter com o major Falcão o capitão-tenente Boldts que fez-lhe ver que a maré estava a fazer preamar, e que, se se demorasse mais tempo, não havia agoa para os transportes entrarem no igarapé que conduzia ao logar em que tinha de effectuar-se o desembarque.

Expoz-lhe o major Falcão a causa da demora, e em conversa procurou informar-se das condições topographicas do terreno em que devia operar-se o desembarque. Respondeu-lhe q

capitão-tenente que, se o inimigo não presentisse o desembarque, poderia este fazer-se optimamente, mas que no caso contrario haveria grande perda, porque a margem do igarapé era de lodo, e ficava inteiramente secca na vasante, de sorte que a tropa só poderia sahir delle na outra preamar; que os transportes eram os cascos das canoas (porque não havia lanchas proprias para aquelle serviço), e que qualquer resistencia do inimigo faria grande estrago na tropa assim apinhada. Entretanto tratou o major Falcão de apressar o quanto possivel a distribuição da ração, e mandando pedir licença ao commandante Sergio para effectuar a marcha do batalhão foi-lhe por este respondido, que sustasse-a por emquanto, devendo ir primeiramente fallar-lhe.

Comparecendo o major Falcão á presença do commandante das forças, perguntou-lhe este se se lhe offerencia difficulda-de alguma para o cumprimento das ordens dadas, ao que respondeu o primeiro—que nenhuma, absolutamente, pois só lhe cumpria obedecer, sendo-lhe indifferente ir embarcado, ou marchar por terra, e que quanto ao terreno em que teria de manobrar, ignorava inteiramente a sua topographia, podendo no emtanto informar a semelhante respeito o capitão-tenente Boldts.

Chamado por sua vez este official, repetio o que anteriormente havia dito ao major Falcão, deixando em uma perplexidade tal o coronel Sergio, que este depois de alguns momentos de meditação, chamando o presidente da provincia, e expondo-lhe as difficuldades que se apresentavam ao bom exito das operações accrescentou... *e eu sou responsavel...*, ao que acudio logo o presidente... *e mais alguém...* ficando ambos durante muito tempo abysmados nas mais profundas cogitações.

O resultado de tudo isto foi mandar o commandante annullar a ordem de marcha.

A's 5 horas e 45 minutos passou-se o presidente com as pessoas do seu sequito para bordo do hiate «28 de Julho»; ás 6 horas e 30 minutos distribuiu-se ordem aos batalhões para ás 3 da manhã seguinte estarem promptos para marchar.

A' hora designada estavam os batalhões sob as armas, mas como a noite era escura, os caminhos máos, e pequena a dis-



tancia a vencer, ficou adiada a marcha para o despontar do dia, dia infausto, que tinha de derramar sua luz sobre um acontecimento bem tragicó!

Ao amanhecer, reiterada pelo commandante em chefe a ordem dada na vespera ao major Falcão, poz-se este immediatamente em marcha com o batalhão do seu commando, sendo para acreditar-se que assim como subsistia esta parte do plano de ataque, as demais estariam em vigor.

A's 7 horas, na desembocadura do caminho em que o batalhão marchava, e de outro que lhe ficava á esquerda, estava um dos facciosos, nú, e deitado no chão; como era espia, logo que lobrigou a tropa deitou a correr.

Continuando a marcha começou um vivo tiroteio a guarda avançada, a qual foi desalojando o inimigo na distancia de 600 metros, sendo apenas coadjuvada pelo fogo que faziam 8 paisanos (4 que haviam acompanhado o major Falcão da villa do Itapecurú, e 4 vaqueiros de Antonio Pinto Ferreira Vianna), os quaes marchavam na frente da primeira companhia.

Marchava por esta forma o batalhão quando, em uma volta que o caminho fazia para o flanco direito, encontrou a guarda avançada uma trincheira da altura de um metro, e que cortando o caminho se estendia lateralmente para ambas as partes, construída de páos, folhas de portas, etc., tendo pela parte interna um fosso com a profundidade necessaria para cobrir um homem agachado.

Logo que a referida guarda se descobriu, foi recebida por uma descarga que poz fora de combate mais de metade dos 40 homens de que se compunha; e como o corneta, que nella ia, respondia á pouca distancia ao toque de—avancar—do corneta do commandante do batalhão, e nada se podia ver em razão do fumo da mosquetaria, que por falta de vento não era expellido do caminho, mandou o mesmo commandante saber do official qual o obstaculo que encontrára, sendo por este lhe respondido, que deparára com uma trincheira, que a guarda estava quasi destroçada, e que o soccorresse.

Ordenou então o major Falcão ao capitão Simão Antonio Alves, que com a 1.<sup>a</sup> companhia de seu commando e um guia

marchasse pelo flanco direito, contornando a trincheira, e cahisse sobre a retaguarda do inimigo; e depois bradando á 2.<sup>a</sup> companhia que avançasse, á frente della foi em soccorro da guarda avançada, engajando-se em seguida vivissimo fogo.

Quando, porem, o major Falcão almejava pelo rompimento do fogo do cordão dos flanqueadores, eis que lhe appareceu o official e o guia que haviam sido mandados, allegando não terem podido executar a manobra, devido á grande espessura do matto que não puderam romper, e dizendo-se ambos feridos, ferimentos estes que se verificáram ser simplesmente moraes ou imaginarios.

Pela sustentação do fogo que devia proteger esta operação dos flanqueadores, cresceo o numero de mortos e feridos, e foi mistér mandar avançar a 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> companhias.

Em tão apertada conjunctura duas resoluções havia a tomar: sustentar o fogo, ou fazer a retirada.

Se a primeira fosse adoptada podia ser o batalhão completamente destroçado, é verdade, mas restavam ainda dois que poderiam vingal-o; entretanto que, preferida a segunda, resultava grande prejuizo, material e moral. Entre a morte e a deshonra, o chefe, que é digno de sel-o, deve preferir a primeira.

Sustentado o fogo, os soldados aos brados do seu commandante avançavam; á proporção, porem, que se iam descobrindo cahiam mortos ou feridos, de sorte que, vivos, mortos e feridos estavam confundidos.

Nesta occasião tentou a vanguarda fazer um movimento retrogrado, conseguindo o major Falcão contel-a, sendo para isso preciso empregar todos os meios: brados, ameaças, e até a propria espada.

Emquanto isto se passava, ouvio-se uma descarga na retaguarda,—eram os dois batalhões que se presumiam em outras posições—, sendo para notar que os cornetas destes corpos correspondiam ao toque de—avançar—que o corneta do batalhão da vanguarda constantemente fazia soar.

Neste interim foi ferido o major Falcão, tendo pela segunda vez de conter a vanguarda que tentava retrogradar; eram

9horas da manhã, e como não apparecesse official algum da retaguarda, e o fogo do inimigo fosse se tornando mais fraco, ordenou o mesmo major ao alferes commandante da guarda avançada, e que estava junto d'elle, que sustentasse a vanguarda em quanto elle ia saber do commandante Sergio o que determinava, visto que ninguem lhe apparecia, e estava bastante incommodado com os ferimentos recebidos, motivo este que todavia occultou, dizendo que ia buscar novas forças.

O fogo do inimigo tornou-se ainda mais fraco, e o major foi encontrando, o 2.º batalhão de guardas nacionaes, e após este o 3.º expedicionario, [prolongados a um de fundo; na distancia do centro do 2.º batalhão encontrou o alferes Sampaio que tinha sido mandado da retaguarda para com novo cordão de flanqueadores, composto promiscuamente de praças dos dois batalhões, contornar a trincheira inimiga; deparando mais, no fim do 2.º e vanguarda do 3.º, com o capitão Ernesto a quem mandou que seguisse; e á pequena distancia com o commandante em chefe da expedição, tenente coronel Sergio, e pessoas do seu sequito.

Extenuado pela fadiga e pela sede, companheira inseparavel dos ferimentos feitos por arma de fogo, tentou o major Falcão refrigerar-se com a agua de um arroio que mansamente sussurrava aos pés do commandante das forças e dos officiaes do seu estado maior, devendo em obsequio á verdade confessar-se; que tanto o mesmo commandante, como o tenente coronel Isidoro Jansem Pereira, patenteáram todo o interesse pelo official ferido, já obstando a que bebesse agua, já inquirindo do lugar dos ferimentos.

Depois disto narrou o mesmo official ao commandante todas as occurrencias da vanguarda, pedindo-lhe suas ordens.

Então voltou-se o tenente coronel Sergio para um official superior que estava á sua direita, e mandou-lhe que fosse tomar o commando da Policia, ao que respondendo o mesmo official— não quero, mande aqui o Senr. Fulano—(era outro official superior); voltou-se o tenente-coronel para est'outro, e repetio a ordem recebendo em resposta:—eu não Senr., eu não entendo disto de militar.

Em presença deste estado anarchico, retirando-se uns dez passos para a retaguarda do estado maior, assentára-se o major Falcão, quando ouviu-se da vanguarda o grito—os inimigos fugiram.

Eram os cordões de flanqueadores que penetrando no matto haviam incutido no inimigo o medo de ser cortado; de sorte que quando os referidos flanqueadores alcançaram a trincheira, já estava ella abandonada.

Seguiram a marcha os dois batalhões, e após elles o estado maior: á proporção que a tropa ia deixando o caminho, apresentava este, posto que em ponto pequeno, o dolente espectáculo que em 18 de Junho de 1815 se desenrolava na aldeia de Jemnapes, com a differença de que por esta retrocedia um exercito derrotado, depois de ter feito prodigios de valor, taes e tantos, que a posteridade apenas os reputará fabulosos; e por aquelle ia avante um corpo, senhor do campo do combate, e do qual só um terço peleara, tendo sido abandonados, armamento, equipamento, munições, feridos e mortos, tudo emfim, com uma impassibilidade incrível!

Nestas criticas circumstancias despedio o major Falcão ao alferes Lupercio da Serra Martins a fim de saber este do commandante Sergio o que determinava, e o lugar em que ia acampar, recebendo em resposta que—não sabia o que havia de fazer..., que ia seguindo..., e que acamparia na primeira casa que encontrasse!

A vista desta resposta ordenou o major Falcão ao alferes Lupercio que fizesse desarmar os mortos, conduzir os feridos, e reunir aos pontos das suas respectivas companhias aquelles dos combatentes que ainda restassem, expedindo, logo que houve numero sufficiente de soldados reunidos, um alferes com 50 homens para occupar as trincheiras abandonadas, e mandando proceder a curativo nos feridos.

Mas que curativo podia esperar-se de uma ambulancia de sangue que cifrava-se apenas em algumas talas e tiras de emplastro gommado?

Com o sangue e terra foram applicados sobre as feridas pedaços dessas mesmas tiras !

Seria meio dia quando findou tam superficialissimo curativo, tratando-se de conduzir os feridos e os objectos que tinham ficado dispersos.

Officiaes, soldados, paisanos, emfim, todos os que estavam em estado de carregar, foram empregados neste penoso trabalho, parando este triste cortejo no lugar em que tinham existido as trincheiras, afim de se dar sepultura aos mortos.

Ahi, depois de rasgados mais alguma cousa os fossos (com pedaços de páos cortados no matto visinho, pois que nem uma enxada havia) nos braços de seus camaradas foram levados ao asylo solitario da eternidade os cadaveres dos bravos que pereceram gloriosamente pela salvação de sua provincia.

Mal acabava de proceder-se a este piedoso serviço, eis que apparece pelas 2 1/2 horas da tarde uma escolta composta de praças do 2.º batalhão de guardas nacionaes, dizendo o official, que a commandava, ao major Falcão que o commandante Sergio mandava inquirir-lhe da causa de tanta demora, e ordenava-lhe que marchasse para a—"Ribeira"—, pois era ali o lugar do acampamento, ao que respondeo o mesmo major:

*Faça V. S. conduzir para lá esses transportes de munição de guerra, e diga ao Senr. Commandante que já vou; estou enterando os mortos.*

Conduzidos os feridos para as casas que tinham sido designadas, a terra dura foi o leito onde por desasels horas repousaram seus membros mutilados, passando-se assim a noite, até que ao despontar do dia 10 diligenciou-se o seu transporte para bordo das embarcações surtas na bahia.

Seriam quatro horas da tarde quando se concluiu o transporte dos feridos para bordo da canôa "S. Joaquim", apparecendo incontinenti ahi o 1º tenente da armada nacional, Ramos, commandante de uma canhoneira, o qual fez tudo quanto era possivel para amenisar a sorte desses mutilados maranhenses, já franqueando-lhes os poucos medicamentos que particularmente tinha, mantimentos; etc., já auxiliando elle proprio o curativo. Em se-

guida fizeram-se de vella as embarcações para o porto da villa do Icatú, tendo ahi os feridos occasião de receber os bons officios do 2º tenente Corvello, commandante de outra canhoneira, o qual não obstante achar-se doente veio a bordo dos transportes, e prestou-se a tudo quanto podia minorar-lhes os soffrimentos.

Em todo este tirocinio de padecimentos patenteou o cirurgião José Antonio Teixeira Pinto um interesse tal por esses maranhenses, a quem os vermes já em vida dilaceravam por falta de medicamentos e por estarem expostos ás variações atmosphericas, que adquirio-lhes indisputavel direito á gratidão eterna.

A descrição deste ataque com todos os seus pormenores, tal qual o leitor acaba de ver, e que com justo motivo consideramos do proprio major Falcão, revestindo por esse facto uma importancia toda singular, dá margem ás mais largas reflexões.

Quanta imprevidencia, quanta incapacidade e indisciplina ao mesmo tempo reunidas! Assumindo o commando geral das forças no dia 8, como é que nesse mesmo dia, sem preceder o estudo e reconhecimento das condições do terreno em que tinha de operar, e dos recursos do inimigo, inimigo que se dizia numeroso, dispuha-se logo o tenente-coronel Sergio a levar-lhe o ataque ás suas fortificações? E aquelle terrivel estado de indecisão, de perplexidade, em que ficou, quando mais tarde pelo capitão-tenente Boldts soube ao certo das difficuldades que offerecia o terreno, o que deu em resultado a annullação da sua primeira ordem de marcha?

E o abandono em que deixou ficar a vanguarda, exposta durante duas horas ao mais mortifero fogo de fuzilaria?

E que diremos da desobediencia por parte de dois officiaes superiores, recusando-se, sem mais preambulos, a cumprir ordens suas, desobediencia que sobe de ponto por ter-se dado em presença da força que elle proprio commandava, e de que não consta que tivesse havido correctivo algum?

Não nos cançaremos de repetil-o: Quanta inepeia e indisciplina!

No governo do coronel Alves de Lima que o substituiu ao mesmo tempo no commando das forças, factos desta ordem não

se teriam dado, ou, se por ventura se dessem, seriam severa e exemplarmente punidos !

Mas era preciso procurar-se um responsável para tamanho desastre, e foi o major Falcão o escolhido.

Os invejosos, que sempre e em todos os tempos os houve, os que não podiam hobrear com elle, os covardes, esses tentaram marear-lhe a brilhante reputação.

Mas, baldado esforço ! Os successos posteriores desta mesma guerra incumbiram-se de mostrar a injustiça de que elle fôra victima, e hoje vive e revive o seu nome com gloria na memoria de todos os maranhenses.

Se a alguém cabe a responsabilidade do malogro desta expedição, não é por certo ao major Falcão, que com o seu batalhão bateu-se por mais de duas horas, atirando-se impetuosamente para a frente, contendo mais de uma vez o movimento retrogrado da vanguarda, sem que durante todo esse tempo recebesse a menor ordem ou aviso do commandante das forças, que se achava a uns mil metros de distancia, ao muito, cercado dos seus ajudantes de campo. Alem disso a possibilidade de se encontrarem, não uma, porem muitas trincheiras, devia ter sido prevista, e o chefe do batalhão da vanguarda devera ter instrucções sobre o que lhe cumpria fazer.

O major Falcão não as teve, encontrou o inimigo, e hateram-se, elle e os seus companheiros d'armas, como verdadeiros bravos.

Relatando os diversos successos desta jornada, quando derrotadas a 1ª e 2ª companhia do seu batalhão, animava o major Falcão, com o seu exemplo, a 3ª e 4ª a avançarem, diz o Dr. Magalhães : *O estoico major não recuava, apesar de já tropeçar entre mortos e feridos apinhados no caminho. Quiz a vanguarda retroceder, tão desalentada estava, mas elle conteve-a e forçou-a à nova investida.* (1)

Finalisamos este capítulo dando uma lista dos valentes maranhenses que foram feridos, e dos que pereceram gloriosa-

(1) Dr. Domingos J. G. de Magalhães, ob. cit. Cap. XI, pags. 54 e 55.

mente pelejando pela salvação da sua provincia em o dia 9 de agosto de 1839.

## MORTOS

### 1.º *Batalhão da Brigada Pacificadora:*

Capitão, Ladislau Henrique Maciel Aranha; 2.º sargento, Marcellino Antonio da Silva; soldados, Manoel Antonio Loureiro, Francisco Joaquim Segundo, Sisnando Rodrigues, Theodoro Xavier Pereira, Carlos Baptista, Manoel José, Raimundo Joaquim da Cunha, Carlos Frederico de Castro, Ilario Justiniano de Souza, Marcolino José de Assumpção e Luiz Vicente Ferreira.

### 3.º *Batalhão Expedicionario:*

Alferes de Comissão, Francisco de Oliveira Santos.

## FERIDOS

Major de Comissão, Feliciano Antonio Falcão; tenente, Porfirio José da Cunha; alferes, Antonio Corrêa d'Aguiar Junior; sargentos, Belisario dos Anjos Franco, Diogo David Moreira e Manoel José dos Santos Amaral; cadete Marianno Felipe de Oliveira Campos; cabos, Luiz Joaquim Beserra, Joaquim Antonio da Cruz, Militão Gonçalves Lima, Joaquim d'Assumpção Faria, Raimundo Amancio Tatajuba e André Curcino Marques; anspeçadas, Jacintho José Alves, José João Gonçalves e Felipe Benicio de Castro; cornetas, Ricardo Antonio, João da Cruz Pereira e Pedro Antonio; soldados, Manoel de Souza Primeiro, André José Joaquim, Antonio Alves Pereira, José Marcellino da Silva, Francisco de Paula Ferreira, Manoel Silvestre Ferreira do Nascimento, Manoel Innocencio Ferreira, Bento José Barros, José de Castro Vianna, Agostinho Jacob, Isidro Antonio de Barros, João Baptista dos Praseres, Vicente Ferreira, Eufrazio Alves, João Balbino Corrêa, João José, Isidoro Antonio, Vicente Manoel Cordeiro, Estolino Antonio Píneiro, Manoel Francisco da Costa, Fortunato da Silva, Jacintho Martins dos Santos, Ludgero Sebastião Nunes, Manoel Maria d'Annunciação, Antonio Thomaz de Aquino, Thomaz de Aquino, Antonio Marcellino de Araujo, José Jorge Duarte, João Antonio Martins de Souza, Custodio Raimundo dos Santos, Pedro Francisco Soares, Antonio João Torres, Placido José, Joaquim Pereira de Araujo, Cyriaco Jacintho, Gregorio dos Ramos, Salustiano André,



Avelino, Manoel José, Joaquim Victorino Rodrigues, Quirino Marques, Patricio José Frasnão, Domingos Antonio Pinto, Claudio Antonio Marques, João Raimundo Pereira, Antonio Joaquim de Bastos, José João Moreira de Souza, Raimundo Saraiva Chaves, Manoel Ferreira de Carvalho, Alexandrino José Ferreira, Manoel José Ferreira, Pedro Antonio, João Antonio, Manoel Venancio, Manoel da Luz, Delfino Mariano, Thomaz d'Aquino, José Antonio de Souza, Antonio José da Silva, Joaquim Raimundo da Silva, André de Oliveira, Antonio Joaquim Primeiro, Leandro José, José Joaquim de Lemos, Eleuterio José Pinheiro, Feliciano Antonio de Faria, Antonio Rolino de Jesus, Manoel Joaquim Soares, Manoel d'Anunção e Silva, Antonio Benedicto de Mendonça, Manoel Joaquim Pestana, Francisco Ignacio de Sampaio, Manoel Ignacio Vieira, Antonio Simões da Fonseca, Manoel de Jesus Vianna, Antonio Gonçalves da Cruz, Virginio José Francisco, Antonio João de Lira, Romualdo Antonio Corrêa, José Luiz dos Santos e Antonio José Honorato.

*Corpo de Voluntarios Pedro 2.º:*

Dr. Miguel Ferreira dos Guimarães Peixoto.

**RECAPITULAÇÃO**

**Mortos no Combate e depois d'elle**

Capitão.....	1
Alferes.....	1
Sargento.....	1
Cabo.....	1
Soldados.....	19
	—
Somma.....	23

**Feridos**

Major.....	1
Tenente.....	1
Alferes.....	1
Sargentos.....	3
Cabos.....	5
Cornetas.....	3
Anspeçadas e soldados.....	76
	—
Somma.....	90

Total dos mortos e feridos, entrando o Voluntario de Pedro 2.º..... 114

sendo que das demais, 23 morreram de bexigas na viagem, e 38 achavam-se muito estropeadas.

No dia 17 desembarcaram mais 360 homens, e duas bocas de fogo competentemente guarnecidas, vindas de Pernambuco, sob o mando do capitão Antonio Gomes Leal que tanto veio a distinguir-se em toda a posterior lucta; no dia 1<sup>o</sup> de setembro a corveta "Dois de Julho" com 200 praças da Bahia, e finalmente a 16 do mesmo mez o vapor "Maranhense", trazendo a seu bordo o capitão-tenente Joaquim Marques Lisboa, (fallecido almirante, marquez de Tamandaré), para commandante das forças navaes nesta provincia.

Estes pequenos, mas continuados reforços, reunidos a outros anteriormente recebidos, e cujo total montava, segundo se dizia, a uns 2.000 mil homens de 1<sup>a</sup> linha, afóra os guardas nacionaes, e as tropas levantadas na Parnahyba, seriam, nas mãos de um official mais habil e experimentado, força mais que sufficiente para tomar a iniciativa e tentar alguma cousa em beneficio do restabelecimento da ordem nesta provincia. Mas, o coronel Sergio era de uma incapacidade a toda a prova! Estreando-se de um modo infeliz, no commando das forças, na vespera do mallogrado ataque das Aréas, toda a sua acção, a sua actividade toda, até aqui, se havia limitado a ordenar marchas e contramarchas, e a expedir pequenas partidas exploradoras, deixando entretanto no abandono logares tam importantes como Caxias.

E assim iam se decorrendo infructiferamente os dias, quando teve-se noticia, na capital, da presença de uma columna no alto-sertão, enviada pelo presidente do Piahy, barão da Parnahyba, a qual tinha por fim não só evitar a passagem dos rebeldes desta para aquella provincia, mas ainda bater os grupos dos mesmos que fosse encontrando, até fazer junção com as forças da legalidade em Caxias.

Era isto nos ultimos dias de agosto ou principios de setembro.

Importantes e valiosissimos foram os serviços prestados por essa columna expedicionaria. Commandada pelo major Manoel Clementino de Souza Martins, um dos mais bravos officiaes

## LIVRO VII

**SUMMARIO** :—Regresso do presidente á capital.—Chegada de novos contingentes de tropas de outras provincias, e do capitão-tenente Joaquim Marques Lisboa, (fallecido marquez de Tamandaré), para commandar as forças navaes.—Entrada no Maranhão do major Manoel Clementino de Souza Martins á frente da divisão auxilia-dora do Piahy; grandes serviços prestados por este valente militar, sua morte.—Restauração de Caxias.—Horroroso assassinato do vigario da villa do Senhor do Bomfim da Chapada, e consequencias da sua impunidade.

Occupada a villa do Icatú pelas forças leaes, após os successos do dia 9, e dessassombradas as suas circumvisinhanças, em uma extensão de cerca de quatro legoas, dos grupos rebeldes que a infestavam, restituiu-se o presidente á capital, onde negocios de maior monta reclamavam já a sua presença, no dia 19 de agosto, trazendo consigo os voluntarios de Pedro 2º que o haviam acompanhado áquella jornada.

No entanto, de accordo com o aviso de 5 de junho desse anno, novos e repetidos soccorros vinham chegando em auxilio da ordem alterada nesta provincia.

A charrua "Cybelle" que tendo sahido do Pará, ha mais de tres mezes, se suppunha já perdida, entrou neste porto no dia 13 de agosto á tarde, com cem dias de viagem, havendo arribado a Cayenna, onde se demorara durante 17 dias. Das 200 praças que recebera naquella cidade, apenas 130 chegaram de perfeita saude,

No dia 14 teve lugar um grande ataque nas celebres matas do "Baixão" e no "Morro Agudo," em que apesar de todas as vantagens obtidas soffreram as forças da legalidade a irremediavel perda do major Manoel Clementino de Souza Martins, que pereceu gloriosamente, quando á testa de suas forças carregava com denodo sobre a terceira linha de trincheiras do inimigo.

O chefe Balaio foi derrotado conseguindo escapar-se com uma perna quebrada.

Por aquelles mesmos dias teve tambem lugar a restauração de Caxias.

O sub-prefeito, Dr. Raimundo da Cruz e Silva, nobrememente secundado pelos cidadãos Faustino Fernandes Lima, Manoel Rodrigues Freire e outros, congregando as pequenas forças que na occasião lhe foi possivel obter, deu um golpe de mão sobre aquella cidade para salvar algumas familias, e que pode conseguir no dia 11 de Setembro, conservando-a de combinação com o tenente-coronel José Dias Carneiro, que com gente dos Mattões fazia seus movimentos pelo outro lado do rio acima.

Historiando os successos mais importantes occorridos durante a ultima administração (Camargo), parecerá talvez aos que se tem dado ao trabalho de acompanhar-nos até aqui, que nos

---

guintes, que, por curiosos e interessantes, para aqui os transcrevemos:

Faça V.<sup>mcc</sup> o mais publico possivel a inclusa portaria, e contribua quanto pudér para a captura do Alferes Livio, que derrotado e foragido se recolheu a esta Provincia, segundo á esta Presidencia com summa probabilidade consta. Preso, remetta-o bem escoltado a esta Capital, e convença-se de que a sua apprehensão será para o Governo de S. M. o Imperador um dos maiores serviços, e que mais o recommendará.

Deus Guarde a V.<sup>mcc</sup>. Palacio do Governo do Ceará em 8 de Outubro de 1839.—*João Antonio de Miranda.*

Senr. Tenente-Coronel Francisco Xavier Torres, Commandante da Força da Comarca de Sobral.

—O Presidente da Provincia do Ceará ha por bem conceder a gratificação de um conto de reis a todo aquelle (exceptuadas as auctoridades) que apprehender o Alferes Livio Lopes Castello Branco e Silva, e o entregar ao mesmo Presidente, ou á qualquer auctoridade, que ao Governo faça effectiva a sua apresentação.

postados ao serviço da legalidade, sahiu ella de Oeiras com a força de 300 homens mal armados, conservando-se sempre em lucta com o inimigo. Atravessou em São Francisco, foi bater Manga, Vidos, Pastos-Bons, Mirador, Passagem-Franca e São José; desceu ao Bananal, Santo Antonio, Cruz e Barra das Pombas, encontrando apenas uma pequena resistencia, que quasi nada durou, no Mirador, sendo que nos demais pontos o inimigo os ia desamparando á proporção que tambem se ião approximando as forças legaes. Deixou destacamentos seus em Pastos-Bons e Passagem-Franca, e por influencia sua conseguiu levantar forças a favor da legalidade nos Mattões, e junto a Caxias, ás ordens do coronel João Paulo Dias Carneiro. (1)

Nos dias 10 e 11 de Setembro, nos lugares "Bom Jesus" e "Santa Rita," a força expedicionaria, que já então ascendia a uns 1500 homens, e marchava dividida em duas columnas, uma por cada margem do Parnaíba, afim de varrer por esse lado as fronteiras das duas provincias, teve que sustentar dois encontros com os rebeldes, que apesar do favor que lhes prestavam os mattos e guerrilhas entrincheiradas não foram capazes de supportar dois tiros em uma posição.

Isto bastou para que Livio Lopes fugisse no dia 12 pelas 9 horas da noite, com 6 homens, do ponto do "Estanhado" em direitura ao centro do Longá, donde conseguiu evadir-se para o Ceará, abandonando miseravelmente muitos dos seus sectarios e alguns officiaes, entre os quaes se contavam os celebres Pano de Linho, e Capixaba, capitães; o tenente Amado, e o alferes Cutrim que havia sido cadete de primeira linha da provincia; e bem assim grande numero de munições, duas peças montadas e alguma bagagem. (2)

---

(1) Off. do major Manoel Clementino de Souza Martins ao tenente-coronel José Francisco de M. Ozorio, de 9 de setembro de 1839.

(2) Relativamente a este famigerado caudilho (Livio Lopes) deparamos ainda no "Desaseis de Dezembro," folha que em 1839 se publicava na capital do Ceará, com os documentos se-

esquecemos de um, que, pela sua excepcional gravidade, ali deve-  
ra figurar, e que pelas consequencias, que d'elle naturalmente  
deriváram, foi o preludio de novas e grandes desditas para a pro-  
vincia,—queremo-nos referir ao assassinato do vigario do Senhor  
do Bomfim da Chapada.

Mas não é assim. E com effeito se é certo haver-se pas-  
sado este triste acontecimento na administração de Camargo, e  
isto quando estava prestes a terminar-se-lhe o governo, tanto que  
as primeiras medidas por elle tomadas a esse respeito são já de  
15 de Fevereiro de 1839, não o é menos que só mais tarde, na  
presidencia de Manoel Felisardo, foi que se fizeram sentir por  
completo as terriveis e funestissimas consequencias da sua impu-  
nidade.

A grande distancia em que se acha da Capital aquella  
parte do Estado, a difficuldade, escassez, e morosidade de com-  
munições, então muito maiores que actualmente, fizeram com  
que só mui tarde chegasse ao conhecimento do primeiro d'aquel-  
les administradores a noticia de tão barbaro attentado.

As primeiras communições officiaes do facto, que são  
de 14 de Janeiro de 1839, diziam assim:

—Illm.º e Exm.º Senr. Neste momento me participa An-  
tonio Martins, que vindo para esta povoação o vigario da villa da  
Chapada, Antonio do Rosario Cardoso, foi em caminho assassina-  
do por quatro tiros de granadeira, por mandado de Militão Ban-  
deira de Barros, por duvidas que tivéra no jury em que se oppoz  
aquelle vigario a não servir o dito Barros *por ser liberto; e como  
è costume d'aquelle Militão praticar iguaes delitos mesmo dentro da  
villa publicamente com o maior escandalo, e sempre impune, e mes-*

---

Essa gratificação será realisada logo que incontestavelmente se  
conheça a identidade do individuo. Todas as auctoridades ficão  
obrigadas a prestarem todo o auxilio possivel para uma semelhan-  
te captura, logo que alguém o requisite, não se lhe descontando  
mesmo neste caso parte alguma do referido premio.

Palacio do Governo do Ceará em 8 de Outubro de 1839.  
—João Antonio de Miranda.

mo indo deste juizo para aquella villa *um assassino de um homem e uma mulher, com o competente summario, ali foi solto sem o menor processo de justiça*, ficando eu por semelhantes motivos coacto sem saber para onde remetta agora os criminosos que houverem de ser presos; e certo que qualquer devassa que ali se tira, pelo juiz de paz d'aquella villa será elle sempre absolvido, visto ser um miseravel sapateiro que lhe faz vezes de escravo, ainda mesmo no mais grosseiro serviço de sua casa. Pelo que rogo a V. Exc. ponha seus olhos benignos *na miseria deste Paiz!*

Deus Guarde a V. Exc. Campo Largo 14 de Janeiro de 1839.  
Illm.<sup>o</sup> e Exm.<sup>o</sup> Senr. Vicente Thomaz Pires de Figueredo Camargo.  
—*Diogo Lopes de Araujo Salles*. Juiz de Paz do 2.<sup>o</sup> Districto da Villa da Chapada—.

A este officio respondeu o presidente com as seguintes medidas:

—Constando que o vigario da villa da Chapada foi barbara e atrosmente assassinado por uma patrulha que em pleno dia, e ás 3 horas da tarde invadio a habitação do mesmo; e constando tambem que as pesquisas da justiça em vez de se encaminharem á descoberta dos auctores d'aquelle grande attentado, muito pelo contrario tem-se, e como de proposito, delles desviado, attingindo pessoas innocentes que injustamente se achão perseguidas.

O presidente da provincia ordena que o Senr. prefeitó da comarca de Pastos Bons, com todo o zelo que o caracteriza, haja de dar as necessarias providencias para que em conformidade das leis sejam punidos os verdadeiros delinquentes. Na lei provincial n.<sup>o</sup> 79 de 25 de Julho do anno proximo passado vem marcado tudo quanto para tal fim lhe cumpre fazer.

Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Maranhão 15 de Fevereiro de 1839.  
—*Vicente Thomaz Pires de Figueredo Camargo*. Senr. Prefeito da Comarca de Pastos Bons.

—Respondendo aos dois officios, que V. S.<sup>a</sup> me dirigio em 20 e 25 de Janeiro findo, tenho a communicar-lhe que expedi as precisas ordens ao prefeito dessa comarca para dar as providencias, que a lei lhe incumbe, atím de serem descobertos e

punidos os auctores do assassinato perpetrado na pessoa do vigário da Chapada, o padre Antonio do Rosario Cardoso.

Deos Guarde a V. S.<sup>a</sup> Maranhão 15 de Fevereiro de 1839.  
—Vicente Thomaz Pires de Figueredo Camargo.—Senr. Diogo Lopes de Araujo Salles, Juiz de Paz do 2.<sup>o</sup> Districto da Chapada.

Commentando estas e outras providencias, tomadas pelo presidente, dizia um periodico d'aquelle tempo:

“No entanto que effeito se espera das recommendações do Senr. Camargo?”

Nenhum, absolutamente nenhum.

*O zelo que caracteriza o prefêito é tal que elle nem ao menos se dignou de participar um attentado d'aquella ordem, e o governo não teria a esse respeito a menor informação a não ser o interesse que neste negocio tomáram os amigos da desgraçada victima. Se o novo presidente, o Senr. Manoel Felisardo, não tomar providencias de outra natureza; se se contentar somente com officios de apparato, o assassino ficará impune. Useiro e veseiro a perpetrar-os já era elle ha muito tempo, quando lhe deram uma patente; e quem sabe se até na sua boa fé de assassino o homem não se persuadio que o acoroçoavam para novos crimes, vendo-se premeado, vendo premeiar outros como elle, e vendo até elogiar nos jornaes os assassinos do infeliz Teixeira Mendes?*

Creia o Senr. Manoel Felisardo que se não encraregar a outros individuos a prisão do assassino e dos seus satelites, ella nunca se effectuará; mandões só conhecidos por seus crimes e bronca estupidez, bem fóra de executarem as leis, são os maiores violadores dellas por aquelles sertões.”

Relativamente a este tristissimo acontecimento, e no intuito de dar uma pintura exacta do estado de insubordinação a que então foi arrastada aquella infeliz comarca, fazemos aqui uma descripção mais detida e minuciosa do facto, tal qual a podemos colher de um documento que se nos afigurou da mais alta valia.

Já Militão era tenente-coronel da guarda nacional, quando na villa da Chapada se tratava da apuração das listas de juizes de facto. Elle, como liberto, era excluido por lei, e em uma das sessões em que calorosamente se discutia essa questão, teve o viga-



rio Antonio do Rosario Cardoso de sustentar que se não deveria admittir esse homem, apesar de elle tanto reparar em haver sido eliminado. No calor dessa disputa foi que Militão enfurecido, borboteou contra o vigario os maiores insultos, escandalisado da franqueza com que lhe fallaram, e retirou-se, ouvindo algumas pessoas que elle ia fallando em desafrontar-se. Para logo começou-se a receiar algum dissabor, mas bem longe estavam todos de pensar que a maldade subisse tanto de ponto, que tentasse contra a vida do homem mais bemquisto d'aquelles sertões, respeitado por suas virtudes, amado dos seus parochianos pela sua affabilidade atencões, estimado, procurado de todos os que tinham o prazer de o conhecerem de perto.

Nada mais houve, em nada mais se fallou, reinando um morno silencio da parte de Militão e seus apaniguados, até que no dia 15 de janeiro d'aquelle anno (1839), estando o vigario em sua casa, apresenta-se-lhe uma escolta de quatro soldados, com apparencias de que o iam prender (não se sabendo o motivo de tal prisão, por não haver elle commettido crime, nem haver o menor indicio de tentativa) e inopinadamente, emquanto elle lhes pergunta a que vinham, disparam-lhe as granadeiras, e no mesmo instante cahe o infeliz traspassado de balas, algumas das quaes lhe levaram parte do craneo.

Este acontecimento derramou a consternação pelo povo, ergueo-se um clamor geral; mas os auctores do attentado para acobertarem o seu crime, começaram a espalhar que o vigario Francisco Paulino de Freitas Sacoto, Manoel Antonio de Faria, e Lourenço Martins Jorge pretendiam assassinar Militão, apparecendo denuncia contra elles, sendo nella testemunhas os mesmos soldados que assassinaram o vigario.

O juiz de paz do 1º districto, João Paulo Cortez, amigo de Militão e connivente em tudo, manda prender no dia immediato a Martins Jorge e os outros, com intento tambem de os assassinar, segundo se divulgou. Martins Jorge, chegando nesse dia á villa, foi effectivamente preso. Contra Sacoto e Faria, moradores no 2º districto, um a vinte legoas de distancia, e outro a perto de trinta, parte sem demora uma escolta com um simples mandado do

juiz de paz, sem mais formalidades, e sem audiencia do juiz de paz do 2º districto; oppondo-se este a semelhante mandado por illegal, fez debandar a gente. Foi nesta occasião que Sacoto e Faria souberam da morte do vigario.

Não tendo effeito o mandado, começou Militão a encher-se de terrores, porque então a calumnia tambem se desmascarou de todo, e o boato do horrivel attentado voou com incrivel rapidez a grandes distancias. Por isso, querendo Militão captar a Lourenço Martins Jorge, soltou-o no terceiro dia da sua prisão, dizendo-lhe que a morte do vigario não teria consequencias, que tudo se acabaria em paz, e para mais o segurar, quer partilhar com elle os despojos do morto, offerecendo-lhe por dez poldros uma obrigação de quinhentos e tantos mil réis que Martins Jorge devia ao vigario. Porem mal que Jorge se vê desembaraçado e solto, vae direito á casa do sub-prefeito Bento José Moreira, a quem refere tudo que sabia, entregando-lhe a obrigação.

Vendo Militão assim frustrados todos os seus planos, e julgando-se em circumstancias muito criticas, escreve ao prefeito da comarca, pedindo-lhe tropa sob pretexto de conter desordens na villa da Chapada. Este officia ao juiz de paz do 2º districto, que então era Diogo Lopes de Aranjó Salles, ordenando-lhe que dêsse a gente que pudesse, o que foi de facto cumprido, sendo-lhe mandados 12 homens com o tenente Carlos Caetano Monteiro. A este mesmo official tenta ainda Militão assassinar para seduzir e angariar a gente que o acompanhava; mas o tenente, sendo avisado a tempo, foge precipitadamente á meia noite, dando conta ao prefeito desta nova tentativa, e fazendo-lhe ver o fim para que se havia pedido a tropa. Foi então que o prefeito officiou novamente ao juiz de paz do 2º districto, ordenando-lhe que fizesse corpo de delicto sobre a morte do vigario, e processasse os seus auctores, dizendo-lhe mais que sendo connivente com elles o juiz de paz do 1º districto, cumpria-lhe por isso a elle fazer as suas vezes. Em desempenho dessas ordens dirigio-se Araujo Salles a villa da Chapada, e procedendo ao competente summario, em que foram testemunhas pessoas conhecidas e residentes n'aquella villa e suas visinhanças, foram achados criminosos e auctores, Mili-

tão Bandeira de Barros, os quatro soldados da diligencia, José Pereira, Celestino, Athanasio e Januario, e cúmplice, o juiz de paz João Paulo Cortez.

Cumpre advertir que Militão oppoz resistencia a este processo, porque mandando o juiz de paz prendel-o, bem longe de entregar-se á prisão, resistio com os aggregados que tinha, suppondo que poderia debellar a escolta, o que talvez conseguisse se por cautella não tivesse aquella auctoridade mais gente prevenida de reserva, sendo que da resistencia que elle fez resultou o ferimento de quatro homens.

Os outros réos foram egualmente presos, partindo todos logo da Chapada para Pastos-Bons debaixo de toda a segurança.

Eis ahí quanto se passou acerca do triste acontecimento da morte do vigario do Senhor do Bomfim da Chapada. Agora, algumas reflexões.

O vigario assassinado nunca teve intrigas com ninguem. Militão sentio-se gravemente offendido, e nem o poudo dissimular na occasião da altercação que com elle teve, prorompendo em ameaças de vingança; e o silencio que lhes succedeu nos dias immediatos foi o cruel presagio para o funesto acontecimento.

Para rematarinos a pintura do estado em que se achava aquella comarca, copiaremos aqui parte de um officio do sub-prefeito da Chapada, datado de 6 de abril.

Depois de fallar da prisão de Militão, assim se expressa :  
“Este exemplo, Exm. Snr., ainda não corta inteiramente as ruinas deste desgraçado paiz, apesar de ser o principal que nós podiamos desejar; porem ainda fica um sequito na ribeira do “Farinha”, centro deste termo, que do mez de agosto do anno passado (1) até o presente (2) tem havido desaseis mortes, tudo originado por bens do finado Martiniano José da Silva, casa abastada, e que herdeiros intrusos ou roubadores têm acabado os legitimos herdeiros, e até o presente se não tem procedido a summario algum, por serem os assassinos protegidos por Militão, que tambem partilhou 125 cabeças de gado d’aquelles bens.

(1) 1838.

(2) 1839.

## LIVRO VIII

**SUMMARIO** :—Breve resenha dos successos mais importantes occorridos no interior da provincia, desde meados de agosto a fins de setembro; e apreciação das operações de guerra sob o commando geral do tenente-coronel Francisco Sergio de Oliveira, durante o mesmo periodo.—Caxias cahe de novo em poder dos rebeldes á 9 de outubro.—A quem attribuir-se a causa deste novo desastre? Horriveis atrocidades commettidas n'aquella cidade.—Morte do Balaio.—Restauração do Brejo e Tutoya, do poder dos rebeldes á 14 e 21 de outubro, pelos cidadãos capitão-mór Valerio Alves de Souza e João Nogueira Barata, e derrota do caudilho Manoel Vidal.

Obedecendo ao plano até agora seguido, isto é, á ordem chronologica dos factos, daremos começo ao presente Livro apresentando em ligeira synthese a narração dos successos mais importantes, occorridos no interior da provincia, a contar de meados de agosto a fins de setembro. Melhor, porem, do que poderiamos fazel-o, verá o leitor das linhas seguintes, as quaes, por sua vez, descobrir-lhe-ão em toda a sua nudez a incapacidade d'aquelles a quem, em tão má hora, havia sido confiada a missão de julgar a revolta.

Inquirindo da protelação das operações de guerra, que já então começava a impacientar a provincia, pois que devolvia-se o mez de novembro de 1839, um anno quasi, portanto, do rompimento de Raymundo Gomes, na Manga, dizia por aquelle tempo um respeitavel orgão de publicidade: "Como tem o tenente-coronel Sergio (commandante das forças) desempenhado a importante mis-

são de que foi encarregado ? o que ha feito das tropas postas a sua disposição ? que planos tem organizado ? que victorias tem obtido ? e que partido tem finalmente sabido tirar dellas. Eis as perguntas que diariamente são feitas e a que em geral se dão respostas bem pouco favoraveis á reputação do illustre general. E nós que promettemos dizer alguma cousa a seu respeito, vamos ora cumprir a palavra dada.

S. S. estreou a sua carreira nò Maranhão com o ataque das Areias. Em o nosso n. 180 publicamos uma exposição dos acontecimentos dessa jornada; e quem duvidar da completa inaptidão do commandante em chefe, lendo-a, convencer-se-ha do contrario.

Alem de ordens de marchas e contra-marchas sem fim algum util, e de um pretendido reconhecimento commettido ao alferes Sampaio, e do qual não sabemos que proveitos se tirassem, temos a incrível ordem dada ao major Falcão de ir embarcado occupar o ponto de Jacarehy, onde infallivelmente seria sacrificada toda a força, devendo-se a mudança para outro plano somente a uma informação do official Boldts, dada precisamente no momento em que ia o primeiro plano ter execução !

Na manhã do dia 9 de agosto marcháram as forças, sem que pelo menos o commandante do batalhão da vanguarda recebesse a menor instrucção sobre como deveria obrar, no caso muito presumivel de deparar com reductos e trincheiras, e de lhe fazerem obstinada resistencia.

Assim o ataque das Areias prolongou-se por mais de duas horas, sem que o commandante em chefe se soubesse dar a conselho, nem expedisse ordem alguma; e quando o major Falcão, desesperado, e quebrantado das suas feridas e cansaço, veio ter com elle, não vio mais do que um chefe irresoluto, desobedecido formalmente em occasião de fogo por dous officiaes superiores, e leccionado por um alferes que lhe ensinava o que devia fazer !

Pouco tempo depois, instado pelo major Falcão para que lhe dêsse as suas ordens, envion-lhe a dizer *que não sabia o que*  
fizesse.

Não fallaremos aqui na falta de providencias para o enterramento dos mortos, curativo e tratamento dos feridos, e arrecadação do armamento e mais objectos dispersos com o tumulto.

Em verdade quem considera em tudo isto, mal pode deixar de agradecer á providencia o ter cabido ir na vanguarda ao aguerrido e disciplinado batalhão do Senr. Falcão; que a não ter elle soffrido immoto e firme o fogo matador dos rebeldes, talvez houveramos hoje de lamentar um immenso desastre.

Desde o ataque das Areias até fins de Setembro nenhuma vantagem tiveram as nossas armas sobre os rebeldes, pois não havemos de reputar taes umas pequenas esearamuças havidas em S. Miguel, e o aprisionamento de uma canôa desemparrada em S. José por Raimundo Gomes. Esse grande espaço de tempo, que tam bem aproveitado poderia ter sido, se consumio em marchas, sendo para notar que o Senr. Ernesto subio de Itapecurú-merim com um batalhão, com destino de ir a Caxias pelos campos de Cantanhedes e Coroatá, e voltou dentro de poucos dias sem nada haver concluido.

O grupo rebelde da Vargem, que talvez chegasse a contar 600 homens, pela demora havida em atacal-o, não foi disperso senão a 29 de Setembro, mas depois de se haverem movido contra elle cerca de 1.000 praças, depois de haver recuado um batalhão nosso tres legoas de terreno, depois de haver sido surpreendido o piquete do alferes Marinho, que perdeu o cavallo, a espada, e o chapéo, e finalmente depois de se haverem liberalizado *senhorias* ao assassino chefe de quadrilha Alexandre Gomes da Costa.

Depois dessa epocha, apesar das mais serias indagações, não temos podido alcançar em que se occupáram as forças ao mando do Senr. Sergio. Apenas sabemos que o batalhão do Senr. major Henriques andou perseguindo os grupos rebeldes derramados pelo territorio do Iguará; mas quanto ao illustre comulandante em chefe, nada, inteiramente nada.

Ora escrevia mensagens e officios ao Coque no Coroatá, e a outros rebeldes, em Caxias, ora consumia mais de oito dias

n'uma viagem ao Mearim, dizia elle que para observar o terreno, e a final desceu para o Rosario com mais de 300 homens (afora te João Paulo) não para acudir ao Munim, que não foi soccorrido, e de quem escreveu S. S.<sup>a</sup> *que nenhum cuidado lhe dava*, não para sacudir os rebeldes de Pirangy e Curimatá, que não passando de 80 a 100 não se havia mistér para essa obra de tam crescidas forças, e a experiencia bem o mostrou, mas tam somente para vir receber a sua senhora, e escoltal-a convenientemente para Itapecurú-merim. Este mesmo facto deu occasião a mui serias conjecturas sobre a actividade futura de S. S.<sup>a</sup>

Em quanto isto se passava, Caxias era restaurada do poder dos rebeldes pelo magnanimo e solitario esforço dos seus proprios filhos mal armados; mas a ausencia de todo o auxilio, e ainda do de simples munições, deu causa á segunda invasão, e á barbara morte de tantas victimas No Icatú, desde os principios de Setembro, começou a ajuntar-se o bando rebelde, que foi progressivamente engrossando até o numero de mais de 1.200 homens, mallogrando-se em grande parte os importantes serviços prestados pelo major Marcellino, tudo por não haver logo marchado uma força que atacasse o inimigo pela retaguarda.

E ás instantes e repetidas ordens do presidente da provincia para socorrer-se Caxias, para socorrer-se o Icatú, sempre respondia o Senr. Sergio inalteravel: *Isso não me dá cuidado; estou occupado nisto e n'aquillo; não tenho gente, mande mais gente; estou calhechisando o principal dos Indios; já fallei ao Coque, é sujeito muito aproveitavel, e atira bem para a legalidade!*

No meio desta esterilidade de successos, dessa pesada e constante immobilidade das forças (das quaes uma boa parte é sempre divertida em fazer a guarda da sua pessoa) observae tambem a incoherencia e instabilidade das suas ideias, se é que tem proprias. Hoje diz que soou a hora extrema dos ladrões, ameaça os seus campones disfarçados, e até os camaleões de estado amanhã abraça-se em amisade estreita com um dos primeiros rebeldes, com o Coque, que tem afrontado as nossas armas por duas vezes no Coroatá, nos Mutuns, e em Caxias, em cujo saqr

lhe coube avultado quinhão. Hoje envia a dizer aos rebeldes que deixem renascer a agricultura, e que a religião de nossos paes nos ensina a amarmo-nos uns aos outros; amanhã affixa um edital em que ameaça de destruir todos os estabelecimentos de agricultura, e de tratar os seus proprietarios como feras!" (1)

Este juizo, que a muitos não deixará de parecer talvez sobremaneira exagerado, nos conceitos que encerra sobre o commandante geral das forças, e operações de guerra, por vir de um jornal que fazia opposição ao governo, ficará, sem duvida, mais que muito justificado se se attentar, entre outros, para o seguinte facto:

Officiando, em data de 19 de Outubro, o presidente da provincia ao tenente-coronel Sergio de Oliveira, dizendo-lhe, que pelas participações recebidas do Icatú e Rosario era levado a acreditar que todas as forças rebeldes batidas nas visinhanças da Vargem Grande, unidas as que estavam no Gaiola, cercavam o Icatú, e ao mesmo tempo interceptavam o Itapecurú, ameaçando os campos de Anajatuba e Mearim; que por isso houvesse de tomar em consideração essa reunião de desordeiros, o maior talvez que existia então na provincia, e que tão proxima da capital já cautiveira nella não pequenos receios, accrescentava ainda o mesmo presidente: "*Creio que V. S.<sup>a</sup> não tem disto a menor ideia, pela falta de communicações entre os differentes destacamentos; e por isso sempre que V. S.<sup>a</sup> tome as mais acertadas medidas affim de se conhecer a marcha dos facciosos, e nunca acontecer o que succedeo ora no Icatú, onde poucos bravos nossos se viram cercados, e presta a ser accommettidos por mais de 800 facciosos.*"

Como este muitos outros documentos poderíamos ainda transcrever; mas, para que accumulal-os?

Por isso é que referindo-se ao commandante das forças, incluia o mesmo jornal:

"E ainda duvidará alguém do que é o Senr. Sergio? não de sobra o que havemos dito?"

(1) Chronica Maranhense, n.º 186, de 13 de Novembro de



Lêa pois a mór parte dos officios que elle assigna, e que envergonham de mal escriptos, e certo não achará mais que um agregado incoherente de ideias vulgares, expressadas na linguagem mais rasteira e viciosa.

Famosa ficou sendo a frase que applicou ao tenente-coronel José Martins, de quem disse que *era imputado* pelos povos pelos seus serviços a independencia!

Deploravel mimo nos mandou o governo central, mal aconselhado e illudido pelo Senr. Andréa!

Compadêça-se elle da nossa desgraçada provincia, e queira enviar-nos um official habil, valente, e activo, que não tenha protegidos e parentes a antepor aos bons servidores da provincia.

Queira elle mandar-nos um official menos lento em as suas operações, e que sem mais nem menos não venha aqui calcular que a guerra deve impreterivelmente durar um certo numero de annos.

Commandados os diversos batalhões por officiaes resolutos; estabelecido o commandante em chefe em qualquer ponto, donde possa facilmente acodir aos logares, onde for necessaria a sua presença, assim para com o seu valor pessoal infundir alento e confiança em os nesses bravos, como para compor o que andar desordenado, reformar os abusos, premear os bons, e punir os máos; onde possa vigiar que as nossas valerosas tropas sejam exactamente providas de todo o necessario, e que cessem essas fraudes e abusos, cujo resultado tem sido a pessima qualidade dos alimentos, que tem talvez concorrido muito para haver um tam crescido numero de doentes; restaurada assim a confiança geral, e effectivamente melhoradas as cousas da guerra, tanto na parte puramente militar como na administrativa, veremos quam breve se dispersam as turmas rebeldes, e se estende o sócego por toda a provincia."

Tal era a situação da provincia, tal a direcção que levavam os negocios da guerra, quando a tantas calamidades que já a affigiam, a tantas difficuldades que a assoberbavam, veio jun-

tar-se mais uma — a de haverem novamente cahido as ruínas de Caxias em poder dos rebeldes —!

Caxias que na sua opulencia tanto contribuiu para a prosperidade do Maranhão; Caxias que com o seu grosso commercio muito havia concorrido para o augmento das rendas da provincia; Caxias enfim, onde existia grande parte das nossas riquezas, não tinha podido até então, desde o começo desta desordem, ser soccorrida pelo governo!

E a quem levar-se á conta a responsabilidade de tão tremendo desastre?

Ao presidente?

Ao commandante geral das forças?

Sem pretender absolver a um, em prejuizo dos creditos do outro, devemos dizel-o francamente que a ambos—. Ao primeiro, pela má direcção imprimida, desde o começo, aos negocios da guerra, pela facilidade com que encampava todos os actos do segundo, de que só mui tarde conseguiu libertar-se, e pela pusillanidade ou fraqueza que revelou consentindo que ordens suas, verbaes ou escriptas, deixassem de ser strictamente cumpridas, com manifesto prejuizo da disciplina militar.

Ao segundo, ao commandante da forças, pela incapacidade demonstrada em uma multiplicidade de actos seus, pela pessima disposição dada ás forças sob seu commando, dividindo-as quando devia central-as, e vice-versa, deixando de socorrer a tempo logares tam importantes como Icatú e Caxias, e finalmente pelo receio ou temor que o assaltava sempre de enfrentar-se com os rebeldes, dispondo, mais do que estes, de forças relativamente maiores e disciplinadas.

Como quer que seja, porem, abandonada do resto da provincia, e sobretudo d'aquelle a quem mais directamente tocava velar pela sua segurança, cahio pela segunda vez a infeliz cidade em poder dos rebeldes, não lhe valendo o heroico e magnanimo esforços de seus filhos!

A nova deste calamitoso successo, occorrido a 9 de Outubro, teve-a o presidente já um tanto tarde, de 26 para 27 do mes-

mo mez, que foi quando começou a espalhar-se na capital, por assim o dizerem lavradores do Codó refugiados em Itapecurú-mirim.

Officiando nesta data ao commandante das forças expedicionarias, dizia o presidente: "*Foi-me sumamente desagradavel a noticia dada por pessoas vindas do Codó de haverem cahido as ruinas de Carias em poder dos rebeldes.*"

E mais adiante accrescentava:

"*E' de certo do maior interesse a subida de tropas para Carias, e talvez que a mais tempo deversem ellas ter partido.*"

Não se pode imaginar na-la de mais lastimoso do que o aspecto que apresentava então a desolada cidade. Sabendo da approximação das forças rebeldes, commandadas por Balaio, que montavam a 400 homens, um filho do coronel João Paulo Dias Carneiro, que a occupava, retirou-se precipitadamente com a guarnição toda para S. Joaquim, não logrando, porem, fazerem o mesmo os seus habitantes, inclusive familias, que foram victimas dos assassinos; computando-se em mais de 300 o numero de individuos mortos, ou em combates, ou a sangue frio, depois da restauração e desta sua segunda perda.

Entre as maiores e mais horrorosas scenas de atrocidades, occorridas ali durante aquelles tristissimos e luctuosos dias, contam documentos officiaes a seguinte:

Chegando Balaio á cidade foi á casa de um francez, de nome Isidoro, ha muito ali residente, e que da primeira vez fôra respeitado pelos rebeldes, e intimou-o a que lhe entregasse todo o dinheiro e fazendas que tinha em seu poder, não só suas, como de Livio Lopes. O francez nada quiz entregar, e deu um tiro no Balaio do que resultou a este quebrar-se-lhe uma das pernas, e receber dois carogos de chumbo no ventre. Vendo-se ferido ordenou immediatamente o Balaio aos seus que matassem o francez e todos quantos com elle moravam, o que foi em acto continuo executado, seguindo-se uma horrivel carnificina á qual pereceram o francez, duas mulheres e oito crianças, roubando-se-lhe ao mesmo tempo tudo quanto tinha em casa!

Feito isto, foi abandonada a cidade pelos rebeldes, e peiorando morreo em caminho o Balaio do tiro que recebera.

Emquanto em Caxias se desenrolavam estas scenas, corria em outros pontos da provincia algum tanto mais lisonjeira a fortuna para as armas da legalidade. A força rebelde, em numero de cerca de 300 homens, estacionada no Bebedouro a 8 legoas de Piracuruca, e que ameaçava já a Parnahyba, foi toda anniquilada graças a bravura e habilidade do major Joaquim Ribeiro da Silva, commandante da expedição, e que operava ás ordens do tenente-coronel José Francisco de Miranda Ozorio, morrendo 34 e ficando prisioneiros 192 dos facciosos, os quaes no dia 25 de outubro chegaram á capital da provincia no hyate *Vinte e Oito de Julho*, e patacho *Aurora*.

De tantos acontecimentos, porem, occorridos durante este mez (outubro) o mais notavel e por ventura o mais auspicioso de todos para a causa da legalidade é, por sem duvida, a—restauração do Brejo e Tutoya—nos dias 14 e 21, a esforços do capitão-mór Valerio Alves de Souza e do cidadão João Nogueira Barata, que com um punhado de legalistas conseguiram fazer alli a contra-revolução.

Os documentos officiaes que se prendem a este facto, importantes e curiosos por todos os titulos, são os seguintes :

## Restauração do Brejo e Tutoya

### ACTA DA RESTAURAÇÃO

Aos 14 dias do mez de outubro do anno de N. S. Jesus Christo de 1839, na villa de S. Bernardo, Comarca da Provincia do Maranhão, e casa do capitão-mór Valerio Alves de Souza, sendo este presente, e os cidadãos Ignacio Joaquim de Carvalho, Felipe Benicio Fontanelles, Alexandre Bernardino Ribeiro, José Francisco Aragão, Alexandre Francisco da Silva Ribeiro, Joaquim Ignacio de Loiola, Victorino José de Kais, Francisco Antonio Rodrigues, Angelo Baptista Mendes, Paulino José Rodrigues, Francisco Xavier Castello Branco, Demetrio José de Oliveira, José Pereira de Carvalho, Guilherme Rodrigues Barbosa, João José do Rego Junior, e povo reunido a seu chamado, ahi disse o dito ca-

pitão-mór com os demais cidadãos, que achando-se esta villa, comarca, alem de outras da provincia, invadida desde o dia 22 de abril ultimo, e submergida no abysmo da anarchia por uma horda de bandidos rebeldes, e soffrido por isso os seus habitantes os horrores de males praticados por aquelles malvados, absolutamente sem haver quem os repellisse, por falta de meios e socorros, elle comtudo não succumbindo á furia de semelhantes oppressores da lei e da humanidade, que em numero superior se achavam de posse da força, empunhava as armas a favor do governo de S. M. I. e C. o Senr. D. Pedro 2.º, afim de restabelecer a ordem, e tornar a Lei ao seu imperio: o que ouvido por todos foi unanimemente apoiado, e com o maior enthusiasmo e incessantes vezes bradaram: viva a Religião Cath. A. R.—Viva O. N. Augusto I. e Senr. D. Pedro 2.º—Viva o Regente—Viva a Assembléa G.—Vivão todas as Autoridades Legaes, e Vivão os Restauradores da Ordem. Depois do que foi aclamado Commandante das Forças Restauradoras o sobredito Capitão-mór.

E para constar lavrou o presente que assignam. Seguiam se as assignaturas etc.

## Proclamação

Valorosos habitantes da villa de S. Bernardo. A gloria que acabaes de receber pela restauração que destes ao Governo de S. Magestade Imperial e Constitucional o Senhor D. Pedro 2 será de eterna memoria.

Supplantastes de um golpe tremendo a horda de anarchistas que ha tempos vos trazia submergidos no abysmo da desgraça; resta-vos dar os ultimos testemunhos da vossa honra, patriotismo e coragem. A obediencia á Lei e ás auctoridades legaes são os vossos principaes deveres. Firmeza, vigilancia e união será o Norte de vossa direcção, e vereis o progresso rapido da grande obra que emprehendestes.

O horroroso espectaculo da desgraçada, cruel e dolorosa sorte, que se vos apresenta na lembrança, dos vossos Paes, das vossas Esposas, charos Filhos, parentes e amigos, e emfim das

vossas propriedades, de que infelizmente fostes testemunhas, sejam os alimentos dos estímulos dos vossos sinceros sentimentos.

Sim, vós gravastes no coração da Patria os mais relevantes serviços, ella vos abençoará para sempre.

Os vossos lados se acham guarnecidos de muito briosas e aguerridas tropas auxiliaoras, desta e das Provincias Irmãs, e mesmo de estado estranho; e eu sempre á vossa frente bradando —Viva a Religião de Nosso Senhor Jesus-Christo--Viva o Nosso Augusto Imperador o Senhor D. Pedro Segundo—Viva o Excellentissimo Presidente da Provincia—Vivão todas as Auctoridades Legaes, e Vivão os Restauradores da Villa de São Bernardo.

Villa de São Bernardo 14 de Outubro de 1839.—*Valerio Alves de Souza.*

—Illm.º Senr.—Tendo eu os mais ardentes desejos que se restabelecesse nesta comarca a ordem legal do Governo do nosso Imperador o Senhor D. Pedro 2.º, tive a gloria de que o honrado cidadão, o Capitão-Mór Valerio Alves de Souza, fizesse com que a ordem legal se apoderasse d'aquella villa e seus suburbios, e logo officiou ao facinoroso Manoel Vidal e seus companheiros que fossem ajudar com suas tropas; porem como este é inteiramente malvado, disse que mais facil seria morrer, do que largar as armas, como verá V. S.ª do officio que obtive de semelhante Tigre; porem no mesmo dia que foi 21 do corrente restaurei nesta infeliz villa a ordem legal, e me acho com 114 homens firmes ao Governo legal, que não duvidarão bradar commigo os devidos vivas a que são obrigados, e fica tudo no melhor estado possivel, e por isso rogo a V. S.ª me queira soccorrer e acudir quanto antes, afim de que os malvados rebeldes que me cercam por não ter munição de qualidade alguma.

Pode V. S.ª apressar com a seu auxilio, na certesa de que me achará prompto para em tudo dar-lhe provas do meu patriotismo a favor da boa ordem.

Ainda me resta chamar a tropa das Preguiças que se acham a favor dos Dinizes: não quizerão vir engrossar as fileiras da legalidade, porque os ditos a tiveram para o ataque desta villa; fora destas duas tropas do dito Vidal e Preguiças as que se

ação em armas são para as testadas de Caxias e Estanhado, commandadas por Balaio, Pedregulho, João da Matta, Cavaco, e outros da mesma laia.

Eu tenho tenção de atacar ao tal Vidal no ponto dos Tucuns, e para isso convido a V. S.<sup>a</sup> para de mãos dadas commigo, e tempo marcado, darmos no dito ponto por mar e terra, para por este meio o colhermos para pagar o quanto tem sido malvado, e o mal que tem causado geralmente.

Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> —Quartel da Villa da Tutoya 23 de Outubro de 1839—Ilm.<sup>o</sup> Senr. Coronel José Francisco de Miranda Osorio—*João Nogueira Barata*, Commandante da força legal da Tutoya.

Restaurada esta ultima villa, tratou Nogueira Barata de passar as familias e o que de mais precioso havia para a ilha denominada do Cajú á foz do Parnahyba, inutilisou todas as canoas de que não necessitava, e marchou com 140 homens a occupar o ponto das Carnahubeiras, onde surprehendeu e aprisionou um piquete de 24 rebeldes do caudilho Manoel Vidal.

Este ao cabo de quatro dias veio cercal-o com mais de 200 homens; mas Barata, occupando uma posição vantajosa, e entrincheirado nas casas resistiu vigorosamente, matando-lhe não pequeno numero de seus sequazes, sem soffrer o menor prejuizo, conseguindo por ultimo, com as munições e reforço de gente mandadas pelo prefeito da Parnahyba e opposicionistas da Tutoya ali refugiados, batel-os e destroçal-os completamente dentro de bem poucos dias.

## LIVRO IX

**SUMMARIO** :—Continuação dos successos occorridos durante o mez de outubro no interior da provincia.—Formação de grandes grupos de rebeldes nas visinhanças do Icatú.—Ataque de 22 de outubro ás trincheiras dos rebeldes, e considerações sobre o seu mallogro.—O presidente vae a Guarapiranga conferenciar com o commandante das forças.—Ataque de 7 de novembro no Icatú, e grande triumpho obtido sobre os rebeldes pelas forças ao mando do distincto tenente-coronel Luiz Antonio Favilla.—Victorias obtidas sobre os rebeldes nos combates de 27 nas "Formigas", e 28 de outubro na "Boa-Vista", e nos ataques de 5, 6, e 7 de novembro na Vargem-Grande, pela 2ª brigada ao mando do bravo major José Thomaz Henriques.—Levantamento do cerco da Vargem-Grande pelos rebeldes a 16 de novembro.—Ataque e destroço dos rebeldes a 19 de novembro, na passagem do "Mandacarú", pelas forças ao mando do major José Thomaz Henriques.—Serviços prestados pela 2ª brigada.—Diversos ataques levados aos rebeldes entre Caxias e o Parnahyba, durante os mezes de outubro e novembro.

Assignalado pelos successos de que já demos noticia no capitulo anterior, devolvia-se o mez de Outubro quando, logo nos primeiros dias, começou o governo a receber continuados avisos da presença de numerosos grupos de rebeldes no Icatú e suas circumvisinhanças, pelo que fez marchar, em pouco tempo, para aquella villa cerca de duzentos homens, e tomou outras providencias proprias a desassombrar-a do inimigo que a ameaçava.



No dia 21, reunida ali alguma força, engrossada já então pela passagem de Domiciano José Ayres com quarenta de seus sequazes para as fileiras da legalidade, foi decidido que se levaria no dia seguinte um ataque ás trincheiras dos rebeldes.

Dispostas as cousas para esse fim, dividiu-se, ao amanhecer do dia, a força em tres pequenas columnas: duas dellas seguiram pelas estradas dictas, *de baixo, e de Tagibaquara*, a fim de atacarem pela frente as trincheiras, e supposto tivessem de avançar um quarto de legoa apenas, iam os seus officiaes todos montados, não se esquecendo de levar em cavalgaduras varios cunhetes de cartuchos de sobreselente.

A terceira columna, sob o commando do capitão do corpo de policia, Simão Antonio Alves, composta de 80 a 90 homens, sahiu pela estrada denominada de *Santa Helena* a fim de ir tomar a retaguarda dos rebeldes, depois de fazer grandes rodeios para não serem sentidos. Os seus officiaes iam a pé, e os soldados não levavam mais que o cartuchame que admittiam as patronas!

E' de saber que a esta força deu o commandante do acampamento, o capitão João Luiz de Castro da Gama, dois guias que lhe indicassem os atalhos a seguir, e elles a conduziram até as duas horas da tarde, por espaço de quatro legoas, sem nunca alcançarem o lugar que lhes fora designado.

Foi então que, apertados todos de sede, mandou o capitão buscar água por 8 soldados e um guia a um ribeiro que, dizia o guia, estava proximo; mas o resultado foi surprehenderem os rebeldes a este destacamento, e aprisionarem o guia e dois soldados, recolhendo-se os seis restantes trazendo um negro dos rebeldes que conduzia uma porção de carne. Nisto foram os nossos piquetes atacados, sendo o inimigo vigorosamente repellido.

Este ataque foi repetido, sempre, porem, com o mesmo successo.

Algum tempo depois apresentaram-se trinta e tantos soldados, dois cabos e um furriel, debandados do corpo do capitão Castro, asseverando que a demais tropa se achava na villa desde as 8 horas da manhã, e que, se não queriam ser envolvidos, deviam voltar. Com o que o capitão Simão tratou de recolher-se á

villa, onde chegou ás 7 horas da noite, e ali veio a conhecer que os debandados tinham fallado verdade.

Os dois corpos que sahiram para atacar o inimigo pela frente, tendo de ganhar muito menos terreno, infallivelmente haviam de chegar ao lugar do combate muito antes de estar a retaguarda occupada pelo terceiro; isto parece que logo se conheceu; nada menos, os marinheiros atacaram com valor as trincheiras, e desalojaram o inimigo; mas o corpo do capitão Castro desordenou-se, não se sabe como, a ponto de irem trinta e tantos homens, entranhados pelos mattos, dar com o outro que estava tam distante!

Como succede sempre em occasiões taes, era preciso dar a alguém a responsabilidade deste desastre, e o escolhido foi o capitão Simão.

Este brioso militar, preso, teve de submeter-se a conselho de guerra; mas taes provas allegou em sua defesa, tam plenamente justificou-se das accusações que lhe eram irrogadas, que mereceu ser unanimemente absolvido pelo jury de sentença que o julgou.

Outras foram as causas deste desastre: 1.<sup>a</sup> Haver-se emprehendido o ataque, tendo-se uma ideia inteiramente falsa do inimigo, dando-se-lhe 400 homens, quando o seu numero muito excedia ao duplo; 2.<sup>a</sup> terem-se escolhido guias ignorantes ou perdidos, que ainda sendo optimos, não se deu tempo a que a retaguarda do inimigo fosse tomada; 3.<sup>a</sup> haver se recolhido á villa desordenadamente o corpo do Capitão Castro (e elle o primeiro) sem que sobre isso dêsse explicação ou satisfação.

Mallogrado, pelas circumstancias acima expendidas, o ataque de 22, começaram os rebeldes a crescer em numero e audacia, pelo que tomou o presidente a resolução repentina de partir da capital no dia 30 do mesmo mez pela madrugada afim de conferenciar em Guarapiranga com o commandante das forças, que alli devia achar-se.

No dia 7 do seguinte mez (Novembro), levantado o espirito da tropa com a presença de novos soccorros enviados pelo governo, decidiu-se o tenente coronel Luiz Antonio Favilla, com-

mandante da 1.<sup>a</sup> brigada, a levar novo e impetuoso ataque às trincheiras dos rebeldes que em grande numero sitiavam aquella villa.

E de facto, pondo-se á testa das forças, com o desembaraço e bravura que o caracterisavão sempre, e communicando a todos o enthusiasmo de que se sabia possuir em occasiões taes, conseguiu dentro de poucas horas apoderar-se de duas das trincheiras occupadas pelo inimigo, matando-lhe alguns, e ferindo-lhe muitos.

Colhido este primeiro triumpho, arrasadas as trincheiras, e tendo feito recolher a sua gente ao acampamento, teve o tenente-coronel Favilla noticia de que os rebeldes muito desanimados estavam com a perda que tinham soffrido. Sabendo disto, fez immediatamente tocar a reunir, e deixando as suas trincheiras com pequena força, mandou atacar todos os pontos delles, o que com tanta valentia foi executado da parte d'aquelles que commandava, que levaram tudo de rojo, abandonando os rebeldes todas as casas que occupavam, trincheiras fortissimas, bois, cavallos, alguns quartos de carne fresca, caldeirões de ferro, etc., fazendo-se-lhes na retirada tão grande estrago na sua gente, que tiveram de levar muitos, deitados em cima de cavallos, entrando neste numero o commandante, a quem um soldado de 16 annos de idade deu um tiro na cara, quando montado em um bom cavallo procurava fugir.

O fogo, que começou ás cinco e meia da manhã, prolongou-se até quasi ao meio dia, durando por tanto seis horas.

Muito se distinguiram nesta acção, entre outros, o capitão João Luiz de Castro da Gama, o Alferes quartel-mestre Joaquim Eloy de Queirós, o alferes secretario Eduardo Joaquim de Oliveira, o de fileira João Antonio Baptista Sodrê, o sargento Higinio Silverio Coutinho, e o commandante de guerrilhas Domiciano José Ayres, não fallando já no tenente-coronel Favilla, que com a sua costumada calma e bravura decidiu do bom exito desta jornada. Não menos digno de elogios tornou-se o cirurgião-mór da armada Francisco Pereira Guimarães Coutinho, pelo zelo e promptidão com que soccorria aos feridos.

Grande foi o enthusiasmo com que se bateram as forças da legalidade, devendo aqui consignar-se a maneira distincta por que se houve a companhia de imperiaes marinheiros, commandada pelo primeiro tenente Jesuino Lamego e Costa.

Insignificantes foram as nossas perdas, pois constáram apenas de 2 mortos e 16 feridos.

Deu o governo grande importancia a este ataque, considerando-o em suas ordens do dia e participações officiaes como um verdadeiro triumpho para as armas da legalidade: e assim devia sel-o, pois sendo de 1200 homens, segundo os melhores calculos, a força de que dispunham os rebeldes no Icatú, e a nossa que os bateu de 160 praças apenas, só praticando excessos de valor e energia poderiam ter conseguido tam brilhante resultado.

Com este ataque abandonáram de todo os rebeldes as visinhanças do Icatú, o que se veio a verificar pelas explorações que se fizeram, em seguida, aos Mórros, á Cachoeira Grande, e demais immediações até perto da Miritiba.

Emquanto assim corriam as cousas pelo Icatú, não mui longe d'ahi, na Vargem-Grande, em combates e ataques quasi que diarios e successivos cobriam-se de louros os bravos da 2.<sup>a</sup> brigada, ao mando do valente major José Thomaz Henriques.

A 27 de Outubro nas "Formigas," e a 28 na "Boa-Vista," batiam-se as forças da legalidade, ostentando coragem, constancia e ordem contra os rebeldes enguerrilhados, e superiores em posição, e numero.

Cita a ordem do dia destes combates os nomes do major Antonio Gomes Leal, alferes Raimundo Nonato Nunes Belfort, e 2.<sup>o</sup> cadete Vicente Soares de Mello Junior, que foi ferido; mas recommenda particularmente os do tenente Miguel Ferreira Cabral, e alferes José Joaquim de Barros, no ataque da "Boa-Vista" a 28, batendo-se contra forças superiores, fazendo frustrar os esforços que empregavam os rebeldes para cercar as linhas que elles commandavam, e dirigindo finalmente uma retirada em ordem, que inutilisou todos os intentos do inimigo, que em grandes grupos perseguio á força á consideravel distancia.

Resta-nos agora tratar da ultima parte dos successos, summariados neste—Livro.

A 5 de Novembro desse mesmo anno (1839), quando pouco mais de 200 combatentes contava, foi inesperadamente sitiada por 800 rebeldes a brigada da Vargem-Grande.

Apenas o seu commandante, o valente major José Thomaz Henriques, soube da aproximação do inimigo, fez avançar contra elle uma forte linha, engajando-se immediatamente vivissimo fogo, do que resultou logo a morte de um soldado, e o ferimento de um dos mais valentes officiaes das forças legaes, o alferes José Joaquim de Barros.

Continuava a resistencia dos rebeldes entrincheirados nos "Cocoes," em "Curraes," e em uma casa, quando repentinamente pela estrada da Manga foi assaltado o acampamento. Tudo estava preparado e prevenido; com a velocidade do relampago avançaram sobre os impetuosos assaltantes, e os levaram de rojo duas linhas de atiradores; mas não cessando o fogo na estrada de Caxias, e resistindo o inimigo, e não perdendo um só palmo de terreno, mandou o major Henriques avançar a artilharia; reforçou as linhas que protegiam o acampamento para evitar segundo ataque ao campo, enquanto o inimigo chamava a attenção da força para a estrada de Caxias, e ordenou que a metralha decidisse da sorte do combate.

Ao primeiro tiro de peça ganharam os nossos soldados dobrada coragem, e avançaram a marche-marche, perdendo os rebeldes terreno; e ao terceiro fugiram estes em completa debandada, seguindo-os as linhas de atiradores por espaço de uma legua, findando assim o combate que havia-se prolongado das oito e meia da manhã ás duas da tarde.

Com este primeiro resultado julgava-se que o inimigo, de envergonhado, desistira de seu intento, e se retirára por uma vez; mas á noite conheceu-se, pelo som dos machados, que construíam trincheiras perto do acampamento, ouviu-se o toque das caixas, e não houve mais duvida, de que os rebeldes insistiam sobre a Vargem-Grande.

Apenas amanheceu o dia 6, reforçadas as suas linhas e dadas todas as providencias para obstar a um ataque geral, mandou o commandante carregar sobre o inimigo pelo lado da Manga,

onde elle se achava mais proximo, mais coberto, e mais ousado, rompendo em improperios e ameaças contra as forças da legalidade.

Rompido sem demora o fogo, foi depois de hora e meia desalojado o inimigo, e levado a meia legoa de distancia, julgando o commandante não dever perseguil-o mais para se não alongar muito a sua linha (que podia ser facilmente cortada) do acampamento guarnecido com pouca gente, e ameaçado de ser atacado a um tempo por todos os lados e por todas as forças rebeldes.

O inimigo voltou ainda na manhã do dia 7, sendo do mesmo modo batido, fugio e voltou ao sitio. Entretanto ameaçavam em officios ao commandante, gritavam e blasonavam de sua grande força, e publicavam que, como ao infeliz Pedro Alexandrino, farhe-iam gastar todas as munições, e obrigar-o-iam depois a render-se.

Conhecendo o major Henriques que com a força que tinha não podia desalojar os rebeldes, e que estava gastando munições inutilmente, resolveu-se a esperar pela força que pedira ao commandante em chefe, para então de uma vez levantar o sitio, manobrar com proveito, e destroçar o inimigo. Ordenou, portanto, que cessasse o fogo nas linhas; que se atirasse só quando o inimigo avançasse a tiro de espingarda; e fez cubrir o campo por uma forte linha de atiradores, conservando a demais tropa prompta a acudir ao ponto que fosse atacado.

Assim se passou desde o dia 8 até a noite de 15, havendo ás vezes alguns tiroteios nas linhas. Entretanto pretendeu o chefe dos rebeldes, Valerio José de Oliveira, fallar ao commandante da brigada, e assim o annunciou. Não se quiz o major Henriques prestar a isso, mas ouvindo que alguns de seus officiaes confiavam nesta entrevista, e esperavam que o Valerio se apresentasse, montou a cavallo, e fallou-lhe proximo á linha, empregando todos os meios de o persuadir e desenganar a respeito das pretensões tresloucadas, suas e dos seus companheiros, e voltou, esperando a apresentação d'aquelle chefe que achára abalado e desconfiado do futuro da sua causa.

Finalmente, não chegando até a noite de 15 a força, que

desde o dia 14 esperava em soccorro o commandante da brigada, ficou este bastante cuidadoso e recioso de que não o estivesse o inimigo entretendo, e que se dirigisse á villa do Itapecurú, a qual devia elle major Henriques proteger, e donde não tinha noticias havia tres dias.

Querendo a todo custo sair deste estado de incertesa, ordenou na manhã de 16 que uma partida forte e protegida pela artilheria batesse as trincheiras rebeldes pela estrada da dicta villa, e franqueasse a communicação.

Produzio esta acertada medida o mais salutar resultado, descobrindo os primeiros raios do sol o estrago dos entrincheiramentos e a fuga dos inimigos que foram batidos e desalojados por aquelle lado.

Apenas livre a estrada, outra partida, prompta de antemão, marchou a saber do estado da villa. A's 8 horas da manhã resoavam festivos vivas ao Imperador do alto dos morros da Vargem-Grande; dos soldados, uns demoliam as trincheiras, e gostosos carregavam aos hombros os pesados madeiros que as formavam; outros, percorriam os sitios, poneo antes covis dos rebeldes; aquelles, contavam os pormenores do combate, e zombavam da fraquesa e precipitada fuga dos inimigos; estes, se exasperavam por não haverem tomado a vingança que pretendiam.

A partida que sahira para a villa encontrou outra que de lá vinha, reunio-se-lhe e voltou para o acampamento, onde entraram ambas ao meio-dia, sendo recebidas a toque de musica e com muitos vivas. Os rebeldes que se achavam escondidos nos "Cocoes", á maior distancia, porem, observando este movimento, julgaram o acampamento socorrido por um grande reforço, e lembrados da impetuosidade do ataque da manhã abandonaram todas as posições, e levantaram completamente o sitio.

No dia 17 chegaram pouco mais de 100 praças do 3º batalhão commandadas pelo capitão Ernesto á Paulica; estando já levantado o sitio da Vargem Grande, ordenou o commandante da brigada para o dia 18 a exploração do extenso "Cocal do Riacho do Soldado", onde se presumia o inimigo enguerrilhado com todas as suas forças; mas nada se achou, tudo estava abandonado.

No dia 19 marcharam tres columnas para atacar Boa-Vista: duas encarregadas de flanquear o inimigo e cortar-lhe a retaguarda, e outra guarnecida de artilheria, debaixo das ordens immediatas do major Henriques, o atacou pela frente na passagem do Mandacari. A's 8 horas rompeu o fogo, dando a artilheria apenas oito tiros, que no fim delles ficou inutilisada por se ter quebrado a flecha: a fuzilaria, porem, não cessava. Os rebeldes, enguerrilhados na margem d'alem do rio, dentro de covas abertas no chão, faziam tenaz e opiniosa resistencia, zombando da metralha que os não attingia, até que afinal depois de hora e meia de fogo, conseguindo a linha atravessar o rio, fugiram todos de repente sentindo fogo na retaguarda. As duas partidas que haviam flanqueado carregaram sobre elles em retirada, ficando Boa-Vista em poder das forças legaes, e perdendo os rebeldes 17 mortos.

As ordens dos dias de 8 e 20 de novembro desse anno (1839), do commandante da brigada, referem o brioso comportamento da officialidade e praças nestes diversos ataques, merecendo especial menção: o major Antonio Gomes Leal que desempenhou dignamente tudo de que estava investido, correndo a todos os pontos e dando acertadas providencias durante o combate de 5; o capitão Antonio Benedicto de Araujo Pernambuco e alferes Francisco José do Rosario que bateram os rebeldes, levando-os de rojo quando atacavam furiosamente e de improviso pelo lado da Manga; os alferes da guarda nacional João Sabino da Fonseca e Castro e Raymundo Nonnato Nunes Belfort que conduziram corajosamente as linhas da frente, soffrendo vivissimo fogo por mais de 4 horas; e o 2º tenente Conrado José de Lorena Figueredo, commandante da artilheria, que portou-se com um sangue frio e valentia pouco communs, e muito concorreu com seus tiros para desalojar o inimigo renitente e entrincheirado.

Não menos dignos de louvor tornaram-se: o tenente Miguel Ferreira Cabral, que commandou a linha da frente durante a acção com o acerto, vantagem e sangue frio que o distinguiram sempre; o alferes José Joaquim de Barros, que combatendo com o seu costumado denodo foi ferido no começo da acção; e o ajudante Francisco de Assis Mendes Guimarães, que sempre imper-



turbavel corria a to-la a parte a communicar as ordens, fazendo demais o importante serviço de conduzir ao acampamento com extraordinaria velocidade, e logo que ouviu o fogo, a partida com que havia marchado, e que podia fazer sensivel falta.

Durante o ataque apresentou-se na Vargem-Grande o chefe rebelde Valerio José de Oliveira.

Alem dos combates acima referidos deram-se ainda outros pequenos recontros. A 26 do mesmo mez foi destroçado no Salgador um grupo consideravel, perdendo os rebeldes 2 mortos, 1 prisioneiro, armamento e munições; em S. Benedicto forão mortos 20, inclusive o commandante, por uma partida, e a 2 de dezembro uma de mais de 300 homens os desalojou da Chapadinha, matando-lhes 9, tomando-lhes armamento, munições e cavallos, e ficando incendiada aquella povoação, à excepção da Capella.

Taes foram os serviços prestados durante os ultimos dias de outubro e todo o mez de novembro pela 2ª brigada, serviços tam valiosos e relevantes, e que tanto contribuíram para a pacificação geral da provincia, que bem merecem ser aqui lembrados.

Effectivamente, a 2ª brigada estava sempre em continua actividade contra o inimigo; suas partidas o perseguiram para a frente, para os flancos e retaguarda; a estrada de Caxias, a do Brejo, as margens dos rios Munim, Iguará e Preto eram explorados por estes valentes e incangaveis soldados. O sangue destes bravos foi derramado pela integridade da patria e tranquillidade da provincia. De 21 de setembro ao ataque do Paulica até fins de novembro teve a 2ª brigada 9 mortos, e 56 feridos, inclusive 2 officiaes; mas bem caro pagáram os rebeldes o derramamento de tanto sangue, pois desde o cerco da Vargem-Grande perderam elles mais de 60 mortos, 12 prisioneiros e 50 apresentados, inclusive um dos seu chefes, Valerio José de Oliveira.

Alem dos successos, de que acabamos de fazer menção, occorridos no interior da provincia, deram-se ainda outros, durante os mezes de outubro e novembro, que merecem ser aqui referidos.

De um officio do tenente João Vieira Torres, desta provincia, que a 15 atravessava para a do Piahy, com uma força de quasi 200 homens, a encorporar-se á columna d'Oeste, extrahimos do "O Telegrafo d'Oeiras" os seguintes pormenores sobre os diversos ataques levados aos rebeldes entre Caxias e o Parnahyba. A 2 de outubro os alferes Castro, e Torres, que se achavam com 80 praças na villa de São José marcháram para o Cajueiro a reunirem-se com Periquito que ahí commandava 84 praças. A's 11 e meia horas do mesmo dia chegáram, e à uma hora da tarde foram acommettidos pelos rebeldes que tiveram na acção, que foi muito renhida, 20 mortos e 22 feridos por 1 morto e 6 feridos da parte da legalidade.

A 5, o mesmo alferes Castro aprisionou, no "Bonito", a 3 *balaios* que foram reconhecidos captivos, e que vinham armados e municiaados, trazendo demais algumas fazendas finas, e redes do Pará, que haviam roubado.

A 14, em um fogo na "Pindova", deixáram os facciosos 6 mortos e 4 prisioneiros, tendo os da legalidade 2 feridos.

A 23, foi batida na "Alagoa do Carneiro" a tropa do Ruivo, a mais numerosa que tinham os rebeldes, abandonando elles o campo com a perda de 6 mortos e muitos feridos.

A 3 de novembro, aprisionou o major Sabino Dias Carneiro ao capitão rebelde Almeida Coimbra, que ficou prisioneiro na passagem de Santo Antonio.

A 4, ao meio-dia, inopinadamente atacáram os facciosos o ponto do "Burity-Cortado", e por serem superiores em numero assenhorearam-se das trincheiras depois de um fogo que durou o resto do dia. Não obstante este desastre, em que nenhum prejuizo tivemos, continuou o fogo toda a noite, retomando-se a 5 as trincheiras, e sendo perseguidos os rebeldes até as matas do Carneiro. Um soldado da legalidade, que se achava no piquete da Barra, e um escravo que trazia mantimentos para a tropa, foram assassinados.

Tentou depois o major Sabino com 48 praças retomar a "Bacaba", onde se achavam 200 rebeldes, retirando-se ao cabo de 48 horas de continuado fogo por lhe faltarem inteiramente munições. A pusillanimidade nos combates, e a barbaridade nos saques, eram os distinctivos dos salteadores com que luctavam.

## LIVRO X

**SUMMARIO** :—Providencias tomadas pelo presidente relativamente a venda e sahida de munições de guerra, pólvora, salitre, e enxofre para o interior da provincia.—Promulgação, pelo commandante em chefe das forças expedicionarias, do celebre Edital de 26 de outubro, contendo medidas inexequiveis sobre os meios de debellar a rebellião.—Bellissimo artigo de João Lisboa combatendo este Edital. Officio do presidente Manoel Felisardo, modificando consideravelmente o mesmo Edital; e brilhantes considerações feitas pela «Chronica» a proposito deste officio.

Suspeitando de ha muito o governo, que da capital sahiam para o interior da provincia munições de guerra, pólvora, enxofre e salitre, suspeita esta que em breve converteu-se em realidade, illudindo assim numerosas providencias anteriormente tomadas pelo mesmo governo, as quaes, ao que parece, não tinham sido bastantes para impedir tam criminosas remessas, e desejando por termo a um abuso que só redundava em beneficio da rebellião, e na continuação da guerra impia e crua que, ha um anno, soffia a provincia, dirigiu-se o presidente Manoel Felisardo, por portarias de 19 e 22 de Novembro, ao inspector da Alfandega, e ao commandador Felipe Gomes da Silva Belfort, na qualidade de prefeito da comarca da capital, ordenando-lhes o seguinte:

Ao primeiro: que procedesse á maior vigilancia e cuidado com as canôas, botes, gabarras, sumacas, escunas, e em geral com todas as embarcações que se destinassem ao interior, empregando a maxima fiscalisação afim de que em taes embarcações

não entrassem objectos de qualidade alguma sem que fossem examinadas, certificando mais a quem conviesse que faria responsabilisar o empregado dessa repartição que tivesse assistido ao carregamento d'aquellas em que fosse encontrada polvora, armamento, ou qualquer outro artigo bellico.

Ao segundo, ao prefeito da capital: que convidasse por editaes as pessoas que tivessem polvora, enxofre, e salitre, a recolher taes artigos ao Arsenal de Marinha, procedendo contra os que não se prestassem a isso, na conformidade das leis.

Outrosim, que tomasse a maior vigilancia sobre os que, apesar de advertidos, vendessem taes generos, devendo neste ultimo caso reputal-os e tratal-os como conniventes e protectores dos rebeldes, fazendo-os capturar e remetter logo á sua presença com declaração especificada das circumstancias que haviam dado lugar á prisão.

Comquanto imperfeitas ou incompletas, mereceram desde logo estas providencias a approvação de todos os que almejavam pelo mais breve restabelecimento da paz na provincia, inclusive o proprio orgão da opposição.

Em um ponto, porem, illudia-se o presidente—Em geral, não era a afeição aos rebeldes, mas a sordida cobiça do ganho quem remettia para o interior as munições que concorriam para prolongar a desordem.

Entre os factos então apontados pela imprensa, e que haviam provocado por parte do governo as medidas acima mencionadas, citavam-se os seguintes:

O de umas espadas e barris de polvora embarcados na capital, ainda antes da tomada de Caxias, facto este que foi abafado em attenção as pessoas nelle compromettidas; o da apprehensão no Icatú de uns tantos barris de polvora, pertencentes a um tal Barbosa, mascate e portuguez de nascimento, o qual era tambem accusado de ter andado a agenciar a compra de cartuchos aos soldados.

Na alfandega, dentro de um fardo despachado como se fôra só de fazendas, encontráram-se 24 chapas de chumbo.

Enquanto na capital assim corriam as cousas, o commandante em chefe das forças expedicionarias, que tinha o seu quartel na villa do Rosario, baixava e fazia correr pelo interior da provincia, um edital que, pelas medidas, de todo o ponto inexequíveis, que continha, e penas extravagantes e desarrasoadas que fulminava aos que denominava de contraventores, provocou desde logo os mais clamorosos brados de indignação e repulsa, merecendo por isso mesmo ser restringido pelo proprio governo em documento official.

O EDITAL, a que acabámos de nos referir, dizia assim:

Francisco Sergio de Oliveira, Cavalleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, Tenente Coronel do oitavo Batalhão do Exercito, e Commandante em Chefe das Forças Expedicionarias na Provincia do Maranhão, por SUA MAGESTADE IMPERIAL, que Deus Guarde.

Não tendo sido aproveitados os meios de conciliação, persuasão e brandura té agora empregados para chamar á ordem e a seus deveres os rebeldes e os *indifferentistas*; e convindo portanto empregar já os meios decisivos que conduzem o desengano aos malvados e aos facciosos, afim de poder-se de uma vez terminar a guerra que devasta a Provincia; e sendo um dos primeiros o chamamento terminante *de todos os cidadãos leaes ao Governo de SUA MAGESTADE IMPERIAL, e ainda os desviados*, a um centro commum de união á ordem, e de defesa, para não serem confundidos com os contumazes na carreira do crime, sobre cujas cabeças vaé cair a espada da justiça e da lei que está alçada: pelo presente Edital ficão declarados rebeldes, inimigos da Patria, e do Throno do Nosso Augusto Imperador, para como taes serem tratados, todos os habitantes das margens, esquerda e direita do rio Itapecurú e do Munim, que não se apresentarem ás forças leaes, em qualquer dos pontos em que ellas se acham estabelecidas, dentro do prefixo termo de vinte dias contados da publicação deste, para fazerem parte dos Corpos Policiaes Provisorios, novamente organizados.

Os Senrs. Proprietarios, Fazendeiros, e mais moradores situados á margem direita do rio Itapecurú (rio abaixo) farão re-

tirar de suas propriedades, para a margem esquerda, os seus escravos, gados, criações, e todos os mais objectos que pela sua importancia puderem servir de utilidade aos rebeldes.

A todas as pessoas a quem pertencer o conhecimento deste Edital, que delle forem contraventores, serão perseguidos como feras, e por tal motivo arrasadas as suas propriedades, que se reputarão asylo e beneficio dos salteadores e assassinos, inimigos do Governo e da Ordem, que assolam a Patria.

Quartel do commando em chefe na villa do Rosario 26 de Outubro de mil oitocentos e trinta e nove. (Assignado) *Francisco Sergio de Oliveira*, Tenente Coronel e Commandante em chefe.

Commentando este famoso e draconiano edital, em brilhante e judiciosissimo artigo, sob a epigraphe—*O edital do Senr. Commandante das forças, e as suas façanhas militares*, assim se exprimia João Lisboa:

“No presente numero fica transcripta essa peça memoravel e terrivel, na forma e na essencia, bem semelhante aos decretos da convenção franceza e dos seus sanguinarios proconsules, que arrasaram Leão e Toulon, e incendiaram a Vendée.

O Edital contém duas partes; a primeira convoca todos os habitantes das margens esquerda e direita do Itapecurú, e os do Munim (sem declarar de que margens) para que no prefixo prazo de 20 dias se apresentem ás forças legaes, afim de serem alistados nos corpos policiaes provisionarios, novamente organisados.

A medida em verdade é justa; os habitantes dos logares infestados pelos rebeldes, estão mais que ninguem obrigados a tomar as armas para os repellir, e se acaso mandou o governo organizar esses novos corpos, cremos piamente que isso se deve ás desgraçadas nomeações que fez o Senr. Camargo para a guarda nacional, cujos officiaes, em grande parte, se recolheram para esta cidade, d'onde não ha meios de os arrancar.

Consta-nos que no Rosario reuniram-se já cerca de 150 cidadãos, porque foi nomeado seu commandante um cidadão digno e de confiança, o Senr. Augusto Rocha.

Temos porem que o edital se não pode entender com os

habitantes de logares occupados por forças rebeldes, sem que primeiro os va a força legal desafrontar, e livrar da oppressão. Mas se ella, sendo tam forte, lá não pode chegar, como é que uns simples individuos poderão, do meio delles, acodir aos reclamos do governo?

Ora ambas as margens do Munim, desde o Icatú até as visinhanças da Manga, estão em poder dos rebeldes, e é certo que a legalidade nem sequer sabe do que se passa por esses lugares.

E que diremos do tom com que diz o Senr. Sergio *que ficam declarados rebeldes pelo seu edital os que não comparecerem, quer possam ou não?*

Entendemos que só a lei poderá qualificar as acções criminosas, e que rebeldes e sediciosos são os que empunham as armas contra as leis, e o governo, e nunca os que commettem um simples acto de desobediencia.

Que diremos da equidade com que S. S.<sup>a</sup> confunde na mesma proscricção *os indifferentistas, os desvairados, e os rebeldes contumazes?*

Parece-nos que esta legislação de editaes não pode ter outro resultado que não seja a prisão de alguns cidadãos que forem encontrados em suas casas, que, segundo a letra da lei nova, serão confundidos com bandidos e facinorosos.

Não queremos attribuir ao senhor commandante das forças intencões perversas; só notamos os absurdos que se seguem desse tremendo edital, e sobre isso chamamos toda a attenção do senhor presidente da provincia.

A segunda parte é que é verdadeiramente terrivel. Sem se fixar praso (a menos que não seja o mesmo de vinte dias, assignado para o comparecimento dos habitantes) ordena-se a todos os fazendeiros da margem direita do Itapecurú que passem para a esquerda os seus escravos, gados, criações, e tudo mais que possa ser util aos rebeldes, pena aos contraventores *de serem perseguidos como feras, e as suas fazendas arrasadas, como asylos de ladrões e assassinos!*

Supposto que grande seja o absurdo da ordem, não pode todavia emparelhar com a ferpeidade das ameaças que se fazem aquelles que a não cumprirem!

Estamos acaso em um paiz civilizado, constituido com religião, leis, e governo?

Os rebeldes, é verdade, tem procedido como feras, mas nem a elles é licito tractar como feras; e se-lo-ha então a cidadãos pacíficos, proprietarios abastados, e que com as onerosas contribuições que pagam, tanto concorrem para encher os cofres publicos?

E porque, justos ceis!

Por não praticarem aquillo que é absolutamente impraticavel!

Examinemos.

O Senr. Commandante das forças proclamou do Rosario; e posto que umas fazendas estejam á beira do rio, e outras, seis e mais legoas ao centro, posto que a margem direita do Itapecurú se estenda desde a sua foz até muitas dezenas de legoas alem de Caxias (no que parece não reflectio S. S.<sup>a</sup> com a pressa) nada obstante, não ha a menor differença de prazos, em attenção ás distancias, e difficuldades de transporte.

Accresce que a mór parte dos lavradores se acham fora de suas fazendas, refugiados nesta cidade, e em outros lugares, achando-se ellas em geral administradas por feitores e escravos que não sabem ler as ordens do Senr. Commandante, e que por via de regra só sabem cumprir as ordens de seus senhores.

Aquem pois se endereçou o edital?

Mas suppondo que haja nas fazendas quem o entenda, e lhe queira dar cumprimento, com que meios o fará?

E' bem sabido que tanto os rebeldes como a legalidade se tem apoderado de tudo o que é cavalgaduras, e bois de carro; como pois se hão de transportar de cinco ou mais legoas de distancia, milhares de alqueires de arroz e farinha, indispensaveis para o alimento da gente emigrada? não fallamos nos algodões, nos instrumentos de lavouras, habitações, e todos os immeasos accessorios das fazendas, cuja mudança, em tão pouco tempo, equivale a uma completa ruina, e ao mesmo arrasamento com que o senr. commandante das forças os ameaça.

Suppondo-se finalmente que os escravos tudo abandone-



nam (porque nada podem levar) e se passam para a margem esquerda do Itapecurú, o que será delles ali? Tem o senr. commandante das forças terras devolutas para dar-lhes, depois tendas que os abriguem, tem depositos de gados e farinha para os alimentar? Ou quererá que se conservem á sombra das ingaranas, mantendo-se de agua do rio, e do vento que soprar? E será esse o seu unico alimento nos annos que se seguirem a esta deploravel devastação, dez vezes mais terrivel que a que tem feito os rebeldes?

Ainda mais. Queremos fechar os olhos a todos estes insuperaveis obstaculos; queremos suppor que a mudança é praticavel (mas somente por argumentação); ainda assim ninguem poderá negar que ella causará enormissimos e incalculaveis prejuizos aos fazendeiros. E nesse caso como se quer ir de encontro aos interesses de uma parte immensa da população? Não se receia a desobediencia infallivel, e a horrivel necessidade de realisar tão barbaras ameaças?

E sobretudo, n'um tempo de crise, com a approximação, do inverno, não se tem o menor receio, de arrancar milhares de escravos das suas fazendas, onde o habito, mais que a força, os tinha sujeitos, para os arremessar desordenadamente na margem opposta do rio, sem abrigo, sem meios de subsistencia, e sem um systema de providencia, s previamente organizado para os ter sopeados?

Quem ler essa ordem do senr. commandante das forças, e não estiver inteirado do que por cá tem havido, cuidará de certo que combatemos ha muitos annos com um inimigo invencivel, que se hão dado batalhas sanguinolentas, que tem corrido rios de sangue, e que não resta outro recurso senão incendiar o paiz para o poder subjugar. Mas a verdade é que desde meados de agosto em que sahiu o senr. commandante das forças do Icatú, pouco ou nada se tem feito; levou-se quasi mez e meio em marchas, e só em fins de setembro é que se afugentaram uns 600 rebeldes da Vargem, depois de haver recuado um dos nossos batalhões, e sendo para isso necessario mover quasi mil homens. D'então para cá tem se perseguido alguns pequenos grupos pe-

las vizinhanças da Manga, e travado alguns tiroteios nas vizinhanças do Rosario.

No entanto cahiu novamente em poder dos rebeldes (a ser certo o que corre) a infeliz Caxias, grupos armados aadam a commetter assassinios e a destruir estabelecimentos, e o leatú está, sem a menor differença, no mesmo estado em que se achava antes de agosto, inteiramente cercado de mais de mil rebeldes, derramado assim inutilmente o sangue de mais de 100 bravos que o restauraram, pois tendo-se obtido por unico resultado a dispersão de um grupo de 650 homens, e o alicciamento de uns 300 rebeldes, temos hoje sobre nós um grupo mais numeroso, e esses aliciados, habitando em terreno habitado pelo inimigo, devem suppor-se unidos a elle.

É porque tem succedido tudo isto? Será porque não se tem medado as fazendas? Não, é pela incompreheensível morosidade das operações, e pelas continuas marchas e contra marchas, sem fim conhecido, é porque o senhor commandante das forças não é muito amigo de assistir ao fogo, é porque vae passear ao Meiriam para examinar o terreno em lugar de ir examinar o de Caxias, é porque desce para o Rosario com um batalhão só para o fim de conduzir e escoltar a sua senhora e a do senhor Ernesto, pois suppondo todos que vinha em soccorro do leatú, S. S.<sup>a</sup> teve a incrível audacia de escrever ao presidente *que se ia embora para cima, porque aquillo não lhe dava cuidado!*

Que contraste entre o que agora se vê, e o que conseguiu o Senr. Faleão!

Na mór força do inverno, sahio desta cidade a 16 de Março, em 15 de Abril tinha já nos Mutuns (muito aquem da Vargem) derrotado um inimigo duplicado em numero, e teria então concluido a guerra, a não ser o desastre inesperado do Brejo.

Em fins de Junho, dentro de 8 dias de marcha, bateu por duas vezes o inimigo, dispersou-o completamente, e avançou 50 legoas para Caxias, e lá iria em pouco tempo, a não ser um novo desastre, de que não teve a menor culpa.

O senhor commandante das forças, no preambulo do seu edital, diz que como não tem aproveitado os meios brandos, quer

empregar os de rigor. Isto é, como S. S.<sup>a</sup> tem andado em passeios e ainda não assistiu uma só vez ao fogo, occupando-se ora em catechisar (palavra formal) um principal de indios, ora em fazer ver aos rebeldes que *devem deixar renascer a agricultura, e que a religião de nossos paes ensina a amarmo-nos uns aos outros*, em huma palavra, como não tem sabido bater o inimigo, assenta que o unico meio de concluir a guerra é arrasar as fazendas dos lavradores, e tractal-os como feras!

Grande desgraça é a nossa!

O espaço nos fallece, e ainda nos resta alguma cousa que dizer acerca do edital, mormente se elle é approvado pelo senhor presidente da provincia, como se diz.

Voltaremos ao assumpto." (1)

Não foi baldado o appello feito pela imprensa ao administrador da provincia.

Habitua-lo a condescender em tudo com o commandante em chefe das forças expedicionarias, subscrevendo-lhe sem opposição até os seus menores actos, rompeu, por esta vez, o presidente Manoel Felisardo os ólos de uma solidariedade que já começava a annullar-o aos olhos de todos, dirigindo, em acto continuo á publicação deste magistral artigo, o officio que abaixo se lê, no qual, estranhando ao mesmo commandante as medidas demasiado severas de que pretendia servir-se, desaprovava-lhe formalmente a segunda parte do seu celeberrimo edital.

O officio era assim concebido:

—Illm.<sup>o</sup> Senr.—Respondendo ao officio de V. S.<sup>a</sup> de 26 do proximo passado mez, acompanhando copia do Edital do mesmo dia, venho a communicar a V. S.<sup>a</sup> que medidas de extremo rigor só podem ser justificadas á vista de urgentissima e irremediavel necessidade, e que por isso somente a primeira parte do dito Edital poderá ter execução em todas as comarcas infestadas pelos salteadores; os habitantes dellas não se podem ali conservar na indifferença, por quanto os que assim se portão são auxiliares

---

(1) Chronica Maranhense n.<sup>o</sup> 182, de 2 de Novembro de 1839.

dos rebeldes, ministrando aos facciosos todos os soccorros de que podem dispor afim de salvar das garras de tal gente a maior quota de suas propriedades.

A segunda parte porem do Edital não pode ser levada á execução sem grande restricção.

Pela sua leitura se infere que V. S.<sup>a</sup> quer estender as medidas, que ali determina, desde a foz do Itapecurú até suas cabeceiras, por espaço de muito mais de cem legoas, habitadas por numerosa quantidade de populosas fazendas.

Sei á vista do que verbalmente me communicou em 31 do mez ultimo, que tal não era sua intenção. Convem isto mesmo declarar, o desde já deve-o V. S.<sup>a</sup> faser, limitando as disposições de que trato somente a logares taes como Pai Simão, e S. Miguel, onde toda, ou quasi toda a população se acha sublevada, e que investidas pelas nossas tropas desapparecem os habitantes: retiradas porem as forças legaes immediatamente reapparecem os moradores em grupos armados, infestando as margens do rio, e commettendo todos os horrores.

Convem não deixar de fazer notar a V. S.<sup>a</sup> a maneira extraordinariamente acerba com que exprimio sua indignação contra os salteadores, que tantos crimes praticam no interior da Provincia.

Em acto do combate, emquanto com as armas nas mãos oppoem resistencia ás nossas forças, feras são sem duvida, e como taes devem ser tratados, e levados a ferro e fogo: logo porem que deixão de offerecer resistencia, e que são capturados, devem ser entregues á justiça, e como homens, posto que altamente criminosos, serão tratados como taes, e punidos segundo a Legislação em vigor.

Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Maranhão em 4 de Novembro de 1839.—*Munoel Felisardo de Souza e Mello*.—Senr. Tenente Coronel Francisco Sergio de Oliveiro.

Produzio a mais agradavel e salutar impressão no espirito publico este acto do administrador da provincia, pelo qual, em grande parte, se restringiam, ou pelo menos se amenisavam, mui-

las das medidas consideradas impraticaveis, e que constituíam o celebre edital de 26 de Outubro de 1839.

Transcrevendo-o em sua edição de 8 de Novembro d'aquelle mesmo anno, e apreciando-o em eloquentissimos artigos, como só elle os sabia traçar, dizia o redactor da "Chronica," referindo-se a este officio:

Fica transcripto no presente numero o officio em que S. Exc. o senhor presidente da provincia modificou consideravelmente o sanguinario edital do senhor commandante das forças.

Este acto do nosso primeiro administrador, revelando-nos ainda mais uma vez as boas intenções de que elle se acha animado, prova tambem muito claro que S. Exc. tem demasiadas condescendencias com o commandante das forças, cujos actos errados e criminosos como este, nunca reprova abertamente, senão com meias censuras e circumlocuções.

Ficou aprovada a primeira parte do edital em que se convoca toda a população do interior ás armas.

Já dissemos que essa medida, reclamada pela necessidade era de toda a justiça; entendemos até que se deve empregar a força para obrigar os tibios e remissos ao cumprimento dos seus deveres, e a um serviço em que está a salvação de todos, e a delles propria.

O que não vemos porem é a razão porque se ha de confundir com rebeldes a indifferentistas e remissos, medindo-se assim pela mesma bitola, o crime de insurreição contra as leis, de roubo, incendio e morte, com a simples desobediencia e repugnancia para o laborioso serviço das armas, repugnancia alias aconselhada pelo receio que tem os lavradores de que os seus bens sejam estragados pelos rebeldes, logo que estes saibam que elles os estam combatendo com as armas na mão.

O que não vemos é a razão porque se ha de confundir com rebeldes os mesmos cidadãos que elles opprimem, e que existem em territorio onde ainda não chegou o auxilio do senhor commandante das forças, e onde nem sequer chegarão os seus editaes.

Ah! é tam certa e tão horrivel a oppressão em que ge-

mem os nossos concidadãos do interior, que ainda sem o menor soccorro, e atravessando por immensos perigos, os de Caxias, Brejo, e Tutoya restauráram o regimen legal; mas tivemos a dor de ver que muitos dos de Caxias acabam de ser victimas da sua generosa ousadia, e dá incrível apathia do senhor commandante das armas!

Quanto a segunda parte, S. Exc. entende que não devem ser arrasadas *todas* as fazendas de *toda* a margem direita do Itapecurú, mas tam somente as dos logares continuamente infestados pelos rebeldes, como S. Miguel e Pae Simão.

Nós porem perguntaremos que culpa tem os lavradores desses logares das correrias dos rebeldes? e sobretudo, que fructo poderá vir do arrasamento das suas propriedades?

Não é claro que, estragadas as fazendas de um logar, os rebeldes o abandonarão de todo, e irão fazer as suas correrias em outros, pecando assim a determinação de S. Exc. pela mesma falta de logica que a do senhor commandante das forças, pois se for assolada toda a margem direita do rio, os rebeldes passarão para a esquerda, onde encontrarão terreno favoravel para a casta de guerra que fazem?

S. Exc. reprova finalmente a expressão *extraordinariamente acerba* com que o senhor commandante das forças ameaça de tractar os rebeldes como feras, porque supposto elles sejam feras, quando assassinam e roubam, e como taes seja licito tractal-os, em acção de combate, levandó-os a ferro e fogo, comtudo, depois de presos, só as leis devem punil-os.

A isto advertiremos :

1.º Que levar o inimigo a ferro e fogo nos combates, não é o mesmo que tractal-os como feras;

2.º Que não é aos rebeldes a quem o senhor commandante das forças faz essa barbara ameaça, senão aos pacíficos lavradores que não mudarem as suas fazendas.

Para justificar esta tremenda decisão, sabemos que se cita n os exemplos de outras nações, onde para se vencer o inimigo ha-se mistér assolar uma grande porção do paiz, e o mais famoso desses exemplos é o da Vendée, em França. Mas para

que o argumento procedesse, seria necessario provar a perfeita igualdade de circumstancias, que tinhamos combatido ha annos sem fructo, e derramado rios de sangue em renhidas batalhas, e é isso justamente o que por ora não tem acontecido com o senhor commandante das forças, que tem levado o mais do tempo em recados e mensagens aos rebeldes, em marchas e contra-marchas, sendo que ás do inimigo são superiores as nossas forças, tanto em numero como em disciplina, devendo-se tão somente á extrema morosidade das operações a existencia do grosso bando rebelde que hoje ameaça o Munim, e que se ajunctou aos poucos desde principios de Setembro.

Se a razão, a utilidade publica, e os exemplos não justificam a medida, é certo tambem que não ha lei, nem ordem alguma superior em que se ella funde.

Ouvimos fallar em insinuações do ministerio a tal respeito; mas a verdade é que nos jornaes ainda não appareceu outra cousa mais que uma ordem do ministro da guerra *para que se tolhesse aos rebeldes todas as vias de communição e commercio*, e disso para o arrasamento das fazendas vae grandissima distancia.

Emfim, S. Exc. annullou o que havia de mais extravagante e criminoso nesse celebre edital, mas nem por isso quiz deixar de condescender com o commandante das forças, com quem alias se tem querido identificar em outros factos, e cujo proceder, ao que parece, tem sempre querido desculpar, pois que nem ao menos tem feito publicar as suas ordens contra as *Senhorias* dadas a ignobeis chefes de assassinos, e sobretudo contra a demora dos soccorros á infeliz Caxias.

Cremos porem que apesar da delicadessa da sua posição, e da deferencia com que quer tractar uma auctoridade d'aquella ordem, o nosso illustrado administrador não consentirá que se faça o menor insulto aos lavradores, e temos por sem duvida que em particular terá dado as convenientes instrucções ao senhor commandante das forças.

O que é porem muito urgente, é que S. Exc. se convença de que não deve confundir-se n'uma mutua responsabilidade com o commandante das forças, hoje muito desconceituado na

opinião geral de ambos os partidos, porque nisso vae o interesse da sua propria reputação, e sobretudo o da provincia, que deverá necessariamente soffrer com o descredito do seu primeiro administrador.

Citaremos a este proposito um facto.

E' immensa a reputação de que justamente goza o senhor major Falcão, como militar bravo, intelligente, e probo; os seus serviços nesta guerra, antes do ataque das Areias, eram superiores a todo elogio; nessa jornada fez elle prodigios de valor, e recebeu tres feridas.

Ora pois, sabe-se que o senhor commandante das forças censurou-o no officio em que dava conta do successo, afim de roubar a gloria do dia para seu cunhado Ernesto.

O senhor presidente da provincia não consentiu em tal injustiça, suprimiu o officio; mas pelo seu espirito de condescendencia, por não querer contrariar abertamente o chefe militar, callou-se, e pela primeira vez vimos prodigalisar elogios a todo o mundo sem declarar-se o feito, com a notavel circumstancia de serem os elogios dados á tropa que não havia combatido, guardando-se um morno silencio até acerca daquelles que haviam perecido gloriosamente.

Facto inaudito, e tam manifestamente desaprovado na Corte que os ministros não só o promoveram a maior posto, como deram os mais subidos louvores ao nosso comprovinciano.

Ora S. Exc. não era de todo poupado nos clamores que contra o commandante das forças se ergueram por tal motivo.



## LIVRO XI

**SUMMARIO:**—Últimas operações militares effectuadas na administração do presidente Manoel Felisardo, durante os mezes de dezembro de 1839 e janeiro de 1840.—Os rebeldes, em numero superior a 300 homens, acampados na Fortalesa, junto ao Coroatá, são atacados e derrotados no dia 10 de dezembro por 230 legalistas.—Occupação da Miritiba pelo capitão João Luiz de Castro e Gama.—A villa da Tutoya é abandonada pelo seu restaurador, o cidadão João Nogueira Barata.—Grandes serviços prestados, na destruição dos rebeldes, por este patriota e pelas forças combinadas do capitão Pedro Paulo de Moraes Rego, e capitão-mór Valerio Alves de Souza.—Occupação do Codó pelas forças legaes.—Pequenas explorações feitas por partidas da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> brigada; apresentação, em Palmeira Torta, de 320 pretos pertencentes aos rebeldes; e resultado de duas expedições enviadas pelo major José Thomaz Henriques.—Serviços prestados pela columna do Norte pertencente ás forças do Piauhý.

De accordo com o programma traçado, e até aqui observado, daremos, neste e nos dois Livros seguintes, a narração das ultimas operações militares realisadas no governo do presidente Manoel Felisardo, durante os mezes de dezembro de 1839 e janeiro de 1840, os ultimos de sua honesta, mas infeliz administração.

No dia 10 de dezembro d'aquelle anno, uma força rebelde, maior de 300 homens, acampada na Fortalesa junto ao Coroatá, foi inopinadamente atacada por 230 legalistas, commandados pelo capitão Ernesto Emeliano de Medeiros, parte do 3.<sup>o</sup> batalhão ex-

pedicionario, e parte do destacamento do tenente Francisco Affonso Xavier Bastos.

Durou o fogo mais de uma hora, abandonando os rebeldes o campo com dez mortos, no numero dos quaes um official e um commandante.

Entre os prisioneiros que se lhe fizeram, nesse e nos seguintes dias, e que chegaram a desaseis, contava-se o grande salteador José Mauricio Cutrim.

Este famigerado facinora, fugindo, procurava embrenhar-se nos proximos mattos, quando foi atravessado por uma bala da sentinella que o guardava.

“Se não teve a justiça um completo desagravo, diz um documento d'aquelle tempo, (1) fazendo punir com toda a severidade e formalidade o réo de tão atrozes crimes, ficou ao menos a humanidade livre de um dos maiores monstros que tem feito apparecer a presente lucta.”

Dos nossos foram feridos onze, sendo destes, tres gravemente.

Distinguiram-se muito neste ataque os tenentes coroneis Severino e Francisco Dias Carneiro, o mencionado tenente Bastos, e os alferes Antonio Raimundo de Souza, Raimundo Remigio de Mello e Theophilo Lopes da Costa, os quaes todos, affrontando com valentia o perigo que os rodeava, souberam firmar a victoria nas fileiras da legalidade pela acertada execução do plano habilmente concebido.

Por aquelles mesmos dias, sob o commando do capitão João Luiz de Castro da Gama, sahiu do acampamento do Icatú uma força para occupar a Miritiba.

Prevenidos deste movimento, uniram-se os rebeldes a alguns facciosos, e emboscados esperáram todos a expedição, apresentando bastante resistencia; mas não poude o fogo inimigo diminuir o valor das forças da legalidade, que por fim destroçaram aquelles, infligindo-lhes não pequena perda, ficando, entretanto, dos nossos, alguns soldados gravemente feridos.

(1) Ordem do dia da presidencia de 31 de Dezembro de 1839.

Portáram-se briosamente neste ataque as forças de mar que, sob o commando do 1.º tenente Secundino de Gomensoro, foram coadjuvar os esforços das de terra.

Enquanto assim corriam as cousas pelo Coroatá e Miritiba, procurava o cidadão Joaquim Antonio Gomes da Silva, que então exercia o cargo de juiz municipal, e interino de direito, da Tutoya, restabelecer a confiança e a coragem nas familias e auctoridades judiciarias; ha muito d'ali foragidas, convencendo-as a umas e outras, da necessidade de recolherem-se á villa; ás primeiras, que lá tinham suas fortunas, para arrecadarem o que ainda lhes restasse de seus bens; ás segundas, para firmarem, de vez, o imperio da lei.

Esta infeliz villa, de cuja restauração já demos noticia n'um dos Livros anteriores, não podendo pela grande falta de munições, e pequeno numero de defensores sustentar-se por muito tempo, foi, pelo seu restaurador o capitão Barata, abandonada, não sem haver elle primeiro posto a salvo as familias nas ilhas circumvisinhas, indo em seguida elle proprio acampar na povoação das Carnahubeiras, onde a 4 de Novembro fôra cercado por mais de 300 rebeldes.

Auxiliado, porem, pelo prestante prefeito da Parnahiba, o coronel Miranda Osório, com munições e algumas praças conseguiu, depois de seis dias de fogo, dispersar os salteadores, tendo-lhes feito 23 mortos, alem de muitos prisioneiros feridos.

Dos rebeldes fugidos, apresentáram-se na Parnahiba, uns; desanimados, procuráram suas casas, outros; encaminhando-se os restantes para o Iguará, soffrendo a legalidade apenas o prejuizo de 8 feridos, dos quaes 2 gravemente.

Colhida esta pequena victoria, começou o capitão Barata, agora mais desafogado, a fazer explorações por ambas as margens do Parnahiba, extendendo-as até Mariquitas, São Pedro, e Arêas, batendo nellas os grupos de rebeldes que ia encontrando, e causando-lhes o estrago de alguns mortos e feridos.

Destruio mais todas as trincheiras e aquartelamentos rebeldes existentes em uma e outra margem do rio; tomou-lhes a misera bagagem composta de redes, surrões, dez armas e quarenta cartuchos, farinha, carne secca, etc.

A 14 de Dezembro, as forças reunidas do capitão Pedro Paulo de Moraes Rego e capitão-mór Valerio Alves de Souza, que elevavam-se a mais de 700 praças, ainda que mal armadas e municadas, haviam, não obstante, obtido já não pequenos triumphos para as armas da legalidade.

Uma partida de 200 praças do batalhão provisório, do commando do capitão-mór Valerio, unida a 100 da do capitão Pedro Paulo, bateu e dispersou os rebeldes em Nasareth, perdendo estes, além de um cabo bem armado, muitos feridos, como o indicava a grande copia de sangue encontrado.

Era commandante dos rebeldes n'esse ponto o facinoroso Pedregulho, que assassinado foi depois pelo intitulado coronel commandante em chefe Pedro Alexandrino dos Santos, pagando assim seus horrorosos crimes ás mãos de outro assassino.

No dia 8 desse mesmo mez, uma outra partida, forte de 480 praças, commandadas pelo capitão Pedro Paulo, atacava os rebeldes em suas trincheiras das "Arêas," á pequena distancia do Brejo, conseguindo os nossos, depois de tres horas de vivissimo fogo, ficarem senhores do campo, matando-lhes 9 homens, e ferindo-lhes mais de 40, dos quaes a maior parte gravemente.

Tiveram as forças da legalidade a lamentar a perda de 3 mortos, entre os quaes o alferes do extincto regimento de milicias de Caxias, José Adriano Gonçalves da Igreja, 11 feridos e 5 extraviados.

Todas ou quasi todas as honras desta jornada, força é confessal-o, devem-se ás boas disposições do commandante da partida, de combinação com o major do 2.º batalhão das guardas nacionaes do Burity, Domingos da Costa Lima, e Leonardo José de Lima, bem como ao capitão-mór Valerio e aos valentes do batalhão provisório, unicos que, além do alferes Igreja, soffreram o fogo rebelde.

Batidos nas "Arêas," tiveram ainda os rebeldes o arrojo de se apresentar em frente da villa do Brejo, quando descansavam as forças das fadigas do ataque, mas desappareceram immediatamente tomando direcções diversas.

Constando ao commandante em chefe das forças expedi-

cionarias a existencia no Codó, de 200 rebeldes, além de mais de 40 feitores de fazendas que entre elles se achavam detidos, e só esperavam pela approximação das tropas legaes para se lhes reunirem, mandou ao capitão Ernesto Emeliano de Medeiros que fosse em pessoa occupar aquella villa, o que com effeito teve lugar a 25 desse mesmo mez.

Nesse dia, tomados os pontos principaes e a retaguarda do inimigo, principiou o combate aos primeiros alhores do dia, extendendo-se pouco além das seis horas da manhã, quando abandonaram os facciosos a villa, deixando 2 mortos, 3 prisioneiros, 400 cartuchos, 12 armas de diferentes adarmes, uma boa quantidade de chumbo, balas, polvora, pederneiras, e parte da bagagem.

Depois d'esta acção, a cavallaria commandada pelo tenente coronel Francisco Dias Carneiro perseguio até o Bom Jesus aquelles dos sediciosos que haviam conseguido escapar á primeira retrêga, e ali carregando denodadamente sobre elles, poz-lhes, em poucos momentos, fóra de combate 6 mortos e 3 prisioneiros, recolhendo em seguida 12 armas com 3 canoas carregadas de despojos e mulheres, entre as quaes a do commandante d'aquelle ponto, Raimundo Antonio de Amorim.

Distinguiram-se nestes dois encontros com o inimigo: o capitão Ernesto Emeliano de Medeiros; os tenentes coroneis Francisco Dias Carneiro, e Severino Dias Carneiro; os capitães Francisco José Viana, e Francisco Raimundo Quadros; tenente Francisco Affonso Xavier Bastos, Fernando Antonio Carneiro, e Honorio Pereira de Burgos; alferes Antonio de Sampaio, e Theophilo Lopes da Costa.

Entretanto, da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> brigada sahiam partidas exploradoras que iam colhendo bem bons resultados para a causa da legalidade.

O tenente Cabral, pertencente a 2.<sup>a</sup>, extendia já as suas explorações até além da Chapadinha, e voltando pela estrada de Caxias, batia alguns pequenos grupos rebeldes que encontrara; o major Borralho, da 1.<sup>a</sup>, destroçava por aquelles mesmos dias uma outra partida de rebeldes, matando-lhes um, e tomando-lhes espingardas, espadas, cartuchos cavallos, etc.

A 24, ainda desse mesmo mez, apresentavam se ao commandante do ponto "Palmeira Torta," 320 pretos, dos que andavam errantes pelos matos, ou insurreccionados, e unidos aos rebeldes.

Uma expedição de 100 praças, sob o commando do major José Thomaz Henriques, explorando as fazendas de Santo Antonio do Morro, Piqui, e Paraiso, encontrou-se nesta ultima com um grupo de pretos com quem teve de sustentar vivo fogo, sendo o mesmo grupo disperso, e soffrendo as forças legaes a perda do soldado de caçadores de montanha, Casimiro Pinto de Almeida, que, prisioneiro dos rebeldes, se havia apresentado na Vargem Grande, ha pouco menos de um mez.

Uma outra partida de 60 praças, sahida do acampamento de Itapecurú-merim para o Gaiola, bateu, nos dias 18, 19 e 20, as mattas circumvisinhas, aprehendendo tres armas finas, muitos arcs, flechas, dois cavallo, sete escravos, uma mulher livre, dez crianças, tres escravas e um pardo livre.

Neste ultimo fogo, teve uma das pernas varada por uma bala o facinoroso preto Cosme quando, á testa de cento e tantos dos seus sequases, com uma furia e audacia admiraveis, atirava-se sobre 30 soldados nossos, habilmente commandados pelo tenente Barbosa e segundo tenente Fonseca.

Havendo corrido no acampamento da columna do Norte, no Estanhado, a noticia de que os facciosos em grande numero atravessavam para a provincia do Piauhy, na feitoria denominada Matapasto, partio rapidamente o capitão Antonio de Souza Mendes, commandante da mesma columna, com 180 praças para batellos; mas verificando-se a falsidade desta noticia, seguiu somente com 4 homens para o ponto de Santo Antonio.

Ahi chegando, achou o ajudante Victor de Barros e Silva que havia sido ferido no ataque do Cruzeiro, nesta provincia, quando seguia em auxilio da força commandada pelo tenente coronel José Dias Carneiro, que occupava o ponto do Bariti-Cortado.

Neste fogo tiveram as forças da legalidade 1 morto e 6 feridos por 11 mortos que teve o inimigo, e maior seria a derrota

deste, que já havia dado as costas, se não fóra ferido o commandante das tropas legaes.

O mesmo tenente coronel Carneiro, deixando a posição que occupava, veio com as forças sob seu commando encorporar-se ás do mencionado ajudante, batendo no dia 12 pelas 10 horas da manhã os rebeldes, distante tres leguas do dicto ponto de Santo Antonio, e fazendo-lhes 5 mortos, afóra os feridos, que nunca era possivel saber-se ao certo, porque sempre fugiam com elles ás costas.

## Livro XII

**SUMMARIO:**—Continuação do precedente.—Officio do juiz municipal da Tutoya relatando diversos successos occorridos n'aquella villa e circumvisinhanças, e reclamando algumas providencias.—Retirada do "Barro Vermelho".—Derrota dos rebeldes pelas forças legaes no logar "Maravilha".—Nova apresentação de 300 rebeldes, entre os quaes se contavam José Joaquim da Silveira e Manoel Machado Vieira Violete, membros da junta provisoria de Caxias, e Bernardo Antonio da Silveira e João Antonio Dias de Lima, commandantes de quadrilhas.—Verdadeiro estado da provincia ao começar o anno de 1840.—Pequenas explorações feitas no Icatú e Miritiba.—Os rebeldes em numero superior a 200 homens são surprehendidos e batidos na fazenda "Guanaré Grande".—Acontecimentos mais notaveis occorridos na comarca de Pastos-Bons.

Continuando na capitulação dos successos mais importantes, relativos a rebellião, occorridos no interior da provincia durante o mez de dezembro, deparamos em primeiro logar com um officio, em que pintando o seu signatario, o juiz municipal da villa da Tutoya, o estado lastimoso d'aquelle municipio, reclamava do presidente as providencias que julgava urgentes, não só para a segurança, mas ainda para a pacificação de grande parte d'aquelle extenso territorio. O officio a que nos acabamos de referir dizia assim :

*Illm. Exm.º Senr.*

Bem certo de que V. Exc. está ao facto de ter-se acclamado a legalidade na villa da Tutoya pelo povo e tropa da mes



ma villa commandada por João Nogueira Barata, e que n'aquelle districto a dita tropa tem sustentado as armas da legalidade batendo os malvados rebeldes até o fim do seu termo, pela margem do rio Parnahyba, pois o prefeito deste municipio de tudo deve ter intelligenciado a V. Exc.

Eu aqui me tenho conservado depois que fui á ilha proxima a Tutoya, onde se achavam refugiadas as familias d'aquella mesma villa e a guarnição de povo armado, a quem fiz ver a inteiresa de V. Exc., e o dever sagrado que todos temos de sustentar a legalidade e o governo legitimo; e persuado-me que os povos reunidos hoje pela legalidade são firmes, não só por terem dado provas nos combates que os mesmos tiveram com os rebeldes, como por estarem convencidos de que o governo legal é quem garante os direitos de S. M. I. e Constitucional.

Os rebeldes animados pelos filhos do finado Joaquim Diniz Pereira de Castro a pouco acabão de arrasar a infeliz villa da Tutoya que deixáram em um estado o mais desgraçado possivel, e conhecendo eu a necessidade de irem para dentro da mesma villa as auctoridades judiarias, e proprietarios que alli tinham suas fortunas para arrecadarem alguns restantes de seus bens, tenho tencionado convidal-os para esse fim, e todos reunidos com a tropa que commanda o dito Barata, pertencente a mesma villa, irmos fazer alli a reunião da dita força, e operar-se na melhor conformidade, pois tambem lembra-me que praticando-se assim não só se anima a tropa legal como aproveitaremos a presença das pessoas alli estabelecidas, para chamarem á ordem alguns rebeldes pouco aferrados ao partido malvado: julgo ser de urgente necessidade para segurança d'aquelle municipio que V. Exc. mande fundear na barra da Tutoya um barco de guerra, e este que nos traga o soccorro de farinha, armamento e munição possivel, e caso V. Exc. possa dispensar tambem alguma tropa commandada por um bom official, e uma peça de campanha com a precisa munição e artilheiros, grandes vantagens tirará a legalidade; e persuado-me que com esta providencia se pacificará grande parte d'aquelle territorio.

Os povos mais rebeldes são os habitantes das margens dos

rios Preguiças, Magú, das Chapulas: por isso é vantajosa a marcha de algumas forças de Miritiba para Tutoya, vindo pelas Preguiças afim de derrotar e capturar os influentes rebeldes.

Os legalistas da Tutoya até hoje, reunidos os emigrados que estão nesta villa, montão a 200 homens.

Precisa-se auctorisação de V. Exc. para compra de gados e mais necessario para sustentação e transporte das tropas. O prefeito desta villa com desvello se tem prestado com alguns soccorros bellicos para nosso municipio, e se não fosse a sua grande energia e protecção os tutoyenses tinham sido victimas da anarchia e a legalidade succumbida. Espero que V. Exc. attenda a esta minha requisição, filha do grande desejo que tenho de ver quanto antes restaurado o socego que infelizmente perdemos, e o imperio da lei na nossa provincia, na certesa de que as ordens que V. Exc. se servir dirigir eu serei incangavel em as cumprir e fazer executar.—Deus Guarde a V. Exc. por muitos annos.—Parnahyba, 24 de dezembro de 1839.—Hlm.º Exm.º Sr. Presidente da Provincia do Maranhão, Manoel Felizardo de Souza e Mello.—*Joaquim Antonio Gomes da Silva*, juiz municipal e interino de direito da villa da Tutova.

A 25 desse mesmo mez officiaua o commandante da 2.ª brigada, major José Thomaz Henriques, ao commandante em chefe das forças expedicionarias, inteirando-o da retirada que do “Barro Vermelho” em boa ordem fizera o tenente do 2.º batalhão expedicionario, Sebastião Lopes Guimarães, o qual com sós 70 praças sustentou por espaço de tres horas o fogo de mais de 300 rebeldes, que tiveram a perda de 4 mortos e muitos feridos, sendo insignificante o prejuizo das forças legaes.

A 27, mais uma victoria veio assignalar ainda as armas da legalidade:

Uma partida de 170 praças da 2.ª brigada, commandada pelo mui valente tenente Manoel Ferreira Cabral, desbaratou e poz em fuga a 400 rebeldes no lugar denominado “Maravilha.”

Estes malvados, que tinham ficado senhores do “Barro Vermelho” e “São Raimundo,” com a retirada, no dia 25, do destacamento de 70 praças, segundo ja ficou dicto atraz, receberam

o ataque das forças legais com grande intrepidez e extraordinária audácia; apresentáram-se a peito descoberto, e tendo o fogo começado ás 9 horas do dia, só veio a cessar ás 2 horas da tarde.

A' essa hora debandando-se os fúcciosos, perseguiram-nos as tropas legais com muito valor até o referido lugar São Raimundo, não sendo possível adiantarem-se mais em seu seguimento pelo cansaço que já as prostrava, que sem terem comido desde o principio do dia haviam caminhado oito leguas, e sustentado cinco horas de renhido combate.

Neste dia, de lucta verdadeiramente titanica, tornou-se a força legal credora dos maiores encomios, atacando e sustentando o choque dos rebeldes que procuravam por mil modos cercal-a, salientando-se d'entre tantos, pela sua bravura e calma durante a acção, o tenente Cabral, commandante da partida, os alferes Francisco José do Rosario, Joaquim Guedes de Quinhones, ajudante João Gonçalves da Silva, do 1.º batalhão pernambucano, João Mariano Cavalcante de Albuquerque, do 2.º, e tenente Conrado José de Lorena Figueredo, da companhia de artilheria d'aquella provincia, bem como o sargento quartel-mestre João Augustô Cesar de Almeida, e os segundos sargentos André Accioli Pinheiro, já conhecido pela coragem que, poucos dias antes, desenvolvera no Barro Vermelho. Antonio Domingues, Antonio Joaquim Ramos e Procopio Antonio Rodrigues.

Perdeu a partida legalista um soldado e teve oito feridos, quatro dos quaes gravemente; o inimigo deixou no campo 6 mortos, e pelos numerosos vestigios de sangue que se foram encontrando conheceu-se não ser pequeno o numero dos seus feridos.

Em seguimento a esta victoria começou o destacamento do "Gaiola" a fazer explorações pelos lugares Thoá, Camapú, lagoa Properi, Bomfim e Agua-Fria, que achou despídos de rebeldes, parecendo estar dissolvida, ou pelo menos haver-se retirado para outra parte a remião de escravos que neste ultimo lugar existia.

De 23 para 20, ao amanhecer, em uma fazenda junto a Pirapemas, por uma escolta do destacamento deste lugar, enviada pelo respectivo commandante, José Feliciano Cardoso, foi ainda batido um grupo de escravos, ficando feridos tres.

Vivamente perseguidos pelas forças da legalidade viam-se os rebeldes reduzidos a implorar a clemencia do vencedor.

Apresentados no acampamento do Codó, existiam já, nos ultimos dias de Dezembro, cerca de 300, entre os quaes contavam-se José Joaquim da Silveira, Manoel Machado Vieira Violete, membros da junta provisoria de Caxias, Bernardo Antonio da Silveira, e João Antonio de Lima, commandante de quadrilhas. Os que com as armas na mão defendiam ainda a causa do roubo e do assassinato, soffrendo continuadas derrotas, iam minguando; e os incendios, com que em Agua-Fria, Bomfim, Barro Vermelho, e São Raimundo se tinham vingado das repetidas victorias dos valentes legalistas, pareciam denotar os ultimos arrancos da lucta fratricida que, ha um anno, ensanguentava o Maranhão!

Tal era o estado da provincia ao cahir dos ultimos dias do anno de 1839!

Se, com effeito, por um lado, consolava ver a revolução ir perdendo em forças e elementos pelas vantagens conquistadas pela legalidade; á custa de grandes e penosos sacrificios, batendo constantemente essas grandes massas indisciplinadas; por outro, como a Phenix da fabula, renascia ella das suas proprias cinzas. A rebelião estendia se ainda a toda a provincia, contagiando as limitrophes, ou antes, como mui acertadamente diz o Dr. Magalhães, hordas devastadoras do Piahy e Ceará se passavam para o Maranhão, e as d'aqui para quellas provincias.

A segunda capital da provincia, Caxias, n'uma attitude desesperadora, gemia ainda sob o peso da rebeldia; seus filhos, sem lar e sem abrigo, foragidos ou expatriados, appellavam, em vão, para um governo que sentia-se impotente para soccorrel-os.

Immensas eram ainda as forças de que dispunham os rebeldes na comarca do Brejo.

O municipio da Tutoya estava tambem, em grande parte, occupado por elles; e na Chapadinha e outros pontos, por muito que se rebaixasse o seu numero, não haveria talvez menos de 1:000. Se a estes se ajuntassem os grupos que infestavam a Miritiba e o Preá, que posto pertencessem á comarca do Itapecurú, tinham facil communicação com a Tutoya, e por lá para o Brejo, veremos que as forças para esse lado eram avultadissimas.

Accresce a tudo isto que tinha já entrado a estação das chuvas, tendendo o inverno a tornar-se rigoroso.

As forças da legalidade, acampadas na Sapucaia e Reparação, soffriam grande penuria, tanto de farinha, como de roupas e medicamentos, sendo alias não pequeno o numero dos doentes.

Não era menor a falta de armamentos e munições, e os principaes cidadãos ali reunidos, e que com tantos sacrificios e perigos haviam organizado aquella força, clamavam a grandes brados por soccorros.

Poder-se-ia imaginar nada de mais triste, mais sombrio, e mais desolador? Em condições taes, a quem seria dado prever o desfecho de semelhante lucta? Pois tal era o quadro que se desenrolava aos olhos de todos nos primeiros dias do 1840.

Mas, continuemos com a nossa narração, por momentos interrompida.

Sahindo do acampamento do Icatú, sob o commando do major Borralho e tenente Sudré, uma partida, com o fim de explorar pelo lado da Ribeira e seus contornos, recolheu-se no dia 6 de Janeiro, conduzindo 11 presos, 5 armas, 1 patrona, 3 cavallos, porção de roupa vermelha, e chapéus com o distinctivo de que usavam os facciosos. Teve esta partida de cercar de noite uma casa onde constava haver não pequeno numero delles, mas logo que presentiram a chegada da força legal, deitaram a fugir por uma porta em que acabava de postarem-se 10 soldados que lhes fizeram fogo, resultando d'ahi a morte de 4 e o ferimento d'alguns desses bandidos.

A 8, sahindo do acampamento de Miritiba a fazer explorações o bravo alferes Manoel José dos Santos Amaral, com uma escolta pertencente a 1.<sup>a</sup> brigada, a cousa de uma legoa, no lugar dos Tocuns, foi atacado pelos rebeldes a quem repellio e perseguiu pelo espaço de 4 leguas, matando-lhes seis, ferindo-lhes muitos, e tomando-lhes oito animaes, armas e bagagens. Quando se recolhia a escolta dispararam-lhe de dentro de uma matta alguns tiros, ficando nove homens feridos, entre os quaes o proprio commandante, alferes Amaral.

No dia 6, pelas cinco e meia horas da manhã, foi sur-

prehendida, na fazenda "Guanaré Grande," pelas forças em operações, uma grande horda de rebeldes, que, em numero superior a duzentos, e guiados pelos famosos assassinos Dionisio, Tempestade, Lamego e Pio, de tristissima memoria, vinham de Caxias, rio abaixo, atacar neste ponto as forças expedicionarias que se dirigiam áquella cidade.

Inteiramente desbaratados, fugiram os facciosos daquelle lugar onde se acoitavam, deixando 17 mortos e 5 prisioneiros, incluindo neste numero um intitulado major, por nome José Francisco Correia.

Emquanto tão bons resultados iam tendo estas operações pela margem direita do Itapecurú, na margem opposta, o tenente Bastos, unido ao tenente coronel Francisco Dias Carneiro, punha em debandada um grupo de malfeitos que, no dia 4 desse mez ousára esperal-os na passagem do riacho Coroatá, meia legua distante da fazenda São Roque.

Por cartas escriptas de Campo Largo, comarca de Pastos Bons, por pessoas fidedignas, em data de 5 de Janeiro, e recebidas na capital em fins desse mesmo mez, constavam algumas noticias d'aquelles sertões.

Contava já a legalidade cerca de 600 homens a seu favor, dispersos, porem, por differentes lugares, e não bem armados.

Os rebeldes tinham tambem differentes grupos, conseguindo o tenente coronel Diogo Lopes bater um no lugar do "Moquem," matando-lhes 10 homens, e ferindo 16.

O capitão Bento José Moreira partira com 140 homens a perseguir outro grupo que lhe havia assaltado e roubado a casa.

Raro tinha sido o estabelecimento d'aquella extensa comarca que não tinham os rebeldes roubado e destruido, matando muitos dos proprietarios e famulos.

A villa de Pastos Bons fora rigorosamente saqueada, como todas as outras povoações que tinham cahido em poder de semelhantes facinoras.

## Livro XIII

**SUMMARIO** :—Estado de defesa da povoação da Miritiba em 19 de janeiro de 1840.—Novas providencias tomadas pelo presidente sobre as canoas que navegavam para o interior da provincia:—Marcha do commandante das forças expedicionarias sobre Caxias; esta cidade é pela segunda vez restaurada do poder dos rebeldes.—Os rebeldes, em numero consideravel, sob o commando de Ruivo, são destroçados, na fazenda “Monteiro”, pelo tenente-coronel Francisco Dias Carneiro.—A entrada do commandante das forças em Caxias, é a “Chronica Maranhense”.—Ataque do destacamento do “Passo da Cruz”, na provincia do Piauhy, por forças rebeldes.—Operações realisadas na comarca do Brejo, durante o mez de janeiro, pelas forças ao mando do tenente-coronel Manoel Antonio da Silva, commandante em chefe das tropas do Ceará e Maranhão n'aquella comarca.—Encontro de forças legaes com rebeldes no logar “Anajá”.

Officiando ao commandante da 1ª brigada, tenente-coronel Favilla, sob cujas ordens operava, expondo o estado de defesa da povoação da Miritiba, dizia, em 19 de janeiro, o capitão João Luiz de Castro da Gama que, oito dias antes, fôra transferido para esse ponto: “O estado de defesa em que achei este logar é o seguinte: O campo que faz a face da campanha acha-se roçado em distancia de 69 passos; circula toda a povoação um mão entrincheiramente, com pouca segurança, o qual vou reparar. Pontos que os rebeldes occupão em nossas immediações pelo rio acima, ao lado da margem esquerda confrontando com a povoação do Piriá, ha- os os seguintes: 1º Ponto Guarnecido, com 90 rebeldes, entrin-

cheirados, distante d'aqui uma legôa; 2º Ponto, seguindo o rio Piriá da parte direita, no logar Tucuns, acham-se 60, em distancia de duas legôas; 3º no logar Mapary, denominado rampa, ha um piquete de 20. Julguei fazer esta pesquisa, necessaria dos rebeldes que mais recentemente se tem apresentado, conhecedores de taes reuniões, não restádo-me por isso duvida alguma que os rebeldes que hoje nos cercão não passão de 200. No dia 21 pretendo seguir a bater o 1º ponto e será, logo e logo, V. S. informado do que occorrer a respeito".

Considerando que os traficantes ou pequenos negociantes tinham sido em todo o tempo havidos como o flagello da ribeira do Itapecurú, pela grande desmoralisação que promoviam entre os escravos, incitando-os a furtarem generos para lhes serem dados em troca de aguardente, ou artigos, senão nocivos, ao menos de muito menor valor do que aquelle que pelos pretos clandestinamente lhes eram dados; considerando que homens de sentimentos taes, apesar de todas as medidas tomadas, eram capazes de conduzir polvora e outras munições de guerra para serem vendidas aos rebeldes; devendo empregarem-se todos os meios possiveis para evitar commercio tam damnoso, recommendou o presidente, em data de 23 de Janeiro, aos prefeitos das comarcas do Itapecurú-merim e de Vianna, e ao commandante das forças expedicionarias, que fizessem proceder aos mais minuciosos exames nas canoas que navegassem para o interior, observando aos commandantes dos pontos a que ellas aportassem que, sem escapar volume, fizessem com que nenhum deixasse de ser revistado, visto que da capital tinha ido polvora em garrafões, garrafas, e até dentro de barricas de bolacha. Como as pessoas em poder de quem fossem encontradas munições de guerra não podiam então dar-lhes outro destino que fornecel-as á rebeldia, e d'esta arte reanimal-a, determinava ainda o presidente que fossem ellas presas em flagrante, e que de todo o occorrido, com a maxima minuciosidade, desse logo parte às referidas auctoridades afim de poder o governo resolver como melhor entendesse.

Cabe-nos agora tratar da marcha do commandante das forças expedicionarias sobre Caxias, e da restauração, pela se-



gunda vez, desta cidade, do poder dos rebeldes. Relataremos pois, por miudo, os successos mais importantes desta jornada até a entrada ahí das forças legaes, facto este que teve logar a 23 de janeiro.

Na marcha que da fazenda Cascavel para a Limpeza fez, no dia 20, o commandante das forças expedicionarias, encontrou a guarda avançada da columna, ao mando do 1º commandante do corpo provisório do Codó, Honorio Pereira de Burgos, no logar "Gerimum", parte da bagagem do rebelde Thomaz Ricardo Lopes Amado, a qual mandou o chefe das forças conduzir, e inventariados os roubos, encontrados no bahú, por uma commissão composta do dicto commandante Honorio, do sub-prefeito Raymundo Alves da Cruz, e do capitão Quadros, fel-os dividir proporcionalmente pela soldadesca.

Chegados á "Limpeza" a 1 hora da tarde de 21, appareceu ali pouco depois uma partida de rebeldes commandados pelo Tempestade, a qual deu tres tiros, proximo ao acampamento, em um soldado que colhia genipapos, sahindo em perseguição delles dois piquetes, sob o commando dos alferes Sampaio e Coque, que os leváram de rojo a mais de legua de distancia.

Uma outra partida, sahida no dia 22 até a "Bocca da Mat-ta", prendeu um rebelde dos que no dia antecedente vieram com o Tempestade, e tomou tres armas. Constou nessa occasião que este chefe rebelde mandára matar, como já havia feito a outros, tres moços que se vinham apresentar, e bem assim que o preto Lamego e diversos outros caudilhos se achavam na barra da Gamelirinha.

Partindo da povoação da Limpeza na manhã de 23, e des-cançando na fazenda "Limoeiro", deu o commandante das forças, pelas 10 horas desse mesmo dia, entrada na cidade de Caxias, com a tropa sob seu commando. Pequena foi a resistencia apresentada pelos rebeldes, limitando-se ella apenas a um tiroteio que durou menos de hora, no qual não tiveram felizmente as forças legaes perdas a lamentar, e perdendo os rebeldes dois mortos, que foram encontrados no morro da Taboca, onde estavam, doze prisioneiros, e dois bacamartes que foram tomados.

Para chegar a tam feliz successo, diz o documento que temos a vista que é um officio do commandante ao presidente, muito concorreo a boa disposição do capitão Ernesto Emiliano de Medeiros na collocação da força de duzentos homens que, ao mando do tenente Bastos, fez postar na Tresidella.

Tanto das confissões d'alguns rebeldes prisioneiros, como dos dictos de legalistas homisiados, soube-se que tencionavam aquelles cercar as tropas expedicionarias. As forças de que dispunham então n'aquella cidade montavam a-tresentos homens commandados por Lamego, Ruivo, Dionisio, Croá, e Corrêa, emquanto que as da legalidade, inclusive o corpo provisorio do Codó, não excediam a quinhentas praças que, n'aquella occasião, mal bastavam para guarnecer uma cidade como Caxias que já não era pequena, tendo tanto a fazer com a Piassaba, e Iguará, e romper communicações com o Brejo e Parnahyba.

No dia 28, uma partida, commandada pelo tenente-coronel Francisco Dias Carneiro, conseguiu debandar a força consideravel dos rebeldes que, sob o commando do Ruivo, tinha fugido d'aquella cidade, e se achava reunida na fazenda "Monteiro", perdendo estes 18 mortos, e deixando 8 prisioneiros, 17 cavallos, 3 mulas, 12 bois, e toda a sua bagagem. Dolorosa foi para o inimigo esta derrota, pois entre os mortos contavam-se dois dos seus officiaes, e entre os prisioneiros um. Teve a legalidade apenas 1 soldado morto, e 16 feridos, sendo 9 levemente, inclusive o tenente de artilharia José Alves Pinto de Almeida. No dia 30, o alferes Sampaio com a pequena partida com que sahiu a explorar as paragens do Ouro, atacou os rebeldes no Bacabal, causando-lhes o prejuizo de 3 mortos e 3 prisioneiros.

Referindo-se a esta ultima operação militar, isto é, á entrada das forças legaes em Caxias, e em resposta a um artigo inserto em o supplemento ao n.º 14 da Revista, em que se liberalisavam louvores ao tenente coronel Sergio por este feito d'armas, assim se exprimia a "Chronica Maranhense:"

"A entrada do Senr. Commandante das forças em Caxias! Verificou-se enfim, mas depois de quasi seis mezes de viagem. Ah! e porque não teve lugar em Outubro, quando o cha-

mavam os gritos de desesperação dos infelizes que então restauraram aquellas ruínas!

Nesse tempo não havia mais difficuldades a superar na viagem, e ia-se ali encontrar uma força de 600 homens, que em pouco tempo duplicaria: quantas victimas se salvariam, quantos horrores se teriam evitado!

Mas enquanto a morte devorava a sua presa, cruelmente abandonada, o senhor Sergio descia para o Rosario com um batalhão; (onde nada mais fez do que dar salvas de alegria á chegada da sua senhora) ia ao Mirim observar o terreno, ia ao Icatú paralisar os esforços dos nossos bravos, e publicava o seu fazanhoso edital, em que ameaçava os lavradores de os tractar como feras, e de arrasar os seus estabelecimentos.

E como entrou elle em Caxias? apoz de um inimigo inferior em numero, que fugiu diante da guarda avançada, e que quatro dias depois foi completamente aniquilado pela pequena força do senhor Francisco Dias Carneiro. E para que tivesse logar esse aparato da entrada, com tães chefes como os senhores Sergio e Ernesto, deixou-se primeiramente ficar em Itapecurú-mirim o hoarado major Bezerra, que ha muito fôra detalhado para commandar a brigada de Caxias; e depois, estando ja a força legal proxima a cidade, não havendo obstaculo algum para a entrada, esteve-se em expectativa, para que pudesse chegar o commandante das forças, que queria entrar, como entrou, de estandarte arvorado, fazendo ordens do dia e proclamações. Mas toda essa mesquinha vaidade não reparou as ruínas da cidade demolida, nem deu vida aos mortos, em cujos cadaveres o senhor Sergio tropeçava, quando dizia aos poucos vivos que restavam, e qua certo se espantariam de taes palavras: *que aquelle dia seria um dos mais famosos da sua era brilhante!*

O Coque tambem entrou em Caxias, a par do senhor Sergio, que não lhe faltou com os costumados elogios; mas tambem o seu punhal não foi mais prolicuo que a proclamação; está perdida sem regresso a lança de Achilles que abria e sarava as feridas.

Uma das cousas dignas de notar-se é que entrando as

forças leaes em Caxias, em 23 de Janeiro, o governo não foi inteirado do successo senão em 10 de Fevereiro.

Qual seria a razão de demorar-se esta participação 18 dias na viagem?»

Emquanto á capital vinham chegando noticias destes successos, outros, não menos importantes, tinham lugar em diversos pontos do interior; desta e da provincia do Piauhy.

No dia 4 de Janeiro, ao amanhecer, foi atacado por grande numero de rebeldes o destacamento do "Passo da Cruz," composto de cento e tantos homens do tenente coronel Roberto Vieira Passos, e da povoação das Barras, coadjuvados pelo destacamento que para ali fez dirigir o capitão Pedro Paulo, que se achava prestes a partir na referida manhã.

Durou o fogo, vivo, por espaço de 12 horas, levando os acommettidos a melhoria, matando-lhes 14 homens, e tomando-lhes 15 armas, 1 carga de farinha, 1 de sal, e outra de algodão de que haviam feito trincheira os rebeldes, posto que tivessem fóra de combate 1 morto e 26 feridos.

Grande foi o valor com que se defenderam as forças da legalidade, nesta acção. O documento, que della trata, que é um officio do tenente coronel José Feliciano de Moraes Cid ao coronel Osorio, prefeito da Parnahyba, refere que, neste ataque, tiveram os bravos legalistas, no primeiro impeto, de lutar braço a braço, corpo a corpo, com as massas rebeldes que, em grande, os assaltavam, as quaes foram totalmente repellidas, sem que se tornassem precisos áquelles os reforços que de varias direcções lhes foram dirigidos, como de São Pedro ao pé do Estanhado, e da villa de Campo-Maior.

Emquanto as forças do Piauhy, estimuladas pelo exemplo do tenente coronel Moraes Cid, cobriam-se de louros no ataque do Passo da Cruz, uma columna de 540 homens, ao mando do capitão Pedro Paulo, que operava sob as ordens do tenente coronel Manoel Antonio da Silva, commandante em chefe das forças do Ceará e das do Maranhão na comarca do Brejo, puzha-se em marcha no dia 7, tendo por unico objectivo atacar os rebeldes na feitoria do "Martinho," pertencente ao tenente coronel Caldas.

Acontecendo, porem, infelizmente, que uma guerrilha de 6 praças, dessa força, espantasse no dia 8, com tiros, a uns vaqueiros, que da fazenda "Patos," á beira do Parnahiba, conduziam gados para a "Lagóa," residencia do chefe rebelde Pedro Alexandrino, e que fica ao centro, facto este que na noite desse mesmo dia foi sabido por todas aquellas circumvisinhanças, tratáram do se prevenir os rebeldes, já escondendo a bagagem e fazendo retirar as mulheres, já mandando, por espias, saber onde estavam acampadas a dormir as tropas leaes.

Sabedores de que estavam estas, approximadamente, a um quarto de legoa d'aquella fazenda, propuseram-se a esperal-as; e com effeito, na manhã de 9, mandando o capitão Pedro Paulo, por tres caminhos, que iam ter aos fundos e lados da casa, enguerrilhar 250 praças, atacou pela frente com o resto da força e artilheria, não encontrando um só tiro, nem um só rebelde em casa, pois estes não obstante terem nella feito muitos buracos para entrincheirados opporem resistencia, escapuliram-se, ao som da artilheria, pelas estradas enguerrilhadas e pelos mattos, perecendo nessa occasião cerca de trinta, inclusive 2 sargentos, que foram alcançados ao sahirem na chapada.

Suppoz o capitão Pedro Paulo que com este choque tratassem os rebeldes de se ausentar: enganou-se, porem, completamente, porque na guerrilha do lado direito da casa, em numero superior a 300, com tres commandantes, segundo informações de mulheres colhidas prisioneiras, apresentáram tam forte resistencia até a tarde, que lhe foi preciso mandar 100 praças pela retaguarda para desalojal-os.

Dahi em diante jamais cessa o fogo nos differentes pontos, onde appareciam constantemente em grupos, mais ou menos numerosos, sendo o mais avultado o da chapada que ficava a esquerda, atirando sobre as forças leaes, e procurando cercal-as, tornando-se então preciso mandar 200 praças que os bateram completamente.

Perdeu a legalidade nesse dia e no de 10, em que continuou o fogo, 2 praças e alguns feridos, dos quaes um veio a morrer.

Estando a 11, pela manhã, com tres dias de necessidade, principalmente de cartuchame e de munições de boca, porque depois de 7 não houve mais com que se arragoasse a força, á excepção de alguns pedaços de carne, e farinha que chegaria a 10 quartas da que se achou no "Martinho," e canna que foi sustento nos ultimos tres dias, foi o commandante da columna obrigado a se retirar com o designio de vir á "Repartição", suppondo que assim se debandariam os facciosos.

Estes, porem, em numero, ao que parecia, de 1500 ou mais, por se haverem juntado para o cerco todos os commandantes conhecidos desde o Brejo até abaixo de São Bernardo, perseguindo a pequena columna por todos os lados, atirando-lhe com armas grossas, fizeram ao capitão Pedro Paulo tomar a resolução de dirigir-se, de preferencia, ao ponto do "Morego," por ficar apenas á distancia de 4 legoas, e haver pelo caminho menos picadas, ao passo que o da Repartição, que estacionava d'ahi a 6 legoas, era todo coberto de matto.

Nesta marcha, de 4 legoas, por um terreno sem agua, de parceria com os ardores do sol e do fogo rebelde, tiveram as bravas tropas da legalidade que supportar, com a mais rara coragem, o terrivel martyrio da sede, até que chegando ao "Morego" pelas 6 horas da tarde foi-lhes dado deparar com um igarapé quasi de nado, que circunlava, á pequena distancia, aquelle ponto, que foi o mais forte apoio, porque enguerrilhados ahí alguns dos da legalidade, sostiveram estes, ainda debaixo de uma chuva que sobreveio, a furia dos rebeldes, enquanto passava toda a força e bagagem, sendo elles os ultimos a effectuar este movimento, já tarde, e auxiliados pelos negros de uma noite tempestuosa.

Não pequeno foi o numero dos que cahiram feridos nesta retirada, e em uma picada de meia legoa, onde estavam enguerrilhados, preciso tornou-se fazer fogo por alas, morrendo, não obstante, 2 cavallos, e ficando 3 praças feridas que com as do Martinho, e mortos, attingiram a 28.

Dos rebeldes foram encontrados nesta picada—4—, no campo—2—, inclusive um commandante, perfazendo com os do Martinho 30, afóra os feridos em numero consideravel.

“Eu seria ingrato, diz o capitão Pedro Paulo no officio que dirigio ao tenente coronel Manoel Antonio da Silva dando parte do resultado desses diversos ataques, e faltaria aos meus deveres, se não expoesse a V. S.<sup>a</sup> o que de heroicidade puseram em pratica alguns officiaes da expedição: distinguindo-se, sobre todos, o senhor Joaquim José da Silva Cabaceira, que sustentou todo o fogo da retaguarda com 25 praças; o tenente Thomaz José Pereira, que dirigio a linha direita na qual viram-se 6 mortos; o alferes Florencio Ribeiro de Britto, que dirigio muito bem a linha da esquerda, e ficou mandando a guerrilha com o Cabaceira que protegeo a passagem do igarapé.

Tambem cumpriram os seus deveres: o tenente Leonardo José de Lima que sahio baleado na perna direita, e o capitão Leandro José Alves de Souza que muito ajudou na retaguarda ao Cabaceira.” (1)

Sahindo no dia 11 de Janeiro, sob o commando do capitão João Nogueira Barata, do acampamento nas “Carnaubeiras,” uma expedição de 56 praças e 2 subalternos, afim de capturar um pequeno grupo de rebeldes que, segundo constava, andava a commetter desacatos contra as familias que ainda existiam nas visinhanças da Tutoya, e observar as posições do inimigo, encontrou-se com este em uma picada de um lugar denominado “Anajá.”

Apenas os rebeldes, que faziam o piquete avançado, sentiram a aproximação desta força, abandonaram o posto, deixando uma lasarina e duas patronas pequenas.

Seriam 5 horas da manhã de 14 quando, audazes, romperam sobre a tropa um bem nutrido fogo, que durou seguramente uma hora, sem que se pudesse conhecer o numero dos mesmos rebeldes, por estarem elles encerrados em um bosque bastante espesso, d’onde dirigiam com grande vantagem suas pontarias. A vista disto retirou-se a força, resultando deste tiroteio sahirem

(1) Fazia parte desta expedição como ajudante de ordens Joaquim Ferreira da Souza Jacarandá, que ha bem pouco tempo já reformado, aqui falleceu no posto de major.

feridos o commandante, capitão Barata, o alferes João Diniz de Almeida e 4 soldados, sendo gravemente o primeiro, julgando-se, pelos gemidos que se ouviam no matto, que muito maior deveria ter sido o prejuizo dos rebeldes.

“Sendo o commandante da referida expedição, pela sua bravura, digno de louvores, (diz o mājor Firmino José da Silva Braga na parte endereçada ao coronel Miranda Osorio prefeito da Parnahiba) não posso deixar de expressar a V. S.<sup>a</sup> que exorbitou da ordem que lhe transmitti, por ter excedido da villa da Tutoya, e até trilhado outra estrada, deixou de ir ao logar indicado.”



## LIVRO XIV

**SUMMARIO** :—Desintelligencias entre o presidente e o commandante geral das forças.—Apparecimento, no acampamento, do “O Militar”; seu redactor, sua linguagem, e consequente impossibilidade de continuarem, juntos, o presidente e o commandante das forças, a gerir por mais tempo os negocios da guerra.—Extractos de cartas escriptas do Maranhão e publicadas no “Despertador”, e “Jornal do Commercio”, condemnando a politica seguida pelo presidente.—Discussão dos negocios do Maranhão na camara dos deputados; defesa do presidente e da opposição pelo deputado Ottoni.—Demissão do presidente; suas causas, e sua administração julgada pela “Chronica Maranhense”.

Avisinhava-se já de seu termo esse malfadado anno de 1839, tão tristemente celebre pelos numerosos desastres e calamidades que fizera pesar sobre a provincia, quando a um sem numero de difficuldades, com que luctava o governo para dar o garrote á rebellião, veio juntar-se mais uma,—a noticia da desharmonia ou divergencia entre o presidente e o commandante geral das forças expedicionarias, isto é, entre aquelles que enfeixando em suas mãos a maior somma de poder e auctoridade, e devendo agir sempre sob a mesma unidade de vistas, eram, por isso mesmo, os primeiros responsaveis pela boa ou má direcção dos negocios da guerra.

Foi causa primordial dessa divergencia a promulgação do sanguinario Edital de 26 de Outubro, e a sua não approvação por parte do presidente. Assim é que, em resposta ao officio desta

auctoridade, em que modificava sensivelmente muitas das providencias decretadas n'aquelle edital, exprimia-se o commandante das forças nas seguintes termos:

“Permitta-me V. Exc. asseverar-lhe que me *surprehendeu* esta intimação tanto quanto eu a não devia esperar, não só por ter presente as ordens que V. Exc. me communicou em officio de 25 de Agosto ultimo, como porque estava convencido de que V. Exc. me tinha acreditado em a nossa conferencia no Guarapiranga, em que signifiquei a V. Exc. a minha intenção áquelle respeito; e as instrucções, que expedi aos commandantes geraes do meu commando, hem mostram o modo de fazer cumprir o edital, e as quaes instrucções enviei por copia a V. Exc., incluída em meu officio de 8 do corrente.

O officio de V. Exc., ora recebido, me constrange a rogar-lhe que, ou mande outro official substituir-me, e que seja encarregado de apagar toda a idea d'aquelle meu edito, ou pelo contrario *consinta* então que eu continuando a commandar as forças expedicionarias em respeito ás Ordens de S. M. Imperial, observadas segundo as ditas instrucções, continue a ter vigor aquella medida, que reputo proficua ao actual estado das cousas, e cuja revogação me attrahiria um completo desconhecimento, de que resultaria a quebra da força moral, e do respeito que devo gosar pela posição que occupo no centro das forças Imperiaes, cercado de inimigos occultos e descobertos.

Pesando V. Exc. as minhas razões com as que lhe possam ter apresentado os interessados na revogação que V. Exc. me exige, com attenção ás minhas representações fundadas nas que tenho recebido contra os fazendeiros, moradores e lavradores, que tendo se escapado para essa capital não podem impedir que suas propriedades estejam servindo de importantes recursos aos rebeldes, que em parte eu mesmo não posso acudir por falta de forças que occorram a esse serviço. Sirva-se então V. Exc. decidir como lhe parecer mais conveniente a bem do serviço publico, na convicção de que me submeterei sem estranhese ás sabias determinações de V. Exc. (1)

(1) Officio de 13 de Novembro de 1839, do commandante em chefe das forças expedicionarias ao presidente da provincia.

Enquanto assim respondia ao presidente o commandante das forças, surgia no acampamento, onde era distribuido, um pequeno jornal, "O Militar," todo em abono deste, como muito bem diz o Dr. Magalhães, e em discredito da primeira auctoridade da provincia.

Escrepto por José Joaquim de Figueredo e Vasconcellos, ex-redactor do "Sete de Abril," e mais tarde, do "Sete de Setembro," e que exercia o lugar de pagador das tropas, bem se vê que obedecia este jornal ás inspirações do commandante das forças.

Fazendo considerações sobre esse mesmo officio de 13 de Novembro, que acabamos de transcrever, assim se expressava o referido jornal:

"Em nosso primeiro número fizemos reflexões sobre as censuras da Chronica ao edital do commandante em chefe; dissemos então com franquesa propria d'alma desinteressada tudo quanto nos pareceo justo.

Quando isso escrevemos não tinhamos noticia das *pretensões exigentes* do Exm.<sup>o</sup> Presidente da Provincia ao Commandante em chefe, de quaes o escriptor miudo e inspirado, ou *inspirante* nos deu conhecimento em um dos seus ultimos numeros de Novembro.

Desta declaração colligimos que S. Exc. *por mera cortesia* fez o que outr'ora lhe *insinuára* o honrado escriptor!

Estamos bem, (dissemos nós ao lermos a Chronica) porque nosso Presidente é assás regrado pelas normas representativas: e porque julgassemos que a S. Exc. daria alguma resposta o commandante em chefe, cuidamos em procural-a; e nos ministráram copia do que acima se lê, e onde o respondente, guardando todo o decoro a S. Exc. e o respeito de subordinado, *ferre* com tudo a S. Exc. por o ter desconceituado, e desconfiado mesmo de suas promessas tão solemnemente feitas; e quaes S. Exc. acceitára; e por fim, procede como militar de honra, declarando que *desapparecerá* com elle o edital, ou subsistirá um com outro.

O que resolverá S. Exc.?...

Esperemos.

A que ponto de desintelligencia *quererá* S. Exc. *figurar,*

*com essas fraquezas de seu animo; que o commandante das forças está desintelligenciado de suas ordens?*

Com que interesse S. Exc. *quer sacrificar* a sanha de partidos um militar que com dignidade *o acata*, e que tem servido bem a seu contento, é cousa para nós incomprehensivel.

Todavia releva esperar por um termo de cousas.

S. Exc. já tem razão para conhecer que a sua politica, de boa que era, *vae degenerando*.

*Que a sua falta de franqueza em referir impetos ousados vae ser supprida pelo "Militar" — E, FINALMENTE, QUE A S. Exc. UNICAMENTE É DEVIDA A PUBLICAÇÃO DESTA FOLHA.*

Comparando-se os termos desrespeitosos deste artigo com os do officio, atrás já transcripto, vê-se logo, a primeira vista, que obedeceram ambos a uma e mesma inspiração, que foi, uma e a mesma, a mão que os traçou.

Attestado vivo da mais triste indisciplina, serviram elles também para tornar mais patente a desharmonia que já então lavrava entre estas duas primeiras auctoridades militares, e a consequente impossibilidade de continuarem, juntas, a gerir por mais tempo os negocios da guerra, sob pena de dilatar-se indefinidamente, senão comprometter-se, a obra da pacificação da provincia.

Commentando estes factos, em extremo desagradaveis, com muita verdade dizia a "Chronica":

"O Senr. Sergio, respondendo á ordens que o governo lhe dera para modificar o seu edital das feras, declara que essa ordem o *surprehendeu*, figura o presidente falto de fé, e fingindo-se esquecido do que com elle tractára, e a final diz-lhe que o dimitta, ou do contrario que *consintu* que o edital continúe a ter vigor!

Depois o secretario intimo e privado de S. S.<sup>a</sup>, talvez com a mesma penna com que redigiu o officio, escreveu-lhe os commentarios, que no *Militar* foram publicados logo em seguida.

Ali se diz com emphase que o Senr. Sergio *feve a S. Exc. por o ter desconceituado, e que por fim procede como militar de honra declarando que desaparecerá com elle o edital, ou subsistirá um com outro.*

O commentador depois desta especie de *ultimatum* diz que esperava ver o que S. Exc. resolveria... e da sua parte pretende que o presidente é *inspirado* pela Chronica a enjas insinuações se presta *por mera cortesia*, que quer *figurar* o commandante das forças em desintelligencia com elle, e que por motivos ignorados, e sinistros sem duvida, o que sacrificar a sanha de partidos!

O "Militar" conclue asseverando que a sua publicação é somente devida a S. Exc., isto é, que tem por fim fazer-lhe opposição, e refrear impetos ousados, que S. Exc. favoreça!

"Quando o commandante das forças, (concluia brilhantemente aquelle importante orgão de publicidade) não só assigna um tal officio, mas consente que dentro do seu proprio gabinete o seu secretario privado tracte o presidente por uma maneira tam pouco digna, suppondo-o até inspirado por um escriptor que em muitos pontos tem reprovado a sua politica, não se deve augurar muito bem dos negocios, e será maravilhoso se essa desharmonia, falta de respeito, desobediencia, ou como melhor nome tenha, não vier ajunctar mais algumas difficuldades aquellas com que já lucta a legalidade".

Emquanto deste modo corriam as cousas, começaram a apparecer nos jornaes da Corte, dirigidas do Maranhão, cartas nas quaes era a demissão do presidente instantamente pedida como medida de salvação para a provincia.

Essas cartas attribuidas a alguem, que papel saliente desempenhava na politica pelo apoio que prestava ao governo, diziam assim:

Maranhão 25 de Setembro de 1839.....

.....  
As cousas desta provincia quasi que se acham no mesmo estado.

Supposto que tenhamos hoje mais tropa de linha, comtudo nada ainda se tem feito.

Quasi todas as nossas forças estão em frente dos rebeldes, na Vargem Grande, e dispunhão-se a atacal-os: espera-se com anciedade pelo resultado.

No Munim ha uma guarnição de 300 homens, e outra igual no Itapecuri-mirim: os doentes são muitos.

Consta que um grupo de rebeldes passára para as partes do Mearim, e isto tem dado bastante cuidado, porque, se os revoltosos conseguem invadir o oeste da provincia, que he a parte que se conserva sã, tudo ficará assolado.

O governo vae mandar uma força de guardas nacionaes e 100 praças de marinha para a villa da Victoria.

O estado do Maranhão he mui serio, e se esta provincia se não pacifica, o fogo se communicará ás vizinhas.

Precisamos, a meu ver, de mais força, de suspensão de garantias, e de hum presidente militar, *ou antes de hum habil general.*

Creio que já lhe fallei sobre a politica do Manoel Felisardo. Elle, depois da perda de Caxias, acceitou o apoio negativo que lhe offerecerão os opposicionistas, promotores da desordem que assola a nossa malfadada provincia com o fito de que esses ambiciosos desistissem da protecção que davão aos rebeldes, e não continuassêem a tramar.

Isto era razoavel até um certo ponto; mas brevemente se estabelecerão relações de amizade entre alguns delles e o presidente, e receiámos, com todo o fundamento, que o homem não venha a ficar com as mãos inteiramente presas para obrar contra os rebeldes.

O desgosto dos legalistas é geral, e vae todos os dias subindo de ponto, porque o presidente não tem a energia e actividade necessarias: a posição em que elle se acha collocado he tal que com as melhores intenções, pouco ou nada pode fazer, e tudo participa da apathia e entorpecimento do governo.

O Manoel Felisardo, em summa, não he o homem proprio para acabar com a rebelião e dar-lhe garrote.

Nós não lhe temos feito opposição, e até temos procurado evitar que se faça, para lhe não tirarmos totalmente a força moral, o que, no misero estado da nossa provincia, seria grande mal; mas, apesar disso, elle a vae perdendo todos os dias.

(Carta particular).

—26 de Setembro—

O L... escreve para esta, attribuindo a si o não ser o presidente desta provincia rendido (e nada menos devia fazer) porem, os negocios que P... tem feito com a fazenda publica tornarão-se desgraçados; voltou regeitada a segunda porção de carne sua, que tinha ido para fornecimento das tropas do interior.

O presidente nomeou huma commissão para conhecer o estado della, e na mesma occasião que a junta estava-se reunindo, o presidente apresentou-se no Arsenal, pedindo que quieria ver a carne, examinou-a e disse que ella não estava podre, que já tinha feito o seu juizo, e que quieria ver o que a senhora commissão decidia; porem, a mesma, passados 10 minutos, havia lavrado termo que a carne se achava incapaz: que o presidente tem parte nestes negocios não há duvida.

O inspector da thesouraria offleiou ao inspector do Arsenal para lhe mandar o termo de ajuste e recebimento da carne, que a commissão tinha declarado incapaz; este respondeu-lhe que alli não constava de algum termo de ajuste, nem de recebimento, e que apenas alli se tinha recebido a quella carne *por ordem de S. Exc.*, vinda do interior regeitada; dizem-me tambem que o procurador fiscal, que deve assistir a todas as compras, diz que nada sabe deste negocio.

Tanto o protector como o protegido sahem muito pouco como se arranjam estes negocios; assentão que, por ter auctoridade, está tudo arranjado: e muito principalmente com mantimentos para tropa, de quem se está dependendo.

Sempre direi alguma cousa sobre politica, que em verdade estamos peiores que nunca.

O presidente, illudido de um falso e infernal systema de moderação (assoprado pelas influencias hoje bem conhecidas do partido Bemtevi) pretende, *prohibido que as nossas tropas ataquem os rebeldes*, trazel-os á ordem com o perdão serafico que elles offerece enquanto elles vão talando, roubando, e assassinando

quanto encontram, e tem o descaramento e ousadia, que tanta é a nossa fraqueza, de exigir do commandante das forças—amnistia absoluta, conservação de seus postos e sôldos, e sommas de dinheiro para despedir e pagar as suas tropas, e que individualmente se retirarão para suas casas, com as armas que tem, etc' etc, etc—A impunidade passa em proverbio entre elles!

Enquanto as nossas tropas se conservão em espantosa inacção, os officiaes de Pernambuco se tem desgostado em subido ponto, dizendo que vierão para debellar com as armas a rebelião, e não para fazerem de missionarios, soffrendo insultos e ciladas continuamente do inimigo, e, o que mais é, os soldados amontoados no Munim e outros pontos do interior tem cahido pela maior parte doentes, e lavrãdo o descontentamento a ponto de que tem havido deserções para os rebeldes!

Meu amigo, parece que o que se pretende é nada fazer até Dezembro, porque, começado o inverno, nada se pode tentar até Junho, isto para se fazerem as eleições geraes á vontade de certa gente, que dizem prometterão ao presidente de o fazer deputado, etc...

Enfim, de enojado com estas cousas nada mais posso dizer: não ha triunpho de materia, mas, se o governo central nos não acudir com melhores administradores, não sei onde isto vae parar.

Nós temos aqui uma capacidade militar, valente, conhecedora do terreno, e honrada quanto se pode ser; mas, é subordinado, e tem a infelicidade de ser major apenas (Falcão), o qual está muito desgostoso; e, o que mais é, *que todos estão persuadidos que, se elle fosse commandante das forças, estas desordens estarião acabadas, e não se teria tornado uma guerra de especulação de quem mais pillu.*

—27 de Setembro—

—Os malvados continuão a talar o nosso campo, e a devastar nosso tão bello interior; e o mais é que já desgraçadamen-



te infestão o Mearim, (como verás da proclamação do Manoel...  
.....que junta remetto), e bem receiosos de que Ylanna, Al-  
cantara e Guimarães não tardem a ser contagiados; contudo, se  
mudarmos de medico, talvez que com remedios fortes e bem ap-  
plicados possa ainda o mal ter cura; porem, a haver tardança da  
parte do governo central, em nos mandar um novo presidente  
que seja energico, então, bem podemos dizer: — Adéus infeliz Ma-  
ranhão—Falcão ainda existe aqui, não sabemos qual o seu desti-  
no; como é official honrado e corajoso, talvez que não convenha  
que seja mais empregado lá fóra. Este mui digno official é como  
sabes; e se tivéssemos toda a força a sua disposição, não preci-  
savamos aqui de mais tropa. Oh! este é dos de mão cheia; mas  
não faz conta aos que desejão a continuação da anarquia. *(bleu?)*

—Maranhão, 27 de Setembro—

O presidente, cada vez mais pateta com o seu systema  
de perdão serafico, e os rebeldes rindo-se, insultando as nossas  
forças, engrossando á vista da nossa força a fraqueza, etc.

O Sergio cada vez cõfirma mais a opinião que delle fiz-  
mos, é um espantallo militar, é uma nullidade na sua profissão.  
Forte azemolo cá nos mandarão! O major Leal (de Pernambuco),  
de quem se esperava alguma coisa, é melhor missionario que  
militar de coragem. O major Henriques é melhor fazenda, mas  
que pode fazer debaixo das ordens do sacristão-mór? Falcão  
está bom, tem tudo quanto nós precisavamos, porem, desgostoso  
com o passado e com o presente, nada pode fazer. Temos guerra  
(que é o que se quer) para muito tempo, não por falta de meios,  
*sem duvida, mas pela incapacidade que a dirige.*

A "Chronica" cada vez mais ufana, dissimulada e velhaca.  
—Ahi vae essa, que sem duvida foi escripta de proposito para o  
vapor a levar—canta como uma sururina.

*(Do Espertador).*

—Maranhão, 14 de Novembro—

O commandante das forças de certo não he o homem de que precisamos para acabar a guerra que assola esta provincia, porque com a força que tem a sua disposição, se tivesse habilidade e actividade precisa, muito poderia ter feito; entretanto sinto ter de fazer contra elle estas observações só porque a infame *Chronica* falla fortemente contra elle, não porque lhe não faça conta o modo porque tem procedido com os rebeldes, pois que ella e seus bons amigos cada vez estão mais firmes em seus negros planos de acabar com esta provincia, se tanto for preciso para conseguirem seus damnados fins, mas por lhe não ser affecto e ter tomado a peito o mover certa intriga com o proposito de o fazer substituir por alguém, a quem tambem intriga com o presidente, inutilisando-o de prestar seus serviços nas actuaes circumstancias.

As tropas de Piahy, com a morte de seu bravo commandante o major Clementino de Souza Martins, ficarão estacionarias na margem do Parahybá, e dellas nada mais consta.

Não se verifica a noticia, que aqui ha tres dias se espalhou, talvez para ir neste vapor, de haverem ás forças do Piahy retornado, as ensanguentadas ruinas de Caxias, que por não receber d'aqui o mais insignificante auxilio tornou a ser victima do sanguinario Balaio, inutilisando-se por esta *criminosa negligencia* os esforços dos honrados legalistas, que á custa de grandiosos sacrificios a tinham restaurado conservando-se de posse della mais de hum mez.

Dizem que no Brejo houve huma reacção feita pelo Valerio, e que ali se acha á testa de huma força de rebeldes convertidos de perto de quinhentos homens. Se esta conversa he sincera, muito receio pela sua sorte, pois não sendo o dito Valerio soccorrido pelas nossas tropas, he muito de suppor terá a Villa do Brejo a sorte de Caxias em segunda tomada, se para ali, como he de esperar, se dirigirem as forças rebeldes.

Alem de todos estes males tambem temos de lutar com o que nasce da falta de dinheiro; porque os cem contos que dahi vierão chegarão bem regrados para hum mez. Talvez quizesse o meu amigo saber a minha opinião sobre outras cousas que possam ter concorrido para manter este estado de inacção em que tem

estado as nossas tropas: porém eu, comquanto muito deseje vel-as removidas, tenho resolvido, pela mais grave das circumstancias, guardar silencio a respeito.

—15 de Novembro—

As cousas vão por aqui sem esperanza de melhora.

As vantagens que se têm obtido são todas de pouca ou nenhuma consequencia, e mui parciaes.

Caxias acha-se de novo em poder dos rebeldes, o inverno á porta, e tudo muito atrasado.

Acredite o meu amigo que tudo depende da cabeça: se tivéssemos tido um administrador de vistas menos acanhadas, mais decidido e energico, os meios que tinhamos na provincia, terião sido mais bem aproveitados.

A politica mesquinha, antes fraquesa do Manoel Felizardo, o tem levado a contemporisar com os principaes autores das desgraças do Maranhão, isto é, a pactuar com o crime. Elle tem de mais a mais perdido toda a força moral: se manda marchar algum batalhão de guardas nacionaes, como aconteceu com o do Jansen, os guardas não vão lá, e ficam impunes; muitas autoridades subalternas não executão as suas ordens, e ficam impunes!

Alguns dos facinoras que entrárão na revolta de Caxias, que até havião sido presos pelo sub-prefeito da comarca, o Dr. Raymundo, passeião livremente pelas ruas da cidade, e o presidente fecha os olhos e chama-se á ignorancia!

No Maranhão o presidente não é humna autoridade, mas hum nome.

Nós nos achamos n'uma collisão terrivel; não temos feito opposição manifesta, vamos moderando o espirito publico, que todos os dias se desenvolve contra elle, e que quasi já não pode ser comprimido, receiosos de perder totalmente as cousas nas criticas circumstancias em que está a provincia pela incertesa de ser elle mudado com os ministros que temos tido.

Os pasquins que apparecem todos os dias pelas esquinas contra o presidente são humna expressão do clamor publico soffocado.

Os anarchistas tratão agora de intrigar para a Córte a ver se obtem a demissão do Sergiô, e a nomeação do Falcão para commandante das forças.

*O Sergiô não he na verdade grande cousa, mas poderia ter feito mais, se o Manoel Feijó não lhe não tivesse tolhido os vãos pela propriedade que tem de enforçar a tudo quanto está com elle em contacto.*

A nomeação de Falcão seria uma calamidade nas actuaes circumstancias.

Idem.

(Do «Jornal do Commercio»).

Ao mesmo tempo que na capital do Imperio se dava publicidade a cartas destas nas quaes, entre outras cousas, se lia — *que não era o presidente uma auctoridade, mas um nome*, começava, na camara dos deputados, a despertar attenção, a direcção que ella tomando os negocios desta provincia.

Entrando em discussão, na sessão de 7 de Outubro d'aquelle anno (1833), a proposta do governo na qual pedia se lhe concedesse faculdade:

1.º De poder suspender no Pará as sociedades secretas e mesmo publicas para que taes sociedades se não podessem estabelecer senão com consentimento do presidente;

2.º Auctorisação para se poder no Maranhão e Santa Catharina deportar para fóra destas provincias, e suspensão de varias outras garantias a respeito da do Rio Grande do Sul.

Orando a este proposito, assim se exprimia o illustre deputado:

O Senr. Ottoni:—.....

“Vamos ao Maranhão.

Hum nobre deputado pela provincia de S. Paulo já mostrou com a Constituição que ali não existe rebellião, mas apenas sedição, bem que eminentemente violenta.

E se não existe ali rebellião, como se ha de permittir que se suspendão no Maranhão as garantias, contra o que expressamente determina o paragrapho 37 do artigo 179 da Constituição?

Ainda quando não houvesse o motivo da anti-constitucionalidade, que faz com que eu *in limine* rejeite a ideia de suspensão de garantias para o Maranhão, por motivos de conveniencia

publica, eu votaria contra a emenda do nobre ministro, para o presidente daquella provincia poder deportar as pessoas cuja presença considere perigosa.

A camara sabe o estado de hostilidade, de virulencia a que durante a administração do senhor Camargo tinham chegado os dous partidos naquelle provincia, e que se havia estabelecido entre elles huma lucta que parecia de extermínio, defendendo hum as ideias da opposição, e outro o systema que continuarei a chamar do terror, do gabinete de 19 de Setembro.

Quando estavam estes dois partidos assim em hostilidade aberta, apparece essa guerra de horras barbaras e salteadores commandados por Raymundo Gomes e por Balaió, invadindo a provincia.

Peço ao nobre ministro que informe se tem noticia em contrario do que tenho lido.

A medida, que crescerão os perigos no Maranhão, as pessoas que tinham feito opposição constitucional ao governo do senhor Camargo rejeitão toda a ideia de força, de violencia e de desordem contra o partido contrario; e grande parte delles prestão serviços ao senhor Manoel Felisardo para rebater Raymundo Gomes e Balaió.

Na *Chronica Maranhense*, jornal redigido com talento e decencia, apesar de ser da opposição, se fazem elogios ao actual presidente; e o redactor desta folha disse quando os rebeldes e salteadores devastarão Caxias:

Suspendamos nossas desavenças politicas, tratemos de salvar a causa publica; tratemos de salvar a provincia.

Esta linguagem nobre e eminentemente constitucional he que eu vejo na provincia do Maranhão, nesse partido da opposição; do outro lado porem vejo no partido que defendeu o senhor Camargo e a administração de 19 de Setembro ideias as mais exaggeradas, semelhantes áquellas que desgraçadamente partilhárão os ultra-legalistas do Rio Grande, chegando elles a publicar em suas folhas que o Maranhão carecia de hum presidente como o senhor Andréa!!!

Entretanto, o senhor Manoel Felisardo, com o systema de não acreditar nas calumnias dirigidas contra o partido da opposição, tem conseguido muito.

*O Senr. Belleza:*—Elle é o mesmo ainda que era no Ceará: hoje lançou-se nos braços de hum partido, da mesma forma que no Ceará se lançou nos braços de outro partido.

*O Senr. Oltoni:*—Não vejo isto nas folhas: dellas só vejo que o Senr. Manoel Felisardo pareceu querer a fusão dos partidos, e querer unicamente rebater Raymundo Gomes, Balaio e seus sectarios, e não declarar-se contra todas as pessoas que tinham opiniões politicas contrarias ás do gabinete de 19 de Setembro. Se taes são as circumstancias do Maranhão, será conveniente que passe esta medida?"

De espirito brando e conciliador, governando por si mesmo sem se deixar guiar por aheias inspirações, servindo ao partido dominante ao mesmo tempo que attendia tambem aos reclamos da opposição, talvez um excellent administrador em tempos mais calmos, não era effectivamente o presidente Manoel Felisardo o homem que mais convinha nas condições especialissimas em que se achava então a provincia do Maranhão.

A perda de Caxias e suas consêquências; a pouca ou nenhuma actividade do presidente diante da audacia sempre crescente dos rebeldes; o facto de ter elle mandado pôr em liberdade, sem que tomasse medidas de rigor, os emissarios, enviados d'aquella cidade, e do Brejo; e talvez, mais que tudo, a circumstancia de ter acceitado, após aquelle grande desastre, o apoio negativo da opposição, parece, acabaram por desarmar-lhe as ultimas sympathias do partido dominante.

Fraco, tibio, irresoluto, não podia já convir a nenhum dos dois partidos que se disputavam a posse do poder na provincia. Se dava umas tantas ordens não eram cumpridas; se mandava modificar o façanhoso edital, ameaçava-o logo o commandante das forças com um pedido de demissão, e o secretario privado declarava no "Militar" que se deixava o presidente governar por gazeteiros, mas que havia de amargal-o, porque aquelle jornal se levantára no acampamento só para lhe ensinar o bom caminho; e a tudo isto respondia o presidente com bastos elogios na primeira ordem do dia que publicava!

Nestas condições, chegadas as cousas a este ponto, impossivel tornava-se a sua permanencia á testa da suprema administração publica; a sua continuação, por mais tempo, nesse alto

posto importante no aniquilamento completo do principio da autoridade, e em sabe, talvez na conflagração total da provincia.

Quem quer, porém, que tenham sido os seus erros, sem absolvel-os todo, deverá o historiador, imparcial e justo, attender sobre as condições excepcionaes em que foi chamado a exercitar o governo.

Referindo-se a esta administração: dizia a "Chronica Maranhense":

O senhor Felisardo salvou a provincia, não cansamos de o repetir, recusando servir de ego instrumento ás vinganças d'aquelles que com a sua marcha errada a tinham perfurbado. Em verdade, quem pode calcular a que ponto teriam chegado as coisas, se á irritação, desenfreamento, e avidez de pilhagem das classes inferiores, as indiscretas e odiosas perseguições fizessem anir as riquezas, illustração, e influencia de homens honestos, e para esquivarem os horrores com que os ameaçavam, empregassem todos os meios, por desesperados que fossem? Fallamos em geral segundo o conhecimento que temos dos homens, e a experiencia de todos os tempos; porque, quanto a nós, e muitos amigos nossos, preferiamos a expatriação, os purões, e os ferros ao triste recurso de uma revolta sem futuro, e cujo presente todo se cifrava em roubos, incendios e matanças. Este mesmo serviço do senhor Felisardo, reconhece tal, segundo nos consta, pelo governo central, e pelo novo presidente, pe te indulgencia e desculpa para quaesquer desacertos que se possam notar no periodo da sua curta, mas difficil e trabalhosa administração.

E a Chronica, que durante esse tempo nunca deixou de fallar-lhe com a isenção e dignidade que competem a um escriptor independente, agora que elle se acha demittido, e em attenção a tal serviço, accellará de bom grado a necessidade de calar-se acerca do que se passou nos ultimos dois mezes dessa administração.

Depois do que ahi fica dicto nada mais resta nos a acrescentar. Escripto por quem nunca regateou louvores, é certo, mas tambem não poupon censuras, bem acerbas ás vezes á administração que findava, é este juizo mais uma prova do espirito altamente superior e recto que animava sempre ao insigne jornalista maranhense.

# INDICE

DAS

## MATERIAS CONTIDAS NESTE VOLUME:

**Dedicatória.**

**Ao publico.**

**LIVRO I.—SUMMARIO.**—Demissão dada a Camargo, suas causas. —Nomeação e posse do novo presidente, o capitão graduado do imperial corpo de engenheiros Manoel Felisardo de Souza e Mello.—Referências da "Aurora Fluminense" ao seu governo.—Como foi recebido pela opposição.—Erro do novo presidente officinando para a Corte, dando a revolta por terminada.—Reapparecimento de grupos de rebeldes em Mocambo, Queimadas da Soledade, Espigão, Miritiba, Bella-Agua, Chapadinha, Mariquitás e Caissara.—Apparecimento do Cosme na revolução.—Pequenos reveses soffidos pelas forças da legalidade. Nomeação do major Feliciano António Falcão para commandante das forças que operavam no interior da provincia.—Providências tomadas pelo presidente.—Combate dos "Mutins," derrota do Cosme.—Expedição dos Angicos; falsa apreciação do illustre auctor das "Notas Genealogicas" sobre a conducta do capitão Pedro Alexandrino.

**LIVRO II.—SUMMARIO.**—A verdade sobre a expedição dos Angicos, narração circumstanciada de tudo o que nella occorreu de-de a sua partida do Brejo até a sua capitulação.—Panico na capital, e grandes providências tomadas pelo presidente.—Chegada de forças das provincias do Ceará e Pará.—Abertura da Assembléa Legislativa Provincial.—O Relatorio do presidente e a "Chronica Maranhense."

**LIVRO III.—SUMMARIO.**—Consequencias do desastre da expedição confiada ao capitão Pedro Alexandrino.—As villas do Brejo, Tutoya, e povoação da Miritiba cahem successivamente em poder dos rebeldes.—Horribes atrocidades por elles commettidas nesses diversos logares.—O presidente faz seguir o alferes Antonio de Sampaio com 80 homens de 1.<sup>a</sup> linha para o Icatú.—Requisições sediciosas dos rebeldes ao presidente Manoel Felisardo.—Raymundo Gomes força os lavradores do Itapecurú, Urubú, e Codó a assignarem circulares convidando para uma reunião no acampamento rebelde.—Marcha do major Falcão, do Itapecurú-merim para o Penteado.—Ataque do Paulica.—Capitulação do presidio do Coroará.



-2-

**LIVRO IV.**—SUMMARIO.—Marcha dos rebeldes sobre Caxias.—Estado de defesa em que se achava aquella cidade.—Primeiras providencias tomadas pelo prefeito, coronel João Paulo Dias Carneiro.—Assedio da cidade pelos chefes rebeldes Getirana, I. J. Teixeira, Ruivo, Balaio, Mulungueta, Silveira, Violette, Moura e Cocque.—Apparecimento de Livio Lopes Castello Branco e Silva.—Divisão entre os legalistas, suas causas.—Os Drs. Francisco de Mello Continho de Vilhena e Antonio Manoel Fernandes Junior, e tenente-coronel Hermenegildo da Costa Nunes, commissionados pelo prefeito, vão ter com os rebeldes.—Regeição, por parte destes, de todas as proposições de paz.—Capitulação da cidade a 1.º de Julho, horrores praticados pelos rebeldes.—Pânico na capital, proclamação do presidente, e outras providencias tomadas pelo governo.—Creação do Batalhão Provisorio Auxiliador, composto de portuguezes e nacionaes.—Podia Caxias ser soccorrida a tempo? A quem attribuir-se a sua perda?

**LIVRO V.**—SUMMARIO.—Os rebeldes constituem a sua primeira *Junta Provisoria* em Caxias, e enviam uma deputação ao presidente.—Chegada da deputação á capital, requisições dos rebeldes, e da maneira porque foi aquella recebida pelo presidente.—Refutã-se o auctor da Memoria Historica.—A Revolução da Provincia do Maranhão—quando diz que os membros desta deputação eram Bentevis.—Celebre conferencia em Palacio entre o Dr. Joaquim Franco de Sá e o professor Francisco Sotero dos Reis; e narração circumstanciada de tudo o que na mesma se passou.—Bellissima carta de João Francisco Lisboa ao chefe rebelde José Joaquim da Silveira, escripta a pedido do presidente Manoel Felisardo.

**LIVRO VI.**—SUMMARIO.—Chegada do tenente-coronel Francisco Sergio de Oliveira, nomeado commandante das forças expedicionarias do Maranhão.—Outras providencias tomadas pelo governo geral para reduzir a rebellião.—Desastre no Icatú—Partida do presidente e do commandante das forças para o Icatú.—Ataque das Areias, e brilhante comportamento do major Faleão.

**LIVRO VII.**—SUMMARIO.—Regresso do presidente á capital.—Chegada de novos contingentes de tropas de outras provincias, e do capitão-tenente Joaquim Marques Lisboa, (fallecido marquez de Tamandaré), para commandar as forças navaes.—Entrada no Maranhão do major Manoel Clementino de Souza Martins á frente da divisão auxiliadora do Piahy: grandes serviços prestados por este valente militar, sua morte.—Restauração de Caxias.—Horroroso assassinato do vigario da villa do Senhor do Bomfim da Chapada, e consequencias da sua impunidade.

**LIVRO VIII.**—SUMMARIO.—Breve resenha dos successos mais importantes occorridos no interior da provincia, desde